



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CULTURA**

**JOSÉ CARLOS VANZELER POMPEU**

**SABERES DO TRABALHO E FORMAÇÃO DE IDENTIDADE DE  
PESCADORES ARTESANAIS NO MUNICÍPIO DE CAMETÁ-PARÁ**

**CAMETÁ - PA  
2017**

**JOSÉ CARLOS VANZELER POMPEU**

**SABERES DO TRABALHO E FORMAÇÃO DE IDENTIDADE DE  
PESCADORES ARTESANAIS NO MUNICÍPIO DE CAMETÁ-PARÁ**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação e Cultura do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura da Universidade Federal do Pará, como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Doriedson do Socorro Rodrigues.

Coorientador: Prof. Dr. Raimundo Alberto de Figueiredo Damasceno.

**CAMETÁ - PA  
2017**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- P788s Pompeu, José Carlos Vanzeler  
Saberes do trabalho e formação de identidade de pescadores artesanais no município de Cametá-Pará / José Carlos Vanzeler Pompeu. - 2017.  
159 f. : il. color.
- Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC), Campus Universitário de Cametá, Universidade Federal do Pará, Cametá, 2017.  
Orientação: Prof. Dr. Doriedson do Socorro Rodrigues  
Coorientação: Prof. Dr. Raimundo Alberto de Figueiredo Damasceno.
1. Identidade. 2. Pescadores. 3. Saberes. 4. Trabalho. 5. Usina Hidrelétrica. I. Rodrigues, Doriedson do Socorro, *orient.* II. Título
-

**JOSÉ CARLOS VANZELER POMPEU**

**SABERES DO TRABALHO E FORMAÇÃO DE IDENTIDADE DE  
PESCADORES ARTESANAIS NO MUNICÍPIO DE CAMETÁ-PARÁ**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação e Cultura do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura da Universidade Federal do Pará, como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação e Cultura.

Aprovada em: 04 de setembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Doriedson do Socorro Rodrigues  
*Universidade Federal do Pará*

Prof. Dr. Raimundo Alberto de Figueiredo Damasceno  
*Universidade Federal do Pará*

Prof. Dr. Gilmar Pereira da Silva  
*Universidade Federal do Pará*

Prof. Dr. Ronaldo Marcos de Lima Araújo  
*Universidade Federal do Pará*

Aos meus pais, Maria Benedita Vanzeler Pompeu e José Raimundo Cardoso Pompeu, primeiro por terem me dado a vida para que eu pudesse conhecer um pouco deste mundo tão lindo; depois pelo empenho em manter-me vivo e acreditar que através da educação eu conseguiria mudar a realidade em que vivíamos, marcada pela pobreza.

Aos meus irmãos José Sérgio Wanzeler Pompeu, José Maurício Vanzeler Pompeu e Cleycyane Sousa Vanzeler, os quais sempre me ajudaram, e juntos temos vencido as batalhas da vida.

À minha sobrinha Mayse Moraes Pompeu, meu “jomico famoso” tão alegre e engraçada que torna meus dias tão felizes.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, uma força que até hoje não consigo entender, mas que sei que está próximo de mim e me quer bem, pois tem sido presente em momentos extraordinários da minha vida.

Ao meu professor-líder-orientador-amigo, Prof. Dr. Doriedson do Socorro Rodrigues. Sem palavras para expressar a gratidão que sinto por este companheiro de “batalha” que me deu oportunidades de desenvolvimento intelectual e profissional e que formou-me enquanto pensador nesse mundo de contradições.

À minha namorada e companheira Raiana do Socorro Macieira Coelho que esteve ao meu lado nas noites de labuta, que cuidou de mim e torceu para que tudo desse certo, que acreditou em mim.

Ao Professor Dr. Rosivanderson Baia Corrêa pelas contribuições bibliográficas e cartográficas que foram extremamente importantes para feitura deste trabalho, sem falar da amizade de longa data que proporcionou a partilha de conhecimentos importantes para construção deste estudo.

Ao Professor M. Sc. Luís de Nazaré Viana Valente, um amigo excepcional que sempre acreditou no meu potencial e que na minha carreira paralela na docência jamais deixou de me auxiliar sempre com boa vontade. Este amigo-orientador-colega no trabalho, nos estudos, no lazer, sem dúvida marcou a história da minha vida profissional.

Aos pescadores artesanais da ilha de Tentém pela acolhida durante a pesquisa e pela confiança de fornecer informações sobre seus saberes e seu modo de vida para que assim eu pudesse mais que realizar uma pesquisa, entender um pouco da realidade da pesca artesanal em minha cidade e os impactos causados pelo modo de produção capitalista na vida dos trabalhadores.

Por fim, agradeço à Universidade Federal do Pará, que me proporcionou a oportunidade de qualificação profissional por meio do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Técnico.

“[...] existe um movimento histórico, ao mesmo tempo muito antigo e muito incerto, de passagem de certo modo de identificação a outro. Trata-se, mais precisamente, de processos históricos, ao mesmo tempo coletivos e individuais, que modificam as configurações das formas identitárias definidas como modalidades de identificação”.

*Claude Dubar*

## RESUMO

Este estudo investiga processos de formação de identidade de pescadores artesanais da ilha de Tentém, no município de Cametá-PA, a partir das condições materiais de produção de saberes do trabalho da pesca, no contexto pós-construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí (UHE). A dissertação em questão é apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura da UFPA/Campus de Cametá, linha de pesquisa: Educação Básica, Tecnologias, Trabalho e Movimentos Sociais na Amazônia. As análises direcionam-se à formação identitária do pescador artesanal no palco de disputas entre trabalho e capital, uma vez que consideramos que a identidade que se forma a partir das mudanças na produção dos saberes do trabalho da pesca, corrobora processos de emancipação dos sujeitos pescadores e de conformismo e manutenção do capital. Metodologicamente a pesquisa faz uso do materialismo histórico-dialético, observando as contradições e mediações, a partir do princípio da totalidade, que são travadas pelos sujeitos em seus processos produtivos e na construção de saberes do trabalho em relação com a formação de identidades, no interior de lutas entre trabalho e capital. A abordagem realizada é de base qualitativa, utilizando-se com instrumentos de coleta de dados, a entrevista semiestruturada e a observação participante. Ao final do percurso metodológico fazemos uso da Análise do Conteúdo (AC) para interpretação dos dados. Os resultados da pesquisa demonstraram que a construção da UHE de Tucuruí causou impactos negativos na materialidade produtiva dos pescadores artesanais da ilha de Tentém, fazendo com que os mesmos, a partir da produção de saberes, criassem mecanismos de enfrentamento dessas condições. Em meio à desordem causada pela construção da UHE, os pescadores da ilha de Tentém mostraram atitudes em defesa dos seus direitos, sendo a organização em Entidades Representativas e Associações de Pescadores, formas de resistência contra-hegemônica. No entanto, percebemos que certas atitudes dos pescadores alinharam-se à lógica do capital, ao considerarmos os processos de mercantilização da produção e o surgimento de relações patronais no interior da ilha. Podemos afirmar que a identidade do pescador artesanal da ilha de Tentém possui uma formação caracterizada pelo distanciamento do trabalho da pesca como atividade criadora de valores de uso, e que garanta suas condições materiais de existência.

Palavras-Chave: Identidade. Pescadores. Saberes. Trabalho. Usina Hidrelétrica.



## ABSTRACT

This study investigates the identity formation processes of artisanal fishermen from Tentém island, in Cametá-PA municipality, by material conditions of production of knowledge of fishing work, in the post-construction context of the Tucuruí Hydroelectric Power Plant (UHE). The dissertation is presented to the Master Course of the Postgraduate Program in Education and Culture of the UFPA / Cametá Campus, research line: Basic Education, Technologies, Work and Social Movements in the Amazon. The analyzes are directed to the identity formation of the artisanal fisherman in the stage of disputes between work and capital, considering that identity is formed from the changes in the knowledge production of fishing work ., corroborates to the emancipation process of fishers and conformism and maintenance of capital. Methodologically, the research makes use of historical-dialectical materialism, observing the contradictions and mediations, from the principle of totality, that are locked by the subjects in their productive processes and in the construction of work knowledge in relation to the formation of identities, within the struggles between work and capital. The approach is qualitative based, using data collection instruments, semi-structured interview and participants observation. At the end of the methodological course we use the Content Analysis (CA) to interpret the data. The results of the research showed that the construction of the Tucuruí Hydroelectric Power Plant caused negative impacts on the productive material of the artisanal fishermen from Tentém island, making them, as of knowledge production , create mechanisms to cope with these conditions. Regarding the disruption caused by the construction of the UHE, the fishermen from Tentém island showed their attitude towards the defense of their rights, being the organization in Representative Entities and Associations of Fishermen, a form of counter-hegemonic resistance. We can affirm that the identity of the artisanal fisherman from Tentém island has a formation characterized by the distancing of fishing work as an activity that creates values of use, and that guarantees its material conditions of existence.

Keywords: Identity. Fishermen. You know. Job. Hydroelectric Plant.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Usina Hidrelétrica de Tucuruí-PA.....	19
Figura 2 - Rio Tentém, Cametá-PA .....	38
Figura 3 - EMEF Professor Jacinto Garcia, Rio Tentém .....	38
Figura 4 - Filtro de água utilizado pelos moradores da ilha de Tentém.....	41
Figura 5 - Comunidade Cristã da Ilha de Tentém, Cametá-PA .....	43
Figura 6 - Caniço.....	97
Figura 7 - Tapagem.....	98
Figura 8 - “Parí” .....	99
Figura 9 - Canoa a remo .....	101
Figura 10 - Barco à motor ou “rabeta” ou “rabudo”.....	102
Figura 11 - Malhadeira ou “rede de emalhar” .....	104
Figura 12 - “Espingarda de pesca com Arpão” .....	106
Figura 13 - Semente de ucuúba ( <i>virola surinamensis</i> ) .....	112
Figura 14 - Semente de andiroba ( <i>carapa guianensis</i> ) .....	113
Figura 15 - Açaí ( <i>euterpe olerácea</i> ).....	114
Mapa 1 - Município de Cametá: Distritos .....	32
Mapa 2 - Município de Cametá: Região de Ilhas.....	33
Esquema 1 - Esquema Geral dos Dispositivos Dinâmicos de Três Polos.....	81

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 - Dimensões e Categorias Empíricas de Análise .....	53
Quadro 2 - Dimensão Técnica.....	107
Quadro 3 - Dimensão Produtiva .....	114
Quadro 4 - Dimensão Organizativa .....	119
Quadro 5 - Dimensão Política .....	128
Quadro 6 - Elementos de identidade voltados para resistência e conformismo com a ordem do capital.....	130
Tabela 1 - Número de filiados/associados por organização representativa .....	37

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Análise do Conteúdo
ACS	Agente Comunitário de Saúde
APADIC	Associação de Preservação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável da Ilha Cacoal
APAMUC	Associação dos Pescadores e Pescadoras Artesanais do Município de Cametá
CF/88	Constituição Federal de 1988
CSP	Categoria Socioprofissional
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INSEE	Instituto Nacional de Estatística e Estudos Econômicos
MONAPE	Movimento Nacional dos Pescadores
MOPEPA	Movimento dos Pescadores do Pará
MPA	Ministério da Pesca e Aquicultura
PROOTMA	Programa de Ordenamento Territorial em Meio Ambiente
PA	Pará
PSF	Programa Saúde da Família
RGP	Registro Geral da Pesca
SD	Seguro Defeso
SEAP	Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca
SINAFAPAC	Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura Familiar, Aquicultores e Pescadores Artesanais do Município de Cametá
STR	Sindicato dos Trabalhadores Rurais
SUDEPE	Superintendência para o Desenvolvimento da Pesca
UHE	Usina Hidrelétrica
UFPA	Universidade Federal do Pará
ZFM	Zona Franca de Manaus

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO I - AS TEORIAS E CAMINHOS METODOLÓGICOS QUE EMBASARAM A PESQUISA</b> .....	<b>27</b>
1.1 Contexto histórico da pesca artesanal no Brasil .....	27
1.2 A pesca artesanal no município de Cametá-PA.....	31
1.3 O <i>locus</i> da pesquisa: a ilha de Tentém, município de Cametá-PA .....	35
1.4 Sobre o método de pesquisa .....	44
1.5 A abordagem qualitativa.....	46
1.6 Procedimentos de coleta de dados .....	48
1.7 Tratamento e análise dos dados .....	52
<b>CAPÍTULO II - FORMAÇÃO DE TRABALHADORES, SABERES DO TRABALHO DA PESCA E IDENTIDADE NO CONTEXTO DA PESCA ARTESANAL NO MUNICÍPIO DE CAMETÁ-PA</b> .....	<b>56</b>
2.1 A relação trabalho e capital nos processos de formação de trabalhadores .....	56
2.1.1 <i>Trabalho e Capital e a (des)qualificação do trabalhador</i> .....	62
2.1.2 <i>O trabalho como princípio educativo</i> .....	67
2.2 Saberes do trabalho da pesca artesanal no município de Cametá-PA.....	72
2.3 Processos de formação de identidade de pescadores artesanais no município de Cametá-PA .....	84
<b>CAPÍTULO III - SABERES DO TRABALHO E FORMAÇÃO DE IDENTIDADE DE PESCADORES ARTESANAIS NO MUNICÍPIO DE CAMETÁ-PARÁ: MUDANÇAS A PARTIR DA RELAÇÃO TRABALHO E CAPITAL</b> .....	<b>93</b>
3.1 Saberes do trabalho da pesca em sua dimensão técnica e a formação de identidade de pescadores artesanais.....	94
3.2 A identidade dos pescadores artesanais da ilha de Tentém, em sua materialidade produtiva, após a construção da UHE de Tucuruí .....	108
3.3 A identidade dos pescadores artesanais no campo da organização dos saberes de trabalho da pesca na ilha de Tentém, município de Cametá-PA.....	115
3.4 A identidade dos pescadores artesanais da ilha de Tentém, município de Cametá-PA, em sua dimensão política: formação de identidade profissional e consciência de classe dos pescadores .....	120
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>136</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>140</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>148</b>

APÊNDICE A - Roteiro para entrevista semiestruturada com pescadores artesanais da ilha de Tentém.....	148
APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido .....	149
<b>ANEXOS .....</b>	<b>150</b>
ANEXO 1 - Acordo de Pesca da Comunidade de Tentém.....	150
ANEXO 2 - Requerimento 01/2017 – Contratação de Agente de Saúde .....	152
ANEXO 3 - Histórico da Comunidade Cristã de Tentém ano 2007 .....	153

## INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa foram analisados processos de *formação de identidade*<sup>1</sup> em interlocução com a produção de *saberes do trabalho* da pesca artesanal<sup>2</sup>. O objeto de investigação foi a formação da identidade dos *pescadores artesanais*<sup>3</sup> da ilha de *Tentém*<sup>4</sup>, município de Cametá-PA, a partir das condições materiais de produção de saberes do trabalho da pesca, após a construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí (UHE)<sup>5</sup>.

Investigar a formação da identidade dos pescadores artesanais no contexto pós-construção da UHE é entender a realidade em que vivem esses sujeitos enquanto cidadãos, trabalhadores, e acima de tudo, enquanto seres humanos. Nasci e fui criado na zona urbana do município de Cametá, no entanto, meus pais nasceram e foram criados na zona rural, na região de ilhas do município, meu pai, José Raimundo Cardoso Pompeu, na ilha de *pacacanga* e minha mãe, Maria Benedita Vanzeler Pompeu, na ilha de *tentém*, conheceram-se jovens, se casaram e foram “morar na cidade”. Assim, por ter muitos parentes nessas ilhas, uma parte da minha infância foi vivida nas mesmas, onde passava as “férias da escola”,

---

<sup>1</sup> A formação de identidade, nesta pesquisa, é analisada na perspectiva materialista-histórica, na qual consideramos os processos de produção dos saberes do trabalho da pesca artesanal como elementos por meio dos quais os sujeitos vão, historicamente, construindo suas singularidades. Consideramos que o trabalho da pesca, desenvolvido por meio dos saberes, contribui para formação da subjetividade dos pescadores.

<sup>2</sup> Consideramos saberes do trabalho como aqueles produzidos, mobilizados e modificados em situação de trabalho (FRANZOI; FISHER, 2015, p. 148); São técnicas que os pescadores usam “para modificar, comparar, diluir e reatualizar seus conhecimentos a fim de obter êxito nas pescarias” (MORAES, 2007, p. 20); Em termos de formação identitária são “modos de identificação historicamente variáveis” (DUBAR, 2009, p. 13).

<sup>3</sup> No âmbito da Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca da Presidência República - SEAP/PR (2004), *pescador profissional na pesca artesanal* é “aquele que, com meios de produção próprios, exerce sua atividade de forma autônoma, individualmente ou em regime de economia familiar ou, ainda, com auxílio eventual de outros parceiros, sem vínculo empregatício”.

<sup>4</sup> Tentém é uma ilha localizada na zona rural do município de Cametá-PA, e compõe um arquipélago de ilhas do município. É formada por área de várzea onde se constroem casas de madeira, geralmente às margens dos rios.

<sup>5</sup> “A usina hidrelétrica de Tucuruí é a maior hidrelétrica genuinamente nacional, localizada no Rio Tocantins, no município de Tucuruí, sudeste do Pará, a 310 quilômetros de Belém. A obra começou a ser projetada no ano de 1973, em plena ditadura militar, e só foi concluída em 1984, durante o governo Figueiredo. A área encoberta pode ser comparada a 304 campos de futebol, equivalente a 3.007 km<sup>2</sup>. Foi construída antes da lei que exige a realização de Estudos e Relatório de Impacto Ambiental (EIA/RIMA), como pré-requisito para o início da obra, sendo que o mesmo foi elaborado simultaneamente à sua construção, sem quase nenhuma influência. Assim, o alcance do lago foi imprevisível e, na época, milhares de pessoas tiveram que sair às pressas de suas casas, pois a água já estava próxima. A barragem deslocou cerca de 32.000 pessoas e há 31 anos elas lutam para garantir direitos”. Fonte: Ecoagência (Disponível em: <<http://www.ecoagencia.com.br>>. Acesso em: 29 mar. 2016).

alguns feriados e fins de semana. O contexto histórico era o início década de 1990, poucos anos após a construção da UHE, que foi concluída em 1984 e, portanto, os impactos da construção da barragem ainda eram sentidos com pouca intensidade.

A vivência no interior das ilhas na infância e o retorno após duas décadas, em ocasiões de viagens de veraneio, me permitiram perceber mudanças extraordinárias nos modos de vida dos pescadores. Hoje, por exemplo, ao contrário de vinte anos atrás, não se bebe mais água do rio. Naquela época lembro bem que amarrávamos uma corda a um balde e jogávamos no rio em busca de água fresca para beber e hoje, conforme observação de campo nas ilhas, constatei que os moradores utilizam filtros<sup>6</sup> para tomar a água do rio, que é imprópria para o consumo. Meios de transporte, antes usados com intensidade para atividade de pesca, como “canoas a remo”, hoje perderam espaço para “barcos a motor”. Essas são apenas algumas das mudanças de mais fácil percepção, que em conjunto com outras mais complexas - relacionadas à materialidade produtiva dos pescadores - contribuem para processos de formação de identidade do pescador artesanal, como veremos adiante.

As mudanças percebidas empiricamente ao longo dos anos, em diálogo com estudos que discutem, entre outros temas, os impactos socioambientais<sup>7</sup> decorrentes da UHE de Tucuruí, provocaram a inquietação para investigar a produção de saberes e a identidade dos pescadores artesanais.

Busquei, de início, problematizar as mudanças ocorridas nos modos de vida dos pescadores artesanais da ilha de Tentém, Cametá-PA, no contexto pós-construção da UHE de Tucuruí. Essas mudanças estão relacionadas às condições materiais de existência desses sujeitos a partir das quais se dá a produção de saberes do trabalho da pesca. Nesse sentido, busquei nesta pesquisa, problematizar as mudanças nas condições materiais dos pescadores da ilha de Tentém com a construção da UHE, as quais afetam os processos de produção de saberes que, por conseguinte, corroboram processos de formação da identidade do pescador artesanal. Depois busquei aporte teórico para discutir essas mudanças, e

---

<sup>6</sup> A água consumida pelos moradores da ilha de Tentém é transportada do rio por meio de bombas d'água até caixas d'água, onde é acondicionada, depois passa por filtros para tornar própria para o consumo (Cf. Figura 4). Os moradores que não possuem filtros vão até o distrito de Juaba buscar água em garrafas plásticas e outros recipientes.

<sup>7</sup> SILVA, Maria das Graças da. O reordenamento sócio-territorial na área da UHE Tucuruí. O Caso da Pesca no Baixo Tocantins (Para/Brasil). Sociedade Brasileira de Sociologia, 2003. Disponível em: [http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=1164&Itemid=171](http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=1164&Itemid=171)>. Acesso em: 21 out. 2015.



nessa busca surgiram indagações do tipo: *seriam essas mudanças apenas produtos da cultura na modernidade? Seriam apenas tendências inevitáveis da globalização?*

É nesta linha que Hall (2006) compreende a identidade, como a efetiva descentralização do sujeito na modernidade. Pensa o sujeito pós-moderno, com uma identidade formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais são representados nos sistemas culturais que os rodeiam, mostra a necessidade de adaptação deste sujeito em uma sociedade que influi e é influenciada pela globalização.

Contudo, decidi não tomar essa linha de pensamento para analisar meu objeto, uma vez que essa perspectiva não leva em consideração a identidade enquanto construção histórica, enquanto produto das relações dos homens com o mundo e com outros homens. Optei, então, pela corrente materialista-histórica de concepção da identidade, por meio da qual a identidade é entendida enquanto resultado das sínteses materiais humanas ao longo do tempo, uma vez que os pescadores artesanais materializam identidades não enquanto condição de expressão do seu modo tradicional e peculiar de vida, mas sim como sendo o resultado de múltiplas determinações que são forjadas no interior societário das relações de contradição e negação vividas por esses sujeitos.

Nessa perspectiva, a identidade é entendida como resultado de “processos que modificam os modos de identificação dos indivíduos em consequência de transformações maiores na organização econômica, política e simbólica das relações sociais” (DUBAR, 2009, p. 26).

Partindo, então, da concepção materialista de entendimento da formação da identidade, a pesquisa teve como objetivo geral *analisar a formação de identidade de pescadores artesanais do município de Cametá-PA, a partir das condições materiais de produção de saberes do trabalho da pesca, no contexto pós-construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí (UHE) e sua relação com processos de resistência e conformismo frente ao modo capitalista de produção.*

Nesse sentido, a pesquisa também tratou da formação da identidade do pescador artesanal no palco de disputas entre trabalho e capital, uma vez que consideramos que a identidade que se forma a partir das mudanças nas condições materiais de produção dos saberes do trabalho da pesca, corrobora processos de

emancipação dos sujeitos pescadores, bem como de conformismo e manutenção do capital.

Em termos específicos, a pesquisa trouxe os seguintes objetivos: 1) Discutir a formação de trabalhadores no interior das disputas entre trabalho e capital e contextualizar com o trabalho da pesca artesanal; 2) Caracterizar os processos de produção de saberes do trabalho da pesca no município de Cametá, oriundos da disputa entre trabalho e capital; 3) Analisar a identidade dos pescadores artesanais de Cametá-PA, formada a partir das condições materiais de produção de saberes do trabalho da pesca, no contexto pós-construção da UHE de Tucuruí-PA.

Dados os objetivos, damos início às discussões dos impactos da construção da UHE. Segundo Silva (2003, p. 1) a construção da UHE de Tucuruí causou inúmeros impactos<sup>8</sup> nas ilhas dos municípios que ficam à jusante da barragem<sup>9</sup>, entre eles Cametá. Consideramos que esses impactos corroboraram processos de *mudança*<sup>10</sup> na produção de saberes do trabalho da pesca, uma vez que esses saberes são produzidos de acordo com as condições materiais dos pescadores. Sendo assim, havendo mudanças nas condições materiais de produção dos saberes do trabalho da pesca, entendemos que houve, também, *mudanças* na identidade do pescador artesanal.

É importante frisar que as condições materiais de existência dos pescadores são forjadas por meio do trabalho da pesca artesanal (realizado por meio dos saberes), e sendo assim, é por meio do trabalho que o pescador constitui sua subjetividade, que forja sua identidade.

Marx (2008a) destaca que o trabalho é o elemento fundante das relações humanas e, por meio dele, o homem forja as condições materiais para a existência. Concomitantemente, o trabalho também vai constituindo a subjetividade, que vai permitindo uma construção de identidade, ou seja, de um conjunto de representações sociais em comum que possibilitam aos homens se integrarem em uma esfera

<sup>8</sup> [...] os impactos causados com a construção da barragem da UHE de Tucuruí, sentidos pela população na baixa produtividade dos solos de várzea, implicando na queda da produção de frutos como o cacau e o açaí; no desaparecimento de várias espécies de peixes e a diminuição acentuada dos cardumes de mapará; na poluição da água e no assoreamento do rio Tocantins, aumentando consideravelmente as doenças (BARRA; FURTADO, 2004, p. 64).

<sup>9</sup> O barramento do rio Tocantins configurou duas áreas distintas: uma área situada à montante da barragem, e a outra a jusante. Nesta inclui-se dinâmicas ribeirinhas pertencentes, notadamente, aos municípios de Cametá, Baião e Mocajuba (SILVA, 2003, p. 1).

<sup>10</sup> O conceito de "*mudança*" na produção de saberes do trabalho da pesca volta-se, neste trabalho, para processos históricos e relações interpessoais que determinaram novos direcionamentos técnicos, produtivos, organizativos e político-ideológicos no modo de vida dos pescadores artesanais da ilha de Tentém, município de Cametá.

coletiva, porque se percebem como sujeitos envolvidos por atividades similares, tanto no campo do trabalho, em sua manifestação concreta, quanto em sua expressão abstrata. Em sua expressão concreta, pelo trabalho o homem encontra as condições para sua humanização, produzindo cultura, saberes, condições materiais para sua existência física, independentemente do modo de produção que lhe constitua a história. Em sua faceta abstrata, objetivado pelo modo de produção capitalista, encontra razões para a organização política, para o envolvimento social enquanto classe que busca a superação de um modo de produção excludente (RODRIGUES, 2012, p. 140).

Atualmente, percebemos a incidência de uma desestruturação do trabalho da pesca artesanal, causada, muitas vezes, pela própria dinâmica do avanço do capital de outros setores de produção industrial capitalista (avanço das indústrias poluentes e conseqüentemente empobrecimento biológico do ambiente, das empresas madeireiras, da expansão turística etc.). Em Cametá, um dos mais fortes aspectos que impulsionou a desorganização do trabalho da pesca nas comunidades de pescadores artesanais foi a construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, iniciada em 1973 e concluída em 1984, que forçou o pescado a migrar para outras áreas, causando mudanças significativas na forma como os pescadores desenvolviam seu trabalho, a fim de buscar condições materiais de existência, como relata um dos entrevistados “[...] antes, na pesca da rede, era um grupo de pessoas que se reuniam para pescar. Hoje é individual, cada um pesca pra si mesmo. É raro, mas às vezes quando decidimos ir pescar longe da ilha aí vão, dois, três pescadores juntos, mas é muito difícil acontecer isso” (*Pescador 2*).

Do ponto de vista da organização socioeconômica preexistente à construção da barragem, isso significou a desestruturação das atividades de pesca e da agricultura praticada em várzeas e ilhas, sobretudo no trecho do rio que se estende desde Baião - atravessa Mocajuba, Igarapé-Miri, Limoeiro do Ajuru - até Cametá (MAGALHÃES, 2012, p. 13).

A construção da UHE de Tucuruí, obra que começou a ser projetada no ano de 1973 e só foi concluída em 1984, teve impacto direto na zona ribeirinha de Cametá, pelo fato de a mesma se encontrar no rio Tocantins, o qual faz parte da área de jusante (vazante da maré) da barragem. Entre os impactos estavam as constantes inundações que ocorriam fora do período de “inverno” regional, que causavam alagamentos de áreas de criação de animais para consumo próprio, e de cultivo de pequenas “hortas” familiares, ou seja, as *culturas de várzea*, causando

assim a desorganização dos espaços em que viviam os moradores das ilhas fluviais do Baixo Tocantins (Cf. SILVA, 2003. p. 3).

A Figura 1 mostra a Usina Hidrelétrica (UHE) de Tucuruí, situada no rio Tocantins, estado do Pará, é a maior em potência 100% brasileira (8.370 MW), cujo funcionamento exigiu a formação de um lago artificial, que inundou uma área de 2.830 km<sup>2</sup> (ELETRONORTE, 1989). A partir dos trabalhos de desvio do curso do rio, na década de 1970, seguido pelo fechamento da barragem, em 1984, o ambiente natural em análise passou a ter uma nova realidade, decorrente de sua fragmentação em três ecossistemas: *montante*, *jusante* e *lago*.

Figura 1 - Usina Hidrelétrica de Tucuruí-PA



Fonte: CIDADEDETUCURUÍ.COM. Disponível em:  
[http://cidadedetucurui.com/inicio/usina\\_hidreletrica\\_tucurui/USINA\\_HIDRELETRICA\\_TUCURUI.htm](http://cidadedetucurui.com/inicio/usina_hidreletrica_tucurui/USINA_HIDRELETRICA_TUCURUI.htm). Acesso em: 11 ago. 2016.

Assim, como consequência dessa nova dinâmica ambiental provocada pela construção da UHE de Tucuruí, houve a escassez de várias espécies de peixes na zona ribeirinha de Cametá - principalmente o “mapará” (*Hypophthalmus edentatus*) - que, com o barramento do rio, ficaram impedidas de se reproduzir, pois “[...] com a construção da barragem os peixes ficaram impedidos de subir para fazer a desova (processo através do qual o peixe subia até a cabeceira do rio para lá reproduzir), daí o seu desaparecimento imediato após o barramento do rio [...]” (SILVA, 2003, p.

6). Além disso, houve outras significativas alterações, que aos poucos foram sendo percebidas na fauna e flora, como o caso de “[...] mudanças na cor da água, que de cristalina, transparente, tornou-se escura, com mau cheiro. O aparecimento do lodo nas praias, a mortandade de peixes, em algumas áreas, o aparecimento de insetos antes inexistentes [...]” (SILVA, 2003, p. 9).

Quanto aos impactos causados pela construção da UHE de Tucuruí, Silva (2003) destaca:

Reconhecia-se, assim, que a convivência com este “novo” ambiente tinha gerado insegurança junto aos moradores locais, que não mais conseguiam reconhecê-lo com os saberes tradicionais que possuíam [...]. Nessa “região”, logo após a formação do reservatório, ocorreu um fluxo de migração forçada pelos processos de desestabilização socioecológica, configurados na escassez do pescado, na queda da produção do açaí e na falta de medidas compensatórias que pudessem assegurar a reestruturação das tradicionais relações que mantinham com o rio Tocantins e com a floresta (SILVA, 2003, p. 3).

Isto posto, consideramos que muitos saberes do trabalho da pesca, produzidos antes/a partir da construção da UHE de Tucuruí, entraram em *desuso ou ampliaram-se*<sup>11</sup>, em termos de elementos de identidade, dadas alterações nos processos produtivos dos pescadores artesanais, alterações das condições materiais de existência dos pescadores, que corroboraram mudanças na produção de saberes. Assim, por exemplo, as “canoas a remo”, que serviam intensamente, até antes da construção da UHE, de transporte para os procedimentos de captura dos pescados da região, entraram em desuso após a construção da UHE conforme relata um dos pescadores entrevistados:

Agora precisamos de barco a motor para ir mais longe buscar o pescado, ainda usamos canoas a remo para tentar pescar aqui próximo, mas é raro [...]. Você precisa ir longe para pegar os peixes que vão em cardume, por exemplo. Para ir pegar o peixe que se encontra lá na “boca” do limoeiro você não consegue com canoa a remo, tem que ser barco a motor [...]. E é onde tem o peixe, na baía (*Pescador 4*).

---

<sup>11</sup> Por *desuso* entendemos um conjunto de saberes que não se atualizam numa relação teórico-prática, enquanto unidade, haja vista que a produção que engendra a materialização desse saber já não se realiza no cotidiano dos trabalhadores. Por *ampliação*, entendemos processos de identidade que se alargam em termos significativos, uma vez que os processos de produção dos trabalhadores se ampliam, possibilitando a incorporação de outros elementos na construção de saberes, que favorecem a formação de identidades.

Ressalta-se que a “canoa a remo” era um elemento definidor da identidade desses trabalhadores, possibilitando inferir que o pescador artesanal era o sujeito que dominava saberes do pescar, bem como da produção de tecnologias de transporte, como a construção da “canoa a remo”.

Assim, por ter que percorrer longas distâncias para chegar ao local onde se encontravam aos peixes, aos pescadores artesanais passou a ser inadequado o uso de “canoas a remo” para a realização do transporte já que as mesmas necessitam de força física (“remar”) para locomoção. Nesse contexto, o trabalho da pesca artesanal passou a ser desenvolvido com uso de novos meios de locomoção, como barcos a motor, tais como “rabetas” ou “rabudos”, “lanchas”<sup>12</sup> etc., implicando a construção de novos saberes para o trabalho da pesca e, por conseguinte, elementos potencializadores de processos de formação de identidade desses sujeitos. No dizer de Marx; Engels (2006, p. 29), o capital, materializado na construção da UHE de Tucuruí, vai impondo modos de sociabilidade, alastrando-se “[...] em toda a parte [...], instalando-se “[...] em toda a parte [...]”, criando “[...] relações em toda a parte”, fomentando outras relações produtivas, outros processos de construção identitária, que podem corroborar mecanismos de desenraizamento e enfraquecimento de uma cultura de trabalho que liga os trabalhadores enquanto sujeitos pertencentes a uma categoria organizativa, porque já não se percebem unificados por um trabalho em comum, o ser social pescador.

Entendemos, então, que a construção da UHE provocou mudanças no modo de vida do pescador artesanal, colocando-o em contato com uma nova realidade, novos conhecimentos e novas formas de buscar sua subsistência. Isso tudo impactou diretamente no sentido que o pescador passou a dar para o trabalho e para produção dos “saberes do trabalho da pesca artesanal”, assim como corroborou para processos de formação de identidade dos pescadores artesanais, considerando que os saberes são elementos estruturantes de identidades.

A partir da análise da relação de produção de saberes do trabalho da pesca com processos de formação de identidade, mediados pelas ações dos sujeitos com o trabalho, buscou-se analisar a formação identitária dos pescadores artesanais e

---

<sup>12</sup> A embarcação denominada “rabetas”, também conhecida como “rabudo”, é uma espécie de canoa motorizada com motor a gasolina e eixo longo. A “lancha” é uma pequena embarcação motorizada que pode ser coberta ou descoberta, normalmente de pequeno porte. Tais embarcações funcionam como um transporte “táxi nos rios”, pois são velozes e acessíveis para o transporte de pequenas cargas e passageiros fazendo o percurso das comunidades das ilhas até a área urbana da cidade.

sua relação com o trabalho e capital, isto é, *em que pontos essa relação que se estabelece corrobora processos de resistência e conformismo frente ao capital?* Para dar conta disso fizemos a análise dos saberes do trabalho pesca, na ilha de Tentém, em suas dimensões técnica, produtiva, organizativa e política.

Sendo assim, para a Dimensão Técnica, foram feitas análises a partir das concepções de Braverman (1987), que discute as relações de trabalho no interior das disputas entre trabalho e capital, e traz contribuições sobre a formação e qualificação de trabalhador, divisão social e técnica do trabalho, que serviram de aporte para análises nessa dimensão. Nessa mesma linha, para dimensão técnica, recorreremos à Marx (2008a), Marx; Engels (1992; 1998; 2006) e Engels (2008) que, aliás, serviram de aporte para análises das demais dimensões (Produtiva, Organizativa e Política). Além destes, para a dimensão produtiva e organizativa nos apoiamos também em Vazquez (1968; 1977).

As questões expostas mostram o quanto os pescadores artesanais, que vivem nas margens dos rios da microrregião do Baixo Tocantins, sobretudo os pescadores da ilha de Tentém, tiveram seus modos de vida impactados pela construção da UHE de Tucuruí. Partimos do pressuposto de que esses sujeitos passaram a colocar em desuso, ampliar e até produzir novos saberes do trabalho da pesca artesanal para dar conta do novo cenário que se construía para a atividade de pesca na região.

Consideramos, portanto, que as mudanças na produção de saberes impactaram a formação identitária dos pescadores, o que nos conduz à formulação do seguinte problema: *Como os saberes do trabalho da pesca artesanal, reconfigurados após construção da UHE de Tucuruí, constituem a identidade dos pescadores artesanais da ilha de Tentém, em meio a processos de resistência e conformismo frente ao modo capitalista de produção?*

Apresentamos neste trabalho, como objeto de estudo, *a formação da identidade dos pescadores artesanais da ilha de Tentém, município de Cametá-PA, a partir das condições materiais de produção de saberes do trabalho da pesca após a construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí (UHE).*

E para compreender melhor o objeto de estudo, em suas relações dialéticas, trazemos as seguintes questões norteadoras: a) Como o pescador artesanal da ilha de Tentém, município de Cametá, se constitui enquanto trabalhador em meio às disputas entre trabalho e capital? b) Como se constituem os saberes dos

pescadores artesanais da ilha de Tentém, município de Cametá-PA nas dimensões técnica, produtiva, organizativa e política dadas as condições materiais dos pescadores após a construção da UHE? c) Como a identidade dos pescadores artesanais da ilha de Tentém, município de Cametá, formada a partir das condições materiais de produção de saberes após a construção da UHE, volta-se para processos de resistência e conformismo frente ao modo capitalista de produção?

Metodologicamente, a pesquisa embasou-se no materialismo histórico-dialético<sup>13</sup>, observando as contradições e mediações, a partir do princípio da totalidade, que são travadas pelos sujeitos em seus processos produtivos e na construção de saberes do trabalho em relação com a formação de identidades, no interior de lutas entre trabalho e capital.

Para melhor compreensão do objeto em estudo e sua relação dialética com os demais elementos apresentados, esta pesquisa foi pautada na abordagem qualitativa. Entendemos que o sujeito e o objeto desta pesquisa estão em inteira atuação, e nessa situação, busca-se a compreensão e não a visão terminalista da explicação. Assim “é necessário empreender rigorosamente a análise dos aspectos ideológicos, teóricos, metodológicos e técnicos visto que estão todos inter-relacionados no conjunto dos fatos históricos próprios de cada cenário a ser pesquisado” (MARQUES, 1997, p. 22).

Como técnicas de coleta, utilizamos a observação participante e a entrevista semiestruturada, uma vez que para uma abordagem qualitativa devemos partir de uma realidade observada e analisada a partir de percepções individuais, e por fim, tratamos os dados coletados por meio da análise do conteúdo.

Para alcançar os objetivos propostos, essa pesquisa fez uso da entrevista semiestruturada, por se tratar de um instrumento de geração de dados que possibilita abordar temas complexos, que envolvem diversas relações sociais, ou seja, que requerem uma análise profunda do objeto investigativo. Pois segundo Alves-Mazzotti; Gewandsznnajder (2000, p. 168), “por sua natureza interativa, a entrevista permite tratar de temas complexos que dificilmente poderiam ser

---

<sup>13</sup> O materialismo histórico-dialético é a concepção filosófica que trata o ser, a realidade material, como o elemento que determina o nosso pensamento, as nossas ideias e a nossa vida. Para o materialista, as respostas para os fenômenos físicos e sociais estão contidas nesses mesmos fenômenos. É um pensamento desenvolvido por Karl Marx que parte da concepção materialista da realidade, para, através do método dialético de análise, abordar de maneira mais correta e abrangente os mais variados fenômenos e ainda descobrir as leis objetivas mais gerais que regem a sua evolução (SECRETARIA NACIONAL DE FORMAÇÃO POLÍTICA DO PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO, 2016).



investigados adequadamente através de questionários, explorando em profundidade”.

Fizemos uso, também, da Observação Participante (BOGDAN; BIKLEN, 1994), como técnica de investigação, que usualmente se complementa com a entrevista semiestruturada. A observação participante requer um contato direto do pesquisador com os atores sociais investigados que no contexto desta pesquisa foram os pescadores artesanais da ilha de Tentém. Esse contato permitiu uma visão mais ampla do objeto investigado e uma análise mais realista das entrevistas realizadas.

Ao fim do percurso metodológico foi feita a análise dos dados, e como procedimento utilizamos a Análise do Conteúdo (AC), na perspectiva de Franco (2012), por ser um método de pesquisa que, entre outros aspectos, conta com o tratamento e análise de entrevistas e relatos orais dos entrevistados.

Para analisar a materialidade produtiva dos pescadores em suas dimensões técnica, produtiva, organizativa e política extraímos categorias empíricas de análise de cada dimensão, sendo elas na dimensão técnica: a) saberes que entraram em desuso ou pouco utilizados; ampliaram-se; e criação de novos saberes técnicos para pesca artesanal; e b) o processo de qualificação/desqualificação profissional no trabalho da pesca artesanal. Na dimensão produtiva: a) produção do pescado para consumo/venda; e b) atividades produtivas paralelas à pesca (criação de animais, horta familiar, coleta de frutas etc.). Na dimensão organizativa a) formas de organização das práticas de pesca artesanal; e b) organização e distribuição do pescado para consumo/venda. E por ultimo na dimensão política: a) formação de identidade profissional; e b) formação de consciência de classe.

. Com isso, buscamos entender, entre outras coisas, o movimento dialético que constitui a realidade social e histórica do trabalhador-pescador da ilha de Tentém, município de Cametá-PA, no interior das disputas entre trabalho e capital levando em consideração que a construção da UHE de Tucuruí, como materialização do capital na região, impactou a vida desses trabalhadores.

No Capítulo I intitulado “Os caminhos teóricos e as metodologias que embasaram a pesquisa”, discutimos os procedimentos teórico-metodológicos que a pesquisa se embasou. Iniciamos com a contextualização histórica da pesca artesanal no Brasil, dando enfoque à pesca artesanal na Amazônia, para que possamos entender as singularidades da pesca nessa região. Depois de

contextualizada a pesca na Amazônia, é feito um levantamento histórico da pesca artesanal no município de Cametá-PA, onde a pesquisa foi realizada, e em seguida apresentamos o *locus* de pesquisa: a ilha de Tentém. Seguimos descrevendo os métodos de pesquisa utilizados, momento em que é discutido o materialismo histórico-dialético como método que embasou essa investigação, uma vez que para análise da identidade dos pescadores artesanais, recorreremos à discussão sobre as condições materiais de existência desses sujeitos, para então discutirmos a produção dos saberes, e estes, como elementos, que em determinado contexto, forjam a identidade dos pescadores. E como abordagem de pesquisa, apresentamos a abordagem qualitativa, uma vez que a investigação da formação de identidade dos pescadores artesanais parte das percepções que esses sujeitos têm sobre seus saberes e sua identidade, ou seja, partimos da análise da subjetividade dos pescadores. Por fim tratamos dos procedimentos de coleta e análise dos dados, apontando a observação participante e a entrevista semiestruturada como procedimentos utilizados na coleta, e que permitiram a descrição do objeto pesquisado. E para a análise dos dados coletados, recorreremos à análise do conteúdo, por se tratar de um método que nos permitiu qualificar as vivências dos pescadores artesanais, bem como suas percepções sobre os saberes no contexto pós-construção da UHE e, portanto, nos permitiu a análise da formação da identidade.

O capítulo II intitulado: “Formação de Trabalhadores, Saberes do trabalho da Pesca e Identidade no contexto da pesca artesanal no município de Cametá-PA” está dividido em três seções principais (formação de trabalhadores, saberes do trabalho da pesca e identidade), na primeira seção, *formação de trabalhadores*, tratamos a relação trabalho e capital nos processos de formação dos trabalhadores. Foi abordado o contexto histórico da formação da classe trabalhadora, que vai desde o trabalho livre até o surgimento do modo de produção capitalista (“cooperação capitalista”, manufatura e maquinaria), discutindo a relação trabalho e capital em cada transição dos modos de produção (BRAVERMAN, 1987), para depois trazemos essas discussões para o contexto da pesca artesanal no município de Cametá-PA. Discutiu-se, em seguida, a relação trabalho e capital nos processos de qualificação dos trabalhadores, enfatizando a pormenorização do trabalho como uma “qualificação” que desqualifica o trabalhador, e por fim tratamos do trabalho como princípio educativo, relacionando-o ao trabalho da pesca artesanal e

observando as contradições entre trabalho e capital. Na segunda seção, *saberes do trabalho da pesca*, apresentamos uma revisão bibliográfica sobre a produção de saberes do trabalho da pesca artesanal, destacando as principais obras que tem embasado os estudos sobre essa categoria, entre elas MORAES (2007), RODRIGUES (2012), MARTINS (2011) e PANTOJA (2015), seguindo com apresentação de uma arqueologia teórica sobre *saberes e conhecimento*, relacionando-os a processos de formação de identidade. Na terceira seção tratamos da categoria *identidade*, a qual constitui o objeto de estudo desta pesquisa: *a formação da identidade dos pescadores artesanais da ilha de Tentém, município de Cametá-PA, a partir das condições materiais de produção de saberes do trabalho da pesca após a construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí (UHE)*, e que demandou maior aprofundamento. Nela, discutimos a identidade desde suas raízes filosóficas até a sociologia moderna, para em seguida contextualizarmos com a formação da identidade do pescador artesanal do município de Cametá-PA a partir das condições materiais desses sujeitos.

O Capítulo III destinou-se à descrição e análise dos dados. Intitulado: “Saberes do Trabalho e Formação de Identidade de Pescadores Artesanais no município de Cametá-Pará: mudanças a partir da relação trabalho e capital”, este capítulo tratou dos dados coletados na pesquisa de campo, ou seja, a descrição e análise das observações e das entrevistas semiestruturadas feitas na ilha de Tentém, com pescadores artesanais. As análises demonstraram a materialidade produtiva dos saberes dos pescadores, em suas dimensões técnica, produtiva, organizativa e política, e como isso corroborou processos de formação de identidade desses sujeitos. Além da análise da produção de saberes, como elementos definidores de identidade do pescador artesanal, foi analisada essa identidade, que se forma pelas condições materiais de produção dos saberes, e seu direcionamento para processos de emancipação e resistência frente ao capital e de conformismo e manutenção da ordem do capital.

## **CAPITULO I - AS TEORIAS E CAMINHOS METODOLÓGICOS QUE EMBASARAM A PESQUISA**

Neste primeiro capítulo, discutimos os procedimentos teórico-metodológicos adotados na pesquisa. Iniciamos com a contextualização histórica da pesca artesanal no Brasil, dando enfoque à pesca artesanal na Amazônia, no sentido de entender as singularidades da pesca nessa região. Depois de contextualizada a pesca na Amazônia, tratamos da pesca artesanal no município de Cametá-PA, onde a pesquisa foi realizada, e em seguida foi feita a descrição do *locus* de pesquisa: a ilha de Tentém. Seguimos discorrendo sobre o método de pesquisa, momento em que discutimos o materialismo histórico-dialético como método que embasou essa investigação, uma vez que analisamos as contradições e mediações a partir do princípio da totalidade, que são travadas pelos sujeitos em seus processos produtivos, e na construção de saberes do trabalho em relação com a formação de identidades no interior de lutas entre trabalho e capital. Com relação à abordagem, mostramos que a pesquisa foi desenvolvida por meio de uma abordagem qualitativa, uma vez que a investigação da formação de identidade dos pescadores artesanais partiu das percepções que esses sujeitos têm sobre seus saberes e sua identidade, ou seja, partimos da análise da subjetividade dos pescadores. Consideramos que a percepção dos pescadores acerca de suas condições materiais de produção de saberes, no contexto pós-construção da UHE, contrastada com teorias sobre saberes, identidade e formação de trabalhadores, nos permitiu uma visão mais aproximada das reais mudanças ocorridas na materialidade produtiva desses sujeitos, e por extensão, de na identidade. Por fim tratamos dos procedimentos de coleta e análise dos dados, apontando a observação participante e a entrevista semiestruturada, já que para uma abordagem qualitativa devemos partir de uma realidade observada e analisada a partir de percepções individuais, e por fim, para a análise dos dados coletados, recorreremos à análise do conteúdo, por se tratar de um método que nos permitiu qualificar as vivências dos pescadores artesanais, bem como suas percepções sobre os saberes no contexto pós-construção da UHE e, portanto, nos permitiu a análise da formação da identidade.

### **1.1 Contexto histórico da pesca artesanal no Brasil**

Os pescadores desenvolveram um papel importante na história do Brasil desde a colonização, sendo os índios os primeiros pescadores em águas brasileiras, seguidos dos negros escravos, que para seu sustento e/ou exploração do seu senhor, trabalhavam nos mangues e rios, em atividades pesqueiras.

Silva (1988, p.50) define o surgimento da categoria pescadores da seguinte forma:

Foi, portanto, desde a formação do escravismo colonial, que se desenvolveu uma categoria sócio-profissional específica no Brasil - os pescadores- que a despeito de ser extremamente explorada, adquiriu um caráter econômico autônomo e específico no conjunto da sociedade escravista colonial.

É, então, histórico o processo de marginalização pelo qual essa categoria de trabalhadores chamada de pescadores é submetida, uma vez que atualmente ainda são visíveis as dificuldades socioeconômicas enfrentadas pelos pescadores mesmo depois de políticas públicas criadas para regulamentar e incentivar a pesca no Brasil.

Torna-se importante ressaltar que o grupo dos pescadores está intimamente relacionado aos demais grupos espoliados no processo de “civilização”, como é o caso dos índios e dos negros escravizados no início da colonização. Portanto, podemos perceber através de fatos históricos, o quanto tem sido negado à classe dos pescadores o direito à cidadania e à participação social (BARRA; FURTADO, 2004, p.19).

Em se tratando de aspectos históricos da pesca no Brasil, cabe destacar que desde o início das políticas de regulamentação da atividade pesqueira, em que se destaca a criação, na década de 1960, da Superintendência para o Desenvolvimento da Pesca (SUDEPE) não havia preocupação direta com a preservação e conservação do pescado, mas apenas com a criação de órgãos para regulamentar sua extração. Destaca-se que a exploração do pescado intensificou-se a partir da década de 1950 com a introdução de motores a diesel e na década de 1960, os comércios locais disponibilizavam de linhas de náilon a preços acessíveis, ocasionando impactos socioeconômicos que contribuíram para a afirmação da pesca regional como atividade de grande importância comercial (MAIA, 2009, p. 7).

Após a extinção da SUDEPE, em 1989, foi criado o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), órgão do Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal, para onde migrou a

pesca; em 2003, foi criada a Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca (SEAP) e, no dia 29 de junho de 2009, Dia do Pescador, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a Lei nº 11.958, criando o Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA), atendendo ao anseio histórico dos pescadores e aquicultores do país, onde, atualmente, se encontra a gestão estatal da pesca (BARRA, 2013, p. 55).

Segundo o Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA) a pesca artesanal é exercida por produtores autônomos, em regime de economia familiar ou individual, ou seja, contempla a obtenção de alimento para as famílias dos pescadores ou para fins exclusivamente comerciais. “É uma atividade baseada em simplicidade, na qual os próprios trabalhadores desenvolvem suas artes e instrumentos de pescas, auxiliados ou não por pequenas embarcações, como jangadas e canoas. Esses pescadores atuam na proximidade da costa, dos lagos e rios” (PEREIRA, 2016, p. 83).

Segundo dados do Registro Geral da Atividade Pesqueira (RGP) do Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA, 2012), há uma estimativa de quase um milhão de pescadores artesanais hoje no Brasil, o que caracteriza a pesca artesanal como uma das atividades de maior impacto socioeconômico, haja vista a grande extensão litorânea e da biodiversidade pesqueira nas 12 grandes bacias hidrográficas brasileiras.

No contexto da região amazônica, a pesca também é considerada uma atividade tradicional antiga e muito desenvolvida em muitas áreas da região. Segundo Furtado (2002, apud MAIA, 2009, p. 24):

[...] a pesca é uma das atividades humanas mais importantes na Amazônia, constituindo-se em fonte de alimento, comércio, renda e lazer para grande parte de sua população, especialmente a que reside nas margens dos rios de grande e médio porte. O próprio processo de colonização dessa região, desencadeado a partir dos séculos XVII e XVIII e centrado ao longo da calha do Solimões/ Amazonas e de seus principais tributários é, em certa medida, o reflexo da importância dos rios e dos recursos pesqueiros na vida do homem amazônico. Mesmo em épocas mais remotas, há cerca de oito mil anos, quando a região era explorada apenas pelos índios, os peixes já se constituíam em recursos naturais importantes para a manutenção das populações humanas.

A pesca na região amazônica pode ser enquadrada em várias categorias, sendo a pesca de subsistência a mais comum, a qual caracteriza-se como uma atividade cotidiana praticada de forma artesanal, que parte de uma tradição cultural

da Amazônia e na maioria das vezes é praticada pelo grupo familiar. Nesse contexto de pesca, os pescadores utilizam aparatos simples como canoas, ou com mais frequência, atualmente, os barcos a motor chamados “rabeta” ou “rabudos”<sup>14</sup> para o deslocamento, linhas de mão com anzóis, “arpão”<sup>15</sup> e outros chamados “utensílios de pesca” simples.

Outra categoria de pesca na Amazônia é a Pesca Comercial Artesanal, à qual damos um maior enfoque, uma vez que segundo Rapozo (2009, p. 6) “é uma das primeiras atividades econômicas da Amazônia colonial, sendo que os colonizadores portugueses utilizavam o pescado como moeda de pagamento e troca no século XVII”, o que gerou a valorização do pescado e o surgimento de *pesqueiros-reais* na região.

A pesca comercial na região amazônica se intensificou principalmente com exploração do peixe-boi e posteriormente do pirarucu. À medida que o pescado é fortemente demandado para os centros urbanos, principalmente para a Zona Franca de Manaus<sup>16</sup>, a pesca vai se configurando como atividade de alto valor comercial. O papel do pescador comercial artesanal, nesse contexto, intensifica-se, uma vez que se torna uma das principais atividades remuneradas. Nesse estilo de pesca, o pescador faz uso de barcos equipados com “urnas” de gelo para conservação do pescado, que é transportado para os grandes centros urbanos para comercialização.

Essa contextualização histórica da pesca no Brasil, e mais precisamente na região Amazônica, nos mostrou o quanto a atividade pesqueira foi e é marcante nessa região. Nesse sentido, a realização de estudos sobre pesca se torna importante, uma vez que nos permite entender um pouco da realidade de uma categoria que, historicamente, representou uma importante alavanca da economia do país.

---

<sup>14</sup> A embarcação denominada “rabeta”, também conhecida como “rabudo”, é uma espécie de canoa motorizada com motor a gasolina e eixo longo. A “lança” é uma pequena embarcação motorizada que pode ser coberta ou descoberta, normalmente de pequeno porte. Tais embarcações funcionam como um transporte “táxi nos rios”, pois são velozes e acessíveis para o transporte de pequenas cargas e passageiros fazendo o percurso das comunidades das ilhas até a área urbana da cidade.

<sup>15</sup> O “arpão” é um instrumento parecido com a zagaia, mas com uma haste um pouco maior e mais pesada, de maneira a alcançar maior movimento e poder de penetração. A utilização do arpão na Amazônia se destina à captura do pirarucu (*sudis gigas*, *vastres gigas*) (MORAES, 2007, p. 34-35).

<sup>16</sup> A Zona Franca de Manaus (ZFM) é “uma área de livre comércio de importação e exportação, e de incentivos fiscais especiais, estabelecida com a finalidade de criar no interior da Amazônia um centro industrial, comercial e agropecuário dotado de condições econômicas que permitam seu desenvolvimento, em face dos fatores locais e da grande distância, a que se encontram, os centros consumidores de seus produtos” (DECRETO de Lei nº 288, de 28 de fevereiro de 1967).

Sendo assim, a escolha em pesquisar sobre a pesca artesanal, entre outros motivos, veio da inquietação de conhecer a história da pesca no Brasil, no sentido de entender como os pescadores historicamente tem desenvolvido o trabalho de pesca como forma de garantir suas condições materiais de existência, e nesse sentido estabelecer comparações com a pesca no município de Cametá, para assim discutir a formação da identidade do pescador em meio às contradições que se dão na luta histórica entre trabalho e capital.

## **1.2 A pesca artesanal no município de Cametá-PA**

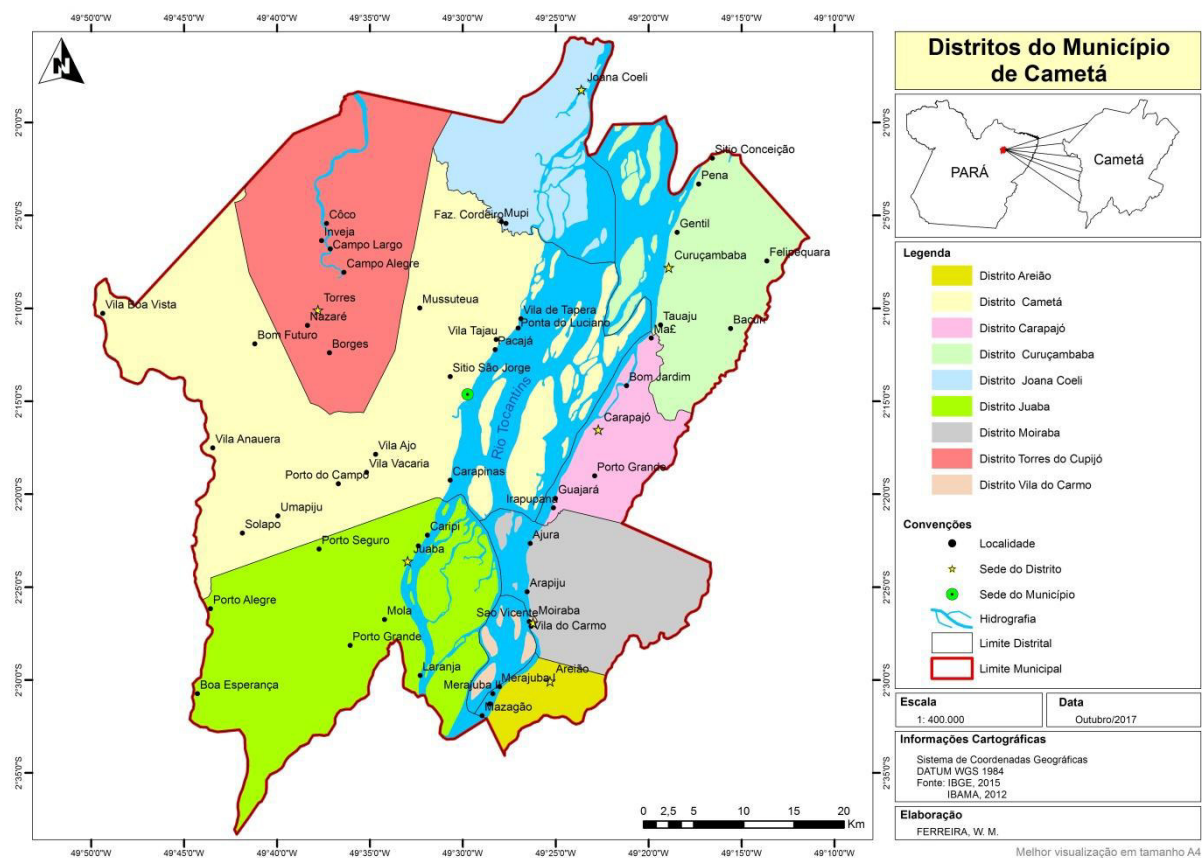
Para entendermos melhor o contexto da pesca artesanal no município de Cametá-PA, é importante conhecermos um pouco da constituição histórica do município. A fundação do primeiro povoado a partir do qual se deu nascimento e origem do Município de Cametá ocorreu por volta do ano de 1620, e atribui-se a Frei Cristóvão de São José, um frade capuchinho, o episódio da fundação desse primeiro povoado que foi reconhecido como cidade apenas em 1636, com o nome de *Vila Viçosa de Santa Cruz de Camutá* (IDESP, 2014, p. 8). O nome *Camutá* se deu em razão dos índios *Camutás*, conhecidos como os primeiros habitantes da localidade onde hoje encontra-se o município de Cametá. “[...] Daí a origem Tupi da palavra Cametá, que deriva de *Caá* (mato, floresta) e *Mutá* ou *Mutã*, uma espécie de degrau instalado em galhos de árvore feito pelos índios para esperar a caça ou para morar [...]” (RODRIGUES, 2012, p. 24).

Em termos de constituição geográfica, o Município de Cametá pertence à Mesorregião do Nordeste Paraense e a Microrregião de Cametá. A sede Municipal tem as seguintes coordenadas geográficas: 02° 14’ 54” de latitude Sul, e 49° 30’ 12” de longitude a Oeste de Greenwich. Limita-se ao norte com os municípios de Limoeiro do Ajuru e Igarapé-Miri, ao sul, com o de Mocajuba, a leste, com Igarapé-Miri e a oeste, com Oeiras do Pará (BRASIL, 2014, p.10). Cametá possui uma população de 120.896 habitantes, sendo 52.838 distribuídos na zona urbana e 68.058 na zona rural, representando uma distribuição demográfica de 58% da população vivendo na zona rural e de 42%, residindo na zona urbana (PANTOJA, 2015, p. 34). Trata-se, portanto, de um município com contingente rural maior que urbano, que é uma característica bem particular na configuração do espaço amazônico brasileiro.



A zona rural do Município de Cametá é subdividida em *Distritos*, também chamados de *Vilas*. São eles Areião, Carapajó, Curuçambaba, Janua Coeli, Juaba, Moiraba, Torres do Cupijó e Vila do Carmo. Nos distritos, assim como em todo espaço rural cametaense, e na Amazônia em geral, há uma subdivisão da área de terra firme em duas porções, sendo que “a primeira constitui a *região das ilhas*, onde predominam as atividades ligadas ao rio, como a pesca, e o extrativismo; e a segunda, a *região de terra firme*, onde predominam o extrativismo vegetal, mineral, a agricultura de subsistência e pequenos comércios” (PANTOJA, 2015, p. 34).

Mapa 1 - Município de Cametá: Distritos



Fonte: UFPA. Laboratório PROOTMA/Cametá (out. 2017).

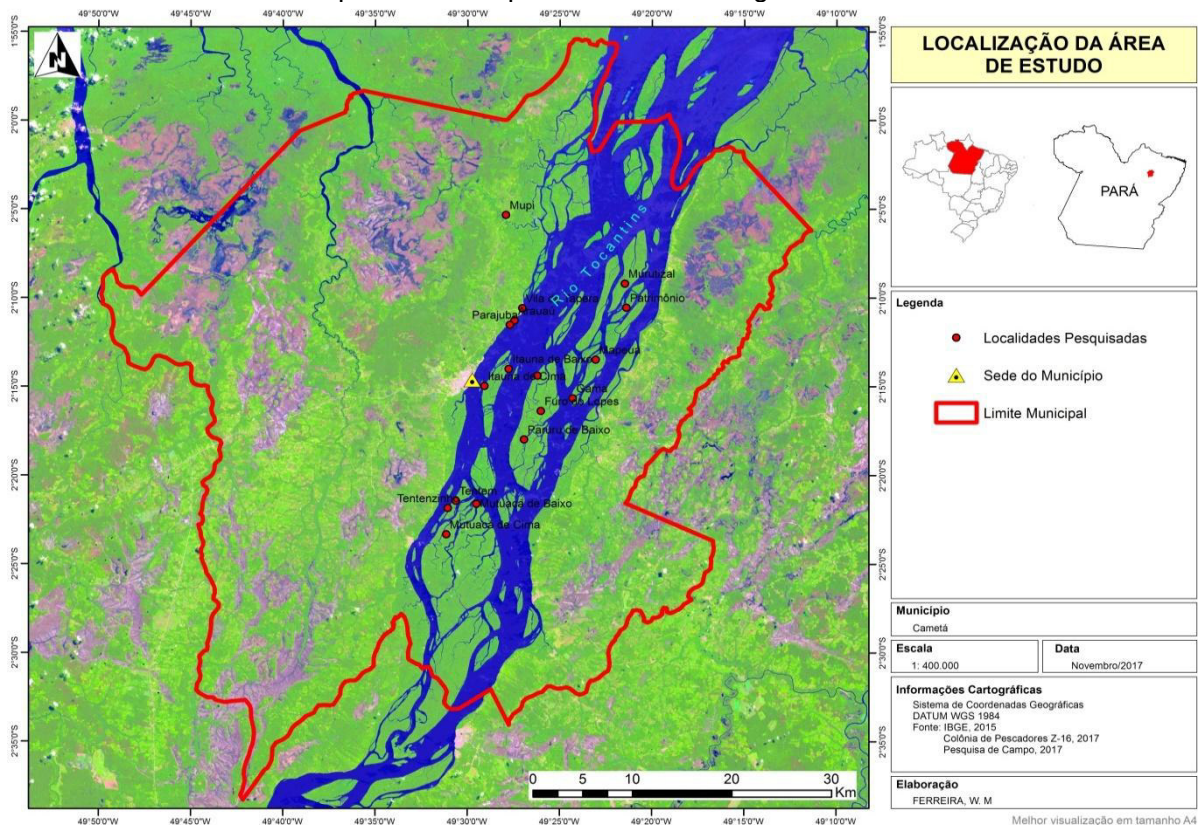
A região das ilhas do município de Cametá é onde vivem os *ribeirinhos*<sup>17</sup>, populações tradicionais caracterizadas, sobretudo, por suas atividades extrativistas, de origem aquática ou terrestre, onde vivem, em sua maioria, à beira de igarapés, igapós, lagos e várzeas. Para o ribeirinho, o rio institui o alicerce de sua

<sup>17</sup> Para Costa (2006, apud RODRIGUES, 2012, p. 27), “O termo ribeirinho é usado na Amazônia, segundo Hiraoka (1993), para designar os camponeses que vivem à margem das águas e vivem da extração e manejo de recursos florestais, aquáticos e da agricultura em pequena escala”.

sobrevivência, graças, sobretudo às terras férteis de suas margens, além de se apresentar como via de transporte. Geralmente os ribeirinhos dividem o tempo entre a pesca artesanal e a *pequena agricultura*<sup>18</sup>, que é baseada em sua maioria, na unidade de produção assentada na mão-de-obra familiar.

[...] as populações tradicionais possuem um modo de vida específico, uma relação única e profunda com a natureza e seus ciclos, uma estrutura de produção baseada no trabalho da própria população, com utilização de técnicas prioritariamente baseadas na disponibilidade dos recursos naturais existentes dentro de fronteiras geralmente bem definidas, adequando-se ao que a natureza tem a oferecer, e também manejando quando necessário. Em tais populações, ocorre uma constante transmissão de conhecimentos através das gerações como forma de perpetuar a identidade do grupo (DIEGUES, 1996 apud FRAXE et al., 2007, p. 94).

Mapa 2 - Município de Cametá: Região de Ilhas



Fonte: UFPA. Laboratório PROOTMA/Cametá (nov. 2017).

<sup>18</sup> A pequena agricultura caracteriza-se pelo cultivo de pequenas “roças” de mandioca, plantio de árvores frutíferas, hortaliças e plantas medicinais. É uma espécie de agricultura familiar amazônica, segundo Fraxe et al., (2007, p. 56), que caracteriza-se como uma importante forma de organização da produção que associa família, produção e trabalho nos diversos ambientes de produção terrestres e aquáticos. Os critérios utilizados pelos agricultores amazônicos para direcionar as decisões relativas às atividades agrícolas na agricultura familiar não visam apenas à rentabilidade, mas principalmente atender as necessidades básicas da família. Os agricultores familiares amazônicos se caracterizam por exercerem uma pluralidade de atividades produtivas que são fundamentais para complementar seus rendimentos e suas necessidades de sobrevivência.

Com relação aos pescadores artesanais do município de Cametá, eles estão presentes em um total de 122 localidades, com 523 comunidades cristãs (BARRA; FURTADO, 2004 apud RODRIGUES, 2012, p. 23). O trabalho da pesca artesanal é atividade que permite aos pescadores retirar da natureza seu alimento, no entanto, muitos pescadores desenvolvem outras atividades paralelas à pesca artesanal como forma de sanar outras necessidades como produtos de higiene pessoal e utensílios domésticos, roupas etc. Neste sentido, a pequena agricultura, o trabalho de carpintaria, extrativismo vegetal, criação de animais, produção de utensílios de tala, por exemplo, representam atividades extras, que funcionam como complemento à renda familiar, especialmente no período em que a pesca não é permitida (período do defeso estabelecido pelos acordos oficiais de pesca).

O desenvolvimento de atividades paralelas à pesca artesanal pelos pescadores do município de Cametá não é recente. O costume da prática agrícola remonta a chegada dos europeus no espaço amazônico em busca das drogas do sertão (Sec. XVII), seguido da expansão da economia extrativista com a exploração da borracha (fins do século XVIII). Nesse cenário os pescadores “forneciam produtos extraídos do interior das ilhas, como cacau, castanha-do-pará, borracha. Em troca, os comerciantes da Capital do Estado forneciam mantimentos como pagamento, no chamado *sistema de aviamento*<sup>19</sup>” (RODRIGUES, 2012, p.25).

Com isso, percebemos que a identidade do pescador artesanal do município de Cametá, historicamente construída, é de um trabalhador que domina várias especialidades. Trata-se, nesse sentido, de um “pescador lavrador” (BARRA; FURTADO, 2004), em outras palavras o “camponês ribeirinho” (RODRIGUES, 2012). Um trabalhador que desenvolve mais de uma atividade para suprir suas necessidades, que vai extrair para o seu sustento alimentos, tanto do mar (rios), quanto da terra, nunca, porém, sendo um especialista de atividade exclusiva.

---

<sup>19</sup> “O sistema de aviamento em Cametá foi mantido por comerciantes e empresários descendentes de portugueses, libaneses, sírios e brasileiros quase sempre descendentes de estrangeiros e, muito raramente, nativos da região tocantina egressos do extrativismo. Segundo declaração de entrevistados, era comum a ação integrada de uma família ou de um grupo de estrangeiros, compatriotas, comerciantes, que estabeleciam a cadeia do aviamento entre as ilhas, a cidade de Cametá, a região da terra firme e a cidade de Belém. Esses grupos eram responsáveis, em Cametá, pela cadeia de circulação de produtos extrativos e pelo abastecimento dos seringais com os produtos necessários à reprodução social dos camponeses ribeirinhos extratores da borracha”. (RODRIGUES, 2012, p. 25).

### 1.3 O *locus* da pesquisa: a ilha de Tentém, município de Cametá-PA

Em meio às singularidades do cenário amazônico, mais precisamente na região do Baixo Tocantins<sup>20</sup>, escolhemos como *locus* da pesquisa a ilha de Tentém,<sup>21</sup> localizada no distrito de Juaba<sup>22</sup>, na *Região de Ilhas* do Município de Cametá-PA.

A constituição histórica da ilha de Tentém teve como base a criação de uma comunidade cristã no ano de 1976, conforme consta no documento: “Histórico da Comunidade Cristã de Tentém ano 2007” (Anexo 3). Segundo as informações prestadas pelos pescadores da ilha durante as entrevistas, a comunidade do Tentém congrega outras comunidades cristãs como a de Pacovatuba, Muruacá, Mutuacá, Caripí, Fazenda, Ilha Grande de Juaba, Turema, Acará e Furtado, sendo ilhas próximas a Tentém.

Quando afirmamos que a comunidade do Tentém congrega outras comunidades, significa dizer que essas comunidades são envolvidas por laços religiosos cristãos, seja na organização e participação de cultos religiosos, seja em atividades recreativas, embora cada comunidade possua seu local de existência, sua ilha.

Em se tratando do termo *comunidade* na região das ilhas de Cametá, não devemos confundir comunidade cristã com comunidade ribeirinha, como afirma Fraxe (2007, p. 95) o “termo comunidade se deve muito à Igreja Católica progressista, onde na Amazônia, o termo chega à substituir [a definição] de aldeia, de povoado e acaba por nomear qualquer coletividade local”. As comunidades

<sup>20</sup> O território Baixo Tocantins-PA abrange uma área de 36.024,20 Km<sup>2</sup> e é composto por onze municípios: Abaetetuba, Acará, Baião, Barcarena, Cametá, Igarapé-Miri, Limoeiro do Ajuru, Mocajuba, Moju, Oeiras do Pará e Tailândia. A população total do território é de 739.881 habitantes, dos quais 390.579 vivem na área rural, o que corresponde a 52,79% do total. Possui 32.365 agricultores familiares, 24.701 famílias assentadas, dez comunidades quilombolas e duas terras indígenas. Seu IDH médio é 0,68. Fonte: *Sistema de Informações Territoriais* (Disponível em: <<http://sit.mda.gov.br>>. Acesso em: 08 ago. 2017).

<sup>21</sup> Rio e ilha localizados no distrito de Juaba, município de Cametá-PA. O topônimo deriva de um passarinho canoro, de coloração preta e peito amarelo, chamado tem-tém, abundante na localidade. No dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa, a palavra é um substantivo masculino que tem a designação comum *erva-de-passarinho*. Em Cascudo (1972, p. 861) encontra-se o nome de um pássaro chamado Tem-Tenzinho, conhecido por *cauré*, *caurê*, *coleirinha*, *caburé* e *cauaré*. Cauré = Caá – mato; *buré* por *poré* – morador. Morador do mato, porque procura habitualmente as selvas, fugindo da vizinhança dos centros populosos, bem como os índios que habitavam tal região, os *caamutá* (Caá – mato; muta – escada, degrau).

<sup>22</sup> Os distritos, no contexto do município de Cametá-PA, são considerados subdivisões da zona rural, são constituídos de várzeas e áreas de terra firme.

ribeirinhas representam a organização de várias famílias, são comunidades formadas por populações tradicionais<sup>23</sup>.

Essas comunidades tradicionais, no entanto, possuem peculiaridades que as definem. De acordo com Fraxe (2007):

Um aspecto importante na definição de comunidades tradicionais é a existência de formas de manejo dos recursos naturais determinados pelo respeito aos ciclos naturais, nunca explorando os recursos além do limite da capacidade de sua recuperação natural. Essas formas de exploração se revelam não somente economicamente viáveis, mas principalmente detentora de conhecimentos herdados pelos comunitários de seus antepassados [...] essas comunidades tendem a apresentar baixa densidade populacional, principalmente nas regiões tropicais, e fraco poder político. Como, em geral, essas populações desenvolveram estilos de vida baseados em relações de proximidade com a natureza – apresentam baixos padrões de consumo e não têm outras fontes de renda – é de fundamental importância para a sua sobrevivência o uso sustentável dos recursos naturais, de forma a não esgotá-los. A manutenção daquele estilo de vida favorece a preservação dos recursos naturais e da biodiversidade neles contida (FRAXE, 2007, p. 95).

Os dados coletados sobre a ilha Tentém, durante a pesquisa de campo, partiram dos relatos dos pescadores, do líder da comunidade cristã e do agente de saúde local, por meio das entrevistas, e de documentos fornecidos pelos mesmos (Cf. Anexos), uma vez que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e a Prefeitura Municipal de Cameté não puderam informar dados detalhados da ilha, com a justificativa que os dados são filtrados apenas por distritos. Assim, os dados coletados descreveram a formação histórica da ilha, contingente populacional, educação, saúde, economia, habitação, cultura, esporte e lazer, como vemos adiante.

Segundo os pescadores, a comunidade teve início no ano de 1976 e possuía em torno de 30 famílias. A ilha foi nomeada Tentém em homenagem a um pássaro de coloração preta e peito amarelo, chamado tem-tém, abundante na localidade.

---

<sup>23</sup> São “grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição”. Fonte: DECRETO Nº 6.040, DE 7 DE FEVEREIRO DE 2007. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm). Acesso em: 08 ago. 2017.

Atualmente a comunidade do Tentém é composta de aproximadamente 413 famílias, segundo dados do agente de saúde local, que acompanha a maioria das famílias na ilha. Segundo o agente, as 413 famílias possuem o total de 1.731 pessoas, sendo 980 mulheres e 751 homens. Do total de habitantes, 867 são filiados ou associados a entidades representativas, associações e sindicatos, seja como pescadores ou trabalhadores rurais, conforme o quadro abaixo:

Tabela 1 - Número de filiados/associados por organização representativa

<b>ENTIDADES REPRESENTATIVAS DE PESCADORES</b>	<b>Nº DE FILIADOS</b>
Colônia de Pescadores Z-16 de Cametá	700
<b>ASSOCIAÇÕES DE PESCADORES</b>	<b>Nº DE FILIADOS</b>
APADIC- Cametá	49
APAMUC - Cametá	38
SINAFAPAC - Cametá	27
<b>SINDICATOS DE TRABALHADORES RURAIS</b>	<b>Nº DE FILIADOS</b>
STR - Cametá	53
<b>Pescadores filiados/associados</b>	<b>814</b>
<b>Trabalhadores rurais associados</b>	<b>53</b>
<b>Pescadores e trabalhadores rurais filiados/associados</b>	<b>867</b>

Fonte: ACS Tentém (jun. 2017).

Os dados da Tabela 1 apresentam 814 moradores, quase a metade dos moradores da ilha Tentém, filiados/associados às organizações representativas de pescadores. Isso demonstra que os moradores comunidade são afeitos ao trabalho da pesca artesanal, uma vez que o domínio de saberes da pesca é condição necessária para filiação/associação em organização representativa de pescadores.

Considerando que a idade mínima para filiação/associação é 18 anos e que, segundo os pescadores, o ofício da pesca é passado dos pais para os filhos ainda jovens, podemos dizer que a maioria dos habitantes da ilha Tentém desenvolve atividade de pesca artesanal. Esse é um dos fatores que justificam a importância dessa ilha para o estudo em questão, cujo objeto é *a formação da identidade dos pescadores artesanais da ilha de Tentém, município de Cametá-PA, a partir das condições materiais de produção de saberes do trabalho da pesca após a construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí (UHE)*.

Outro fato que torna a ilha Tentém importante para esta pesquisa é que esta ilha, entre outras pertencentes ao município de Cametá, foi afetada pela construção da UHE de Tucuruí, conforme relatam os entrevistados:

Depois da construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí veio a seca do rio. Vocês podem observar que agora por aqui há apenas praia, antes aqui o rio era fundo. Lá onde eu moro você atravessa de um lado para o outro do rio a pé, em maré baixa (*Pescador 1*).

[...] hoje, se fosse só da pesca você não conseguiria sobreviver [...] depois da construção da hidrelétrica o pescador só dá longe daqui e a maioria dos pescadores não tem condições de manter geleiras pra ir buscar o pescado; já no passado, antes da construção da hidrelétrica você conseguia sobreviver só da pesca (*Pescador 4*).

Figura 2 - Rio Tentém, Cametá-PA



Fonte: Arquivo da pesquisa (fev.2017).

Com relação à educação, a ilha Tentém conta com uma escola de ensino fundamental (1ª a 8ª série), a EMEF Professor Jacinto Garcia, que atende um total de 410 alunos. A escola possui 12 salas de aula, sala de leitura, copa, banheiro e quadra poliesportiva. O quadro de servidores conta com Diretora, Supervisora, 14 Professores, 03 Vigias, 01 Agente de Portaria e 02 Merendeiras.

Figura 3 - EMEF Professor Jacinto Garcia, Rio Tentém



Fonte: Arquivo da pesquisa (jun.2017).

Embora, aparentemente, a escola possua uma boa estrutura para atender os alunos, havia vários problemas relacionados à gestão da mesma, em se tratando de políticas do município. Durante uma das etapas da pesquisa realizada no mês de junho de 2017 constatei que não estava ocorrendo aulas na escola por diversos fatores, entre eles estava a falta de pagamento dos professores por parte da Prefeitura Municipal de Cametá, cujo atual prefeito é José Waldoli Filgueira Valente. Segundo os moradores da comunidade, a prefeitura também não enviava merenda para escola havia 03 meses e, portanto, os alunos que se deslocavam de longe para estudar, acabavam passando fome. Outras reclamações com relação à prefeitura de Cametá estavam relacionadas ao transporte escolar, segundo os moradores havia apenas 08 lanchas com capacidade para 40 pessoas, o que não era suficiente para atender todos os alunos da comunidade, que muitas vezes eram trazidos pelos pais em barcos próprios e com recursos próprios para custear combustível.

Com relação à saúde, os pescadores relataram que não há Programa Saúde da Família (PSF) na comunidade, isto é, não há pronto atendimento na ilha. Os moradores precisam deslocar-se para o PSF do Juaba, que fica próximo à ilha, ou para os postos da zona urbana do município.

Para atendimentos emergenciais na ilha, os moradores informaram que há uma “ambulancha” que fica no Juaba e outra que fica em Cametá, e em casos de emergência as mesmas são acionadas para prestar socorro. Contudo os moradores atentam para graves deficiências com relação à atenção básica à saúde na ilha, que assim como na educação, segundo eles, é fruto da má gestão do prefeito Waldoli Valente. Os moradores denunciaram a carência de medicamentos básicos tanto no PSF do Juaba quanto nos da zona urbana da cidade, e também com relação à saúde básica, segundo os moradores, há apenas 01 agente de saúde na ilha, que atende cerca 30% das famílias desde 2004, quando um segundo agente foi demitido. Nessa situação, aproximadamente 289 famílias deixam de ter atenção básica à saúde na ilha. Os pescadores informaram que já haviam feito vários requerimentos à prefeitura, inclusive o ultimo data de 14 de fevereiro de 2017 (Cf. Anexo 2), mas que até aquele momento não haviam obtido resposta.

Em termos de saúde é, também, importante salientar a disponibilidade de água própria para o consumo na ilha. Os moradores informaram que “há aproximadamente 20 anos” os moradores da ilha Tentém consumiam água



diretamente do rio, no entanto foram percebendo, paulatinamente, no decorrer dos anos, que o consumo de água direta do rio estava causando problemas de saúde. A resposta para essa mudança na qualidade da água, como pressupomos, está relacionada à construção da UHE de Tucuruí, conforme estudos já realizados sobre os impactos desse empreendimento nos municípios que ficavam área de jusante da barragem. Segundo Alves et al. (2015):

No “vilarejo posteriormente nomeado de Vila Cameté [...] Os moradores a retiram [água] com latões e baldes diretamente do rio contaminado para o consumo, sejam para a alimentação ou para os afazeres domésticos, estes, pouco, utilizam cisternas ou poços, o que diminuiria os riscos de contaminação. No que se refere à água para beber é usado Hipoclorito (produto usado no combate a agentes contaminantes), porém, não há o suficiente, pelo fato, de os moradores não acreditarem, que essa substância tenha eficácia, como afirmam os fiscais sanitários do município de Tucuruí” (ALVES et al., 2015, p. 4).

Nesse contexto, a construção da UHE, além de desprover os pescadores do livre consumo da água, como meio de vida, provocou desestabilidade na prática das diferentes formas de saber dos moradores das comunidades ribeirinhas do município de Cameté, como afirma Silva (2003):

Nos depoimentos de moradores locais [Cameté] [...] Os seus hábitos culturais de consumir água [sem tratamento] diretamente do rio, tomar banho, lavar roupa ou até mesmo os utensílios de cozinha, a valorização simbólica do rio e da floresta construída por meio de diferentes formas de saber em relação à natureza, foram bruscamente desestabilizados (SILVA, 2003, p. 9).

Em termos de formação de identidade essas mudanças impactaram significativamente os pescadores da comunidade de Tentém, uma vez que desproveram os mesmos de muitos dos seus saberes, os quais lhes forneciam “um conjunto de representações sociais em comum que possibilitam aos homens se integrar a uma esfera coletiva” (RODRIGUES, 2012, p. 140). Ao mesmo tempo em que permitiam “objetivar a realidade, transformando-a, [e assim] também constituindo sua subjetividade, transformando-se em um ser social conhecedor de rios, peixes, processos de pesca e que vai se forjando materialmente ‘no cotidiano da vida do pescador’” (Ibidem, p. 148).

Ainda com relação à identidade, é notável que o pescador artesanal na ilha de Tentém não se reconheça mais como sujeito que tem o rio como fonte de vida,

já que além da escassez do pescado pelo barramento do rio, houve mudanças na água como a coloração, cheiro, que indicavam sua contaminação. Como afirma Silva (2003):

Orientados por seus saberes e fortalecidos pelas relações sociais que estabelecem nos debates, grupos sociais locais passaram a identificar mudanças na cor da água que de cristalina, transparente tornou-se escura, com mau cheiro. O aparecimento do lodo nas praias, a mortandade de peixes, em algumas áreas, o aparecimento de insetos antes inexistentes, a falta de determinadas espécies após cada período da desova (defeso, piracema), foram delineando cada vez mais as transformações (SILVA, 2003, p. 9).

A água consumida hoje na ilha Tentém, no preparo dos alimentos e no consumo próprio, segundo os moradores, é filtrada. É transportada do rio por meio de bombas d'água até as caixas d'água, onde é acondicionada, depois passa por filtros para tornar própria para o consumo. Os moradores que não possuem filtros vão até o distrito de Juaba buscar água em garrafas plásticas e outros recipientes.

Figura 4 - Filtro de água utilizado pelos moradores da ilha de Tentém



Fonte: Arquivo da pesquisa (jun.2017).

No aspecto econômico, os pescadores artesanais informaram que as principais fontes de renda vem de programas e benefícios do governo federal como seguro defeso<sup>24</sup>, bolsa família<sup>25</sup>, bolsa verde<sup>26</sup>, auxílio maternidade, aposentadoria pelo trabalho de pescador, trabalhador rural ou invalidez etc., uma vez que a pesca excepcionalmente garante uma produção suficiente para alimentação e com excedente para venda. Como afirma um dos entrevistados: “Às vezes eu tenho visto alguns pescadores que puxam “tucunaré”, “filhote”, ainda grandes e pegam esses peixes e vão direto pra cidade vender, mas é uma pessoa só. E eu já não faço isso, se eu puxar um peixe desses, eu vou é comer! [risos]” (*Pescador 2*).

Com relação à habitação, os moradores da ilha de Tentém possuem um histórico de abandono, independente da construção da UHE. Como já foi dito, a comunidade teve início no ano de 1976 e possuía em torno de 30 famílias, segundo os entrevistados, nessa época as condições de habitação eram precárias, as casas eram cobertas com palha e nem sempre emparedadas completamente, o que permitia que animais, insetos, e o frio das madrugadas fizessem parte da rotina dos poucos moradores da ilha.

Nesse período, embora a pesca fosse atividade que garantisse a alimentação para os pescadores, faltava-lhes materiais de uso diário como roupas, pasta de dente, sabão, querosene, utensílios domésticos etc. Segundo os entrevistados, nessa época o papel/moeda não circulava na ilha e portanto o comércio era feito por meio do sistema de troca, conforme o relato dos pescadores:

---

<sup>24</sup> O seguro defeso é conhecido como o seguro desemprego do pescador artesanal profissional, é uma ajuda financeira concedida em períodos em que o mesmo é proibido de pescar, para preservar o período de reprodução dos peixes, sendo assim, os profissionais desta área acabam ficando sem meios de sustento durante período do defeso. Fonte: Ministério da Pesca e Aquicultura (Disponível em: <<http://mpa.gov.br>>. Acesso em: 06 jan. 2016).

<sup>25</sup> O Bolsa Família é um programa que contribui para o combate à pobreza e à desigualdade no Brasil criado em outubro de 2003. O Programa atende às famílias que vivem em situação de pobreza e de extrema pobreza. O valor que a família recebe por mês é a soma de vários tipos de benefícios previstos no Programa Bolsa Família. Os tipos e as quantidades de benefícios que cada família recebe dependem da composição (número de pessoas, idades, presença de gestantes etc.) e da renda da família beneficiária. Fonte: Ministério do Desenvolvimento Social (Disponível em: <<http://mds.gov.br/assuntos/bolsa-familia/o-que-e/beneficios>>. Acesso em: 10 ago. 2017).

<sup>26</sup> O Bolsa Verde é um programa de transferência de renda para famílias em situação de extrema pobreza que vivem em áreas de relevância para a conservação ambiental. Funciona como um incentivo às comunidades para que continuem usando, de forma sustentável, os territórios onde vivem. O programa concede R\$ 300 reais, de três em três meses, para as famílias que sejam beneficiárias em áreas para a conservação ambiental, respeitando as regras de utilização dos recursos. O benefício será concedido por dois anos, podendo ser renovado. Fonte: Ministério do Meio Ambiente (Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/desenvolvimento-rural/bolsa-verde>>. Acesso em: 10 ago. 2017).

“Naquele tempo só existiam os peixes para nos alimentar. Era muita miséria, não tínhamos dinheiro para comprar nem roupas, então o que fazíamos era trocar os peixes” (*Pescador 1*); “Nesse tempo não tinha dinheiro, o papai falava que ele pegava os *cascos de peixe* e ia aos comércios trocar com charque” (*Pescador 6*).

Outro ponto importante na questão da habitação foi a informação da histórica ausência de energia elétrica nas casas, restrita aos moradores que possuíam geradores. Segundo os pescadores, na época em que se formava a ilha Tentém, em 1976, também se dava a construção da UHE, em 1973, que foi inaugurada em 1984. Contudo, mesmo sendo o contingente populacional ribeirinho mais afetado com a construção desse empreendimento, contraditoriamente foi para eles que a energia chegou mais tarde. Na ilha Tentém, por exemplo, a energia elétrica só chegou em 2014, segundo os entrevistados. E isso só correu, segundo eles, porque os moradores se juntaram e contrataram um serviço terceirizado, com recursos próprios, para deslocar a energia da zona urbana para a ilha, e hoje pagam taxas mensais de manutenção.

No que diz respeito à cultura, esporte e lazer é importante ressaltar, de início, que a comunidade cristã é “o coração da ilha”, é o que une os moradores em laços de coletividade. A comunidade é o espaço onde os moradores se juntam para celebrar datas festivas, como a do Bom Jesus dos Navegantes, que é o padroeiro da comunidade, cuja festividade se dá no mês de agosto de cada ano. A pastoral da juventude, por meio de grupos de jovens, promove gincanas, torneios, não sendo raros os torneios de futebol que envolve times das ilhas próximas e do distrito de Juaba.

Figura 5 - Comunidade Cristã da Ilha de Tentém, Cametá-PA



Fonte: Arquivo da pesquisa (fev.2017).

A vida dos pescadores artesanais, moradores da comunidade de Tentém, nem sempre foi fácil, como vimos. Mesmo antes da construção da UHE estes sujeitos já viviam em situação de negação de necessidades básicas. Hoje os pescadores artesanais não apenas da ilha Tentém, mas de todo Brasil, contam com leis e programas do governo federal que os ajudam a superar essa situação de negação, como a Lei 10.779, de 25 de novembro de 2003, que concede o Benefício de Seguro Desemprego do Pescador Artesanal, durante o período de defeso (época de reprodução das espécies), ao pescador profissional que exerce a atividade pesqueira de forma artesanal. Na comunidade Tentém, em 2009, o INCRA entregou prontas 72 casas próprias via projeto do Sindicato dos Trabalhadores Rurais – STR, segundo os entrevistados.

Ainda falta muito para que esta categoria seja valorizada como deveria. A dignidade, respeito e reconhecimento da importância da profissão ainda são conquistas que precisam ser concretizadas.

#### **1.4 Sobre o método de pesquisa**

Nesta pesquisa, o materialismo histórico-dialético foi o método no qual nos embasamos para analisar a formação da identidade de pescadores artesanais da ilha de Tentém, município de Cametá-PA, a partir das mudanças ocorridas na produção de saberes do trabalho da pesca no contexto pós-construção da UHE de Tucuruí. Essas mudanças na produção de saberes resultaram da transformação do meio natural em que os pescadores viviam e principalmente os seus processos produtivos, considerando os impactos causados pela construção da UHE.

Para uma análise das transformações do meio natural dos pescadores, em relação dialética com processos de produção de saberes e a formação de identidade, é imprescindível uma análise materialista e histórica, uma vez que partimos da análise das condições materiais do pescador, no contexto pós-construção da UHE, para o exercício do trabalho da pesca. E é por meio do trabalho da pesca, que o pescador produz saberes, e com eles vai constituindo sua subjetividade e vai forjando sua identidade.

Sendo assim, partimos do pressuposto de que ocorreram mudanças na produção de saberes do trabalho da pesca devido os impactos da construção da UHE. Entre os principais impactos, ocorreu a escassez de muitas espécies de

peixes, entre outros fatores, pela falta sedimentos trazidos pelos rios às várzeas e ilhas ribeirinhas (Cf. SILVA, 2003).

Nesse novo cenário, muitos saberes antes produzidos pelos pescadores, para o trabalho da pesca, passaram a ser usados com menos frequência, como o caso do “caniço”, da “zagaia”, do “arpão”<sup>27</sup>, por exemplo, que entraram em desuso por conta da pouca incidência de peixes nos rios e igarapés.

Nessa relação de enfrentamento da nova realidade criada pelo avanço do capital, materializado pela construção da UHE, o pescador artesanal, ao mesmo tempo em que modifica sua realidade, também é modificado por ela. Essa modificação se dá principalmente pela necessidade de construção de novos saberes do trabalho da pesca. Sobre isso, Marx (2008a) afirma que “o meio é um produto do homem, um produto de sua própria atividade a partir de certas condições historicamente constituídas”. Da mesma forma que ele, enquanto homem, também é produto desse meio em que vive. Nesse sentido, para Marx, os homens se definem pela produção e pelo trabalho.

Sendo assim, ao considerarmos que os saberes são produzidos por meio do trabalho desenvolvido pelos pescadores, é possível analisar a formação do trabalhador-pescador e sua identidade como resultantes do trabalho da pesca artesanal o qual, por sua vez, produz as condições materiais de existência desses sujeitos “[...] o trabalho é o elemento fundante das relações humanas e, por meio dele, o homem forja as condições materiais para a existência” (RODRIGUES, 2012, p. 140) “[...] o trabalho também vai constituindo a subjetividade, que vai permitindo uma construção de identidade” (Ibidem, p. 140).

Nesse sentido, por meio do estudo da produção de saberes do trabalho da pesca no contexto pós-construção da UHE de Tucuruí e a formação da identidade dos pescadores artesanais, na perspectiva materialista e histórica, foi possível entendemos as mudanças ocorridas nas condições materiais de existência dos pescadores artesanais da ilha de Tentém. Por meio da análise do movimento dialético que envolve a produção de saberes e processos de formação de identidade, em meio às disputas entre trabalho e capital, foi possível a análise da

---

<sup>27</sup> O “caniço” é um instrumento de fisgar peixe, muito utilizado, inclusive, por pescadores que estão iniciando na atividade. É uma tecnologia simples e de fácil acesso. A “zagaia” é um instrumento de madeira em forma de “tridente” usada para fisgar peixes. O “arpão” é um instrumento parecido com a zagaia, mas com uma haste um pouco maior e mais pesada de maneira a alcançar maior movimento e poder de penetração. A utilização do arpão na Amazônia se destina à captura do pirarucu (*sudis gigas, vastres gigas*) (Cf. MORAES, 2007).

materialidade da habitação, saúde, educação, esporte e lazer, também como temas analisados à luz da materialidade produtiva dos pescadores em diferentes momentos históricos.

O materialismo histórico-dialético foi, também, um método que nos possibilitou analisar a formação identidade do pescador artesanal a partir da produção de saberes do trabalho da pesca, no contexto pós-construção da UHE de Tucuruí, e sua relação com trabalho e capital. Ou seja, partindo da análise característica dos tipos de sujeitos que o trabalho e capital formam, foi possível analisar em que pontos a identidade do pescador artesanal voltou-se para processos de conformismo e manutenção do capital, e para processos de resistência e enfrentamento da realidade.

### **1.5 A abordagem qualitativa**

As pesquisas qualitativas, diferente das quantitativas, buscam a compreensão como princípio do conhecimento, ou seja, “estudar relações complexas ao invés de explicá-las por meio do isolamento de variáveis” (GÜNTHER, 2006, p. 202). Este tipo de pesquisa, segundo André (1986), também permite uma visão holística acerca do objeto de estudo, envolvendo elementos que interagem com os fenômenos estudados:

Qualitativa porque se contrapõe ao esquema quantitativo de pesquisa (que divide a realidade em unidades possíveis de mensuração, estudando-as isoladamente), defendendo uma visão holística dos fenômenos, isto é, que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas (ANDRÉ, 1986, p.17).

A pesquisa qualitativa possui, também, outra característica, que é a “construção da realidade” por meio da subjetividade. Nesse aspecto ocorre a descoberta e a construção de teorias por meio de percepções individuais e coletivas. Esse é um dos aspectos da pesquisa qualitativa, ao qual embasamos nossas análises sobre a formação da identidade dos pescadores, por meio das condições materiais de produção dos saberes do trabalho da pesca. Consideramos que a percepção dos pescadores acerca de suas condições materiais de produção de saberes no contexto pós-construção da UHE, contrastada com teorias sobre saberes, identidade e formação de trabalhadores, nos permitiu uma visão mais

aproximada das reais mudanças ocorridas na materialidade produtiva desses sujeitos, e por extensão, na identidade.

No que se refere aos saberes do trabalho da pesca artesanal, decorrentes da construção da UHE de Tucuruí, a pesquisa qualitativa nos direcionou à compreensão da relação dialética desses saberes com a formação de identidade de pescadores artesanais da ilha de Tentém, município de Cametá-PA. Buscamos a compreensão das implicações da produção dos saberes do trabalho da pesca, entre outras dimensões, na vida político-social dos pescadores, e que forças atuaram para a sua produção. O que interessa, na abordagem qualitativa, são os processos de produção do conhecimento e não simplesmente os resultados ou produtos, isto é, uma resposta quantificada, isolada, não permite um estudo complexo e explicativo, em outras palavras, não conduz à produção de conhecimento (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Outra característica importante da pesquisa qualitativa reside na flexibilidade em investigar o objeto. No decorrer da pesquisa pode haver necessidade de modificação de elementos, como as categorias de análise, ou a inclusão de elementos que porventura apareçam. Para Alves-Mazzotti; Gewandsznnajder, (2002, p. 147), “as investigações qualitativas, por sua diversidade e flexibilidade, não admitem regras precisas, aplicáveis a uma ampla gama de casos”. Nesta pesquisa, por exemplo, o objeto de estudo era, de início, saberes do trabalho da pesca, no entanto, no decorrer da pesquisa observamos que os saberes eram produzidos a partir das condições materiais dos pescadores e que os mesmos configuravam-se como elementos que permitiam a formação de subjetividades, e sendo assim, adotamos como objeto de estudo a formação da identidade do pescador artesanal.

[...] nas pesquisas qualitativas [...] o foco da pesquisa vai sendo ajustado ao longo do processo. Assim, o grau de especificação do problema na fase de planejamento irá variar em função de característica deste, bem como da posição do pesquisador ao longo do continuum-qualitativo (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNNAJDER, 2002, p. 147).

Na abordagem qualitativa o pesquisador considera os fenômenos pesquisados como elementos que possuem sentidos. Os gestos, as palavras, por exemplo, são ações que contém significados. Esse tipo de pesquisa privilegia a voz do sujeito pesquisado como condição importante para o estabelecimento de análises. Os significados dos elementos que envolvem o objeto de estudo, são de



suma importância na abordagem qualitativa porque valorizam o modo como as pessoas vivem, sentem e pensam.

A pesquisa qualitativa pressupõe a compreensão dos comportamentos sociais sob a ótica dos sujeitos pesquisados, constituindo-se os dados recolhidos, por meio de entrevistas em profundidade e observação participante, como elementos “[...] ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico”, sendo necessário que o fenômeno seja investigado “[...] em toda a sua complexidade e em contexto natural” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 16).

Sendo assim, a escolha da abordagem qualitativa se fez presente nesta pesquisa pelo fato de possibilitar a investigação e análise da realidade em que vivem hoje os pescadores artesanais da ilha de Tentém, comparando com a realidade antes da construção da UHE de Tucuruí. Possibilitou compreender as mudanças ocorridas na produção de saberes do trabalho da pesca e com isso a formação de identidade desses pescadores e suas contradições em meio às disputas entre trabalho e capital.

## **1.6 Procedimentos de coleta de dados**

Como procedimentos de coleta de dados, utilizamos a entrevista semiestruturada, por considerarmos uma técnica que nos permite analisar a realidade por meio das falas dos entrevistados. E para complementá-la, foi realizada a observação participante, haja vista que a mesma pressupõe um contato direto e prolongado do investigador com os atores sociais, isto é, os pescadores artesanais da ilha de Tentém, e assim uma melhor visão da realidade descrita por esses sujeitos nas entrevistas.

Com relação à observação participante, Queiroz (2007) salienta que o ato de observar é um dos meios mais frequentemente utilizados pelo ser humano para conhecer e compreender as pessoas, as coisas, os acontecimentos e as situações. Observar “é aplicar os sentidos a fim de obter uma determinada informação sobre algum aspecto da realidade. É mediante o ato intelectual de observar o fenômeno estudado que se concebe uma noção real do ser ou ambiente natural, como fonte direta dos dados” (QUEIROZ, 2007, p. 277).

A observação participante permite ao pesquisador aplicar atentamente os sentidos a um objeto para dele adquirir um conhecimento claro e preciso. A

observação participante é uma técnica científica que permite a sistematização, planejamento e controle da objetividade. O pesquisador não está simplesmente olhando o que está acontecendo, “mas observando com um olho treinado em busca de certos acontecimentos específicos” (QUEIROZ, 2007, p. 277).

No que diz respeito à pesquisa qualitativa, Queiroz (2007) considera a observação participante como elemento fundamental, uma vez que se faz presente em todo processo de pesquisa:

A observação constitui elemento fundamental para a pesquisa, principalmente com enfoque qualitativo, porque está presente desde a formulação do problema, passando pela construção de hipóteses, coleta, análise e interpretação dos dados, ou seja, ela desempenha papel imprescindível no processo de pesquisa (QUEIROZ, 2007, p. 277).

Nesta pesquisa que trata da formação da identidade a partir das condições materiais de produção de saberes do trabalho da pesca após a construção da UHE, na qual usamos a abordagem qualitativa como método, a observação participante teve um papel de suma importância para o desenvolvimento das análises. As observações durante o trabalho de campo permitiram uma visão mais fiel da realidade dos pescadores artesanais, que contrastadas com as entrevistas e com as teorias, em uma relação dialética com o contexto da construção da UHE, nos permitiram construir teorias conclusivas, que certamente não construiríamos sem a observação.

Com relação à entrevista semiestruturada, segundo Bogdan; Biklen (1994) é uma técnica que permite relacionar teoria aos conhecimentos investigados daquela realidade, além disso, proporciona uma interação entre quem pesquisa e quem é pesquisado. Essa interação é mediada pelo dialogismo de tal forma que se aproximem de uma “conversação”, podendo assim contribuir para criar um clima de confiança e propiciar a geração de informações importantes. Nessa perspectiva Bogdan; Biklen (1994, p. 51) assim expressam: “o processo de condução de investigação qualitativa reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos, dado estes não serem abordados por aqueles de uma forma neutra”. Sobre esse processo de interação entre o entrevistador e o entrevistado como forma de melhor obter informações, André (1986) assim expressa:

[...] na entrevista, a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem

responde. Especialmente nas entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista. Na medida em que houver um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável e autêntica (ANDRÉ, 1986, p. 33).

Partindo desse princípio, para realizar análise de saberes do trabalho da pesca e processos de formação de identidade de pescadores artesanais, fizemos uso da entrevista semiestruturada, que nos permitiu o diálogo entre o pesquisador e os sujeitos entrevistados. As entrevistas, de acordo com Alves-Mazzotti; Gewandsznajder (2000, p. 168), assemelham-se muito a uma conversa “[...] o investigador está interessado em compreender o significado atribuído pelos sujeitos a eventos, situações, processos ou personagens que fazem parte de sua vida cotidiana”. Isso garante maior interação no momento das conversas, o que faz com que os pescadores fiquem bem mais à vontade para relatar um conjunto de experiências que possuem, bem como falar sobre os saberes que produzem para o trabalho com a pesca artesanal e para os enfrentamentos da vida cotidiana.

Sendo assim, as entrevistas semiestruturadas foram realizadas com pescadores artesanais da ilha de Tentém, município de Cametá, como forma de coleta de dados que se aproximem da realidade em uma perspectiva interacionista, isto é, a partir de um diálogo aberto com os pescadores. As perguntas foram lidas de forma espontânea e as respostas dos pescadores foram gravadas em equipamento específico de gravação. Foram feitas 10 perguntas abertas (Cf. Apêndice A), que permitiam aos pescadores se expressarem de forma livre, sem sugestões do entrevistador que induzissem às respostas, porém, havendo sempre a mediação e/ou repetição das perguntas.

Para isso foram entrevistados 07 (sete) pescadores que praticam ou já praticaram atividade de pesca artesanal na ilha de Tentém, sendo 02 (dois) com idade superior a 60 (sessenta) anos e 05 (cinco) com idades entre 21 (vinte e um) e 48 (quarenta e oito) anos.

A escolha de apenas 07 entrevistados se deu pela natureza da entrevista, que não objetiva quantificar dados, mas, no caso da entrevista realizada, percepções dos pescadores sobre sua materialidade produtiva. Apesar de haver algumas quantificações nesta pesquisa, aparentemente resultantes de respostas dos pescadores, as mesmas representam dados coletados fora das entrevistas. A

entrevista com os pescadores buscou explorar determinados aspectos que não carecem de “quantificações por pescador”, mas de uma interpretação analítica. São dados que demonstram a materialidade produtiva dos pescadores, com foco nas dimensões técnica, produtiva, organizativa e política da produção dos saberes.

Com relação à escolha de “02 (dois) pescadores com idade superior a 60 (sessenta) anos”, esta reside no fato de buscarmos um retrato mais próximo possível da atividade de pesca antes da construção da UHE, uma vez que os pescadores acima de 60 anos vivenciaram o antes e o depois da construção da UHE e as mudanças na produção dos saberes. A escolha pelos demais pescadores, “05 (cinco) com idades entre 21 (vinte e um) e 48 (quarenta e oito) anos”, nos trouxe a percepção de quem vivencia a pesca no contexto atual e permite contrastar com a percepção dos pescadores que viveram intensamente a pesca no contexto anterior à construção da UHE.

As entrevistas nos permitiram a análise da dimensão técnica de produção de saberes, a qual envolve os aparatos técnicos utilizados para atividade pesqueira (malhadeira, tapagem, etc.); dimensão produtiva do pescado e atividades paralelas à pesca (criação de animais, horta familiar, coleta de frutas etc.) que permitiram a discussão sobre a figura do “pescador lavrador”, ou seja, “o trabalhador que vai extrair para o seu sustento alimentos, tanto do mar (rios) quanto da terra, nunca sendo, porém, um especialista de atividade exclusiva” (BARRA, 2013, p.35); dimensão organizativa do trabalho da pesca, por meio da qual é analisada a organização que estabelecem os pescadores entre si e com suas ferramentas para o trabalho de pesca, assim como a organização do pescado para consumo e venda; e a dimensão política por meio da formação de identidade profissional de classe e formação de consciência de classe. Ao todo foram 07 entrevistados e partir da análise das suas falas e da observação participante foi possível discutir as contradições entre trabalho e capital que se apresentam nas relações produtivas e na vida dos pescadores artesanais da ilha de Tentém, como parte que permite o entendimento de um todo, por estar inserida em um contexto comum. Assim, as análises feitas mostraram uma realidade que se apresenta em grande parte da região do Baixo Tocantins, nos municípios afetados pela construção UHE de Tucuruí.

As falas dos entrevistados permitiram a compressão, em parte, os danos ambientais causados pela construção da UHE e os impactos causados nos modos

como os pescadores buscavam seu sustento. Compreendemos, pelas entrevistas, as contradições que se dão atualmente no campo da pesca artesanal, não apenas na ilha de Tentém (*locus* da pesquisa), mas em grande parte da região do Baixo Tocantins. O dialogismo das entrevistas apresenta dados que demonstram as mudanças na produção de saberes do trabalho da pesca, uma vez que muitos entraram em desuso, ampliaram-se e criaram-se novos saberes após a construção da UHE de Tucuruí. Mais que isso, pela análise da totalidade, foi possível reconhecer as identidades formadas em meio às mudanças na produção de saberes e como as mesmas se voltaram para processos de enfrentamento das condições impostas pelo capital, materializado na construção da UHE, e emancipação dos pescadores, assim como para processos de conformismo e manutenção da ordem do capital.

### **1.7 Tratamento e análise dos dados**

Os dados coletados foram os relatos orais das entrevistas semiestruturadas feitas com os 07 pescadores e as anotações das observações feitas durante as visitas na ilha de Tentém. A primeira ida a campo ocorreu no dia 04 de fevereiro de 2017, na ocasião foram realizadas as entrevistas semiestruturadas e algumas observações foram anotadas no “diário de campo”, entre elas as de mais fácil percepção, como habitação e transporte. A segunda visita ocorreu no dia 14 de junho de 2017 e na ocasião foi realizada uma nova reunião com os 07 pescadores e como o agente de saúde, que forneceu informações sobre o número de famílias, total de habitantes, homens, mulheres etc., assim como o número de filiados em entidades e associações de pescadores, e sindicatos, sendo tudo devidamente anotado.

Esse dia também serviu para a aquisição de alguns documentos, e na ocasião foi fornecido pelo líder da comunidade o documento oficial do Acordo de Pesca feito pelos pescadores da ilha (Anexo 1); pelo agente de saúde foi fornecido o requerimento encaminhado à prefeitura com a solicitação de mais agentes de saúde para suprir a carência na ilha (Anexo 2); e pela secretária da comunidade cristã da ilha foi fornecido o “Histórico da Comunidade Cristã de Tentém ano 2007” (Anexo 3). Todos esses documentos foram devidamente fotografados e devolvidos aos pescadores e para pesquisa serviram de apoio para muitas análises.

Para o tratamento e análise dos dados, fizemos uso da Análise do Conteúdo (AC), na perspectiva de Franco (2012), como um procedimento crítico que encara os dados em toda sua complexidade histórica e social, entre sujeitos também situados e organizados sócio-historicamente em um determinado espaço e contexto histórico. Segundo a autora:

A análise do conteúdo, assenta-se nos pressupostos de uma concepção crítica e dinâmica da linguagem. Linguagem aqui entendida como construção do real de toda sociedade e como expressão da existência humana, que em diferentes momentos históricos, elabora e desenvolve representações sociais no dinamismo interacional em linguagem, pensamento e ação. (FRANCO, 2012, p. 13).

A análise do conteúdo, como procedimento investigativo aplicado às entrevistas e às observações feitas, permitiu, entre outras análises, a compreensão da essência da relação profissional e social que produz os saberes no trabalho da pesca artesanal, haja vista que “o objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas” (CHIZZOTTI, 2006, p. 98).

Para a análise do conteúdo nesta pesquisa, tratamos a materialidade produtiva dos pescadores artesanais, indagando nas entrevistas as seguintes dimensões: Dimensão Técnica, Dimensão Produtiva, Dimensão Organizativa e Dimensão Política. E a partir dessas dimensões foram extraídas categorias empíricas de análise conforme o quadro abaixo:

Quadro 1 - Dimensões e Categorias Empíricas de Análise

<b>DIMENSÃO</b>	<b>CATEGORIAS EMPÍRICAS</b>
TÉCNICA	a) saberes que entraram em desuso ou pouco utilizados; ampliaram-se; e criação de novos saberes técnicos para pesca artesanal; e b) o processo de qualificação/desqualificação profissional no trabalho da pesca artesanal.
PRODUTIVA	a) produção do pescado para consumo/venda; e b) atividades produtivas paralelas à pesca (criação de animais, horta familiar, coleta de frutas etc.).

ORGANIZATIVA DO TRABALHO DA PESCA	a) formas de organização das práticas de pesca artesanal; e b) organização e distribuição do pescado para consumo/venda.
POLÍTICA	a) formação de identidade profissional; e b) formação de consciência de classe.

Fonte: Autoria própria (jul.2017).

Sendo assim, a Análise do Conteúdo foi realizada conforme as dimensões e categorias empíricas descritas no Quadro 1. As análises dessas dimensões e categorias empíricas propostas, em conjunto, apresentaram a materialidade produtiva dos pescadores da ilha Tentém e refletiram o quadro atual de produção de saberes do trabalho da pesca desses sujeitos. Sendo assim, foi possível pelas constatações, discutir a formação da identidade dos pescadores da ilha de Tentém no contexto da construção da UHE, que materializa o capital na região, e assim evidenciar atitudes de resistência e conformismo desses sujeitos, com relação à ordem do capital.

Nesse sentido, pelo trabalho da pesca, a partir dos saberes, como conjunto de representações sociais em comum, os pescadores constroem sua identidade. Conforme aponta Rodrigues (2012):

[...] o trabalho também vai constituindo a subjetividade, que vai permitindo uma **construção de identidade**, ou seja, de **um conjunto de representações sociais em comum que possibilitam aos homens se integrarem em uma esfera coletiva**, porque se percebem como sujeitos envolvidos por atividades similares, tanto no campo do trabalho, em sua manifestação concreta, quanto em sua expressão abstrata (RODRIGUES, 2012, p. 140, grifos nossos).

Para análise do conteúdo dos dados coletados, nos embasamos em autores que produziram conhecimentos que dialogam com as dimensões e categorias empíricas propostas. Sendo assim, para a Dimensão Técnica foram feitas análises a partir das concepções de Braverman (1987), que discute as relações de trabalho no interior das disputas entre trabalho e capital, e traz contribuições sobre a formação e qualificação de trabalhador, divisão social e

técnica do trabalho, que serviram de aporte para as análises. Nessa mesma linha, para dimensão Técnica, recorremos à Marx (2008a), Marx; Engels (1992; 1998; 2006) e Engels (2008) que, aliás, serviram de aporte para análises das demais dimensões (Produtiva, Organizativa e Política). Além destes, para a dimensão produtiva e organizativa nos apoiamos também em Vazquez (1968; 1977).



## **CAPÍTULO II - FORMAÇÃO DE TRABALHADORES, SABERES DO TRABALHO DA PESCA E IDENTIDADE NO CONTEXTO DA PESCA ARTESANAL NO MUNICÍPIO DE CAMETÁ-PA**

Este capítulo divide-se em três seções principais (formação de trabalhadores, saberes do trabalho da pesca e identidade), na primeira seção, *formação de trabalhadores*, tratamos a relação trabalho e capital nos processos de formação dos trabalhadores. Foi abordado o contexto histórico da formação da classe trabalhadora que vai desde o trabalho livre até o surgimento do modo de produção capitalista (“cooperação capitalista”, manufatura e maquinaria), discutindo a relação trabalho e capital em cada transição dos modos de produção, e depois trazemos essas discussões para o contexto da pesca artesanal no município de Cametá-PA. Discutiu-se, em seguida, a relação trabalho e capital nos processos de qualificação dos trabalhadores, enfatizando a pormenorização do trabalho como uma (Des)qualificação do trabalhador, e por fim tratamos do trabalho como princípio educativo, relacionando-o ao trabalho da pesca artesanal e observando as contradições entre trabalho e capital.

Na segunda seção, *saberes do trabalho da pesca*, apresentamos uma revisão bibliográfica sobre a produção de saberes do trabalho da pesca artesanal, destacando as principais obras que tem embasado os estudos sobre essa categoria, entre elas MORAES (2007), RODRIGUES (2012), MARTINS (2011) e PANTOJA (2015), seguindo com apresentação de uma arqueologia teórica sobre Saberes e conhecimento, relacionando-os a processos de formação de identidade.

Na terceira seção tratamos da categoria *identidade*, a qual constitui o objeto de estudo desta pesquisa: *a formação da identidade dos pescadores artesanais da ilha de Tentém, município de Cametá-PA, a partir das condições materiais de produção de saberes do trabalho da pesca após a construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí (UHE)*, na qual procedemos um maior aprofundamento. Nela, discutimos a identidade desde suas raízes filosóficas até a sociologia moderna, para em seguida contextualizarmos com a formação da identidade do pescador artesanal do município de Cametá-PA a partir das condições materiais desses sujeitos.

### **2.1 A relação trabalho e capital nos processos de formação de trabalhadores**

O trabalho, segundo Marx, é uma atividade exclusivamente humana, um meio de relação Homem-Natureza. No processo de produção e reprodução da existência sócio-cultural do homem o trabalho configura-se como elemento de mediação entre Homem e Natureza. No processo de produção o homem não apenas modifica o material ao qual deseja satisfazer suas necessidades, ele concretiza neste material um projeto anterior criado conscientemente.

Neste sentido, segundo Marx (2008a), o trabalho *não alienado*<sup>28</sup> constitui a humanidade do homem, permitindo-lhe o exercício da engenhosidade, da criatividade, do planejamento e da execução do seu querer, conforme a descrição da natureza do trabalho humano em oposição ao saber fazer animal.

Pressupomos o trabalho sob forma exclusivamente humana. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colmeia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira, o qual constitui a lei determinante do seu modo de operar e ao qual tem de subordinar sua vontade. E essa subordinação não é um ato fortuito. Além do esforço dos órgãos que trabalham, é mister a vontade adequada que se manifesta através da atenção durante todo o curso do trabalho. E isto é tanto mais necessário quanto menos se sintam o trabalhador atraído pelo conteúdo e pelo método de execução de sua tarefa, que lhe oferece, por isso, menos possibilidade de fruir da aplicação das suas próprias forças físicas e espirituais. (MARX, 2008a, p. 212).

Desta forma, ao tratar sobre o processo de trabalho, Marx (2008a) manifesta a tese de que pelo trabalho o homem se constitui, demarca sua identidade, sua personalidade, seu modo de vida, sua subjetividade e objetividade. “Demarca sua subjetividade por meio do trabalho à medida que vai estabelecendo valores, concepções de mundo, saberes; Demarca sua objetividade por meio do trabalho a

---

<sup>28</sup> Marx, ao investigar o “processo de trabalho”, distingue entre “trabalho concreto” e “trabalho abstrato”. Trabalho concreto é o fundamento ontológico do ser homem. “É atividade dirigida com o fim de criar valores-de-uso, de apropriar os elementos naturais às necessidades humanas; é a condição necessária do intercâmbio material entre o homem e a natureza; é condição natural eterna da vida humana, sem depender, portanto, de qualquer forma dessa vida, sendo antes comum a todas as suas formas sociais”. Já o trabalho abstrato, é a forma social que o trabalho concreto assume nas diferentes sociedades. Na sociedade capitalista, o trabalho concreto é transformado em trabalho abstrato, ou seja, trabalho assalariado, alienado, valor de troca. “Todo trabalho é, de um lado, dispêndio de força humana de trabalho, no sentido fisiológico, e, nessa qualidade de trabalho igual ou abstrato, cria o valor das mercadorias. Todo trabalho, por outro lado, é dispêndio de força humana de trabalho, sob forma especial, para um determinado fim, e, nessa qualidade de trabalho útil e concreto, produz valores-de-uso” (MARX, 1999, p. 218).

partir do momento em que passa a moldar também o mundo, a realidade material, tanto a objetos físicos quanto ao ser social, sendo capaz de projetar e materializar, concomitantemente, essa realidade” (RODRIGUES, 2012, p. 54). O homem, nesse processo, não apenas coloca em ação as suas potencialidades naturais, mas também retira e coloca a seu favor as potencialidades existentes na natureza. Nesse momento, ao interagir com a natureza, alterando-a para satisfazer suas necessidades, o homem também altera sua própria natureza.

Os homens passam, então, a construir relações sociais de produção quando interagem uns com os outros em busca de um mesmo fim.

Produzir a vida, tanto a sua própria vida pelo trabalho, quanto a dos outros pela procriação, nos aparece, portanto, a partir de agora, como uma dupla relação: por um lado como uma relação natural e, por outro, como uma relação social - social no sentido em que se estende com isso a ação conjugada de vários indivíduos, sejam quais forem suas condições, forma e objetivos. Disso decorre que um modo de produção ou estágio industrial determinados estão constantemente ligados a um modo de cooperação ou a um estágio social determinados, e que esse modo de cooperação é, ele próprio, uma “força produtiva”; decorre igualmente que a massa das forças produtivas acessíveis aos homens determina o estado social, e que se deve por conseguinte estudar e elaborar incessantemente a “história dos homens” em conexão com a história da indústria e das trocas. (MARX; ENGELS, 1998, p. 23-24).

Nesse sentido, entendemos que essas relações sociais de produção são determinantes para uma distribuição de tarefas, ofícios ou especialidades da produção. Esse tipo de divisão do trabalho é característico das sociedades primitivas em que cada indivíduo dedica-se à execução de uma determinada tarefa, porém sendo também capaz de executar de forma eficiente outras fases do trabalho além daquela na qual empenha-se. “[...] exceto em circunstâncias muito fora do comum, não encontramos o tipo de organização em que uma mulher caracteristicamente se especialize em juntar argila, outra em modelá-la e uma terceira a cozer os potes [...]” (BRAVERMAN, 1987, p. 71).

Essa forma de divisão do trabalho, característica das sociedades primitivas, surge das relações sociais de produção. É denominada, segundo Marx (2008a), de *divisão social do trabalho*<sup>29</sup>. O trabalho humano é o que caracteriza

---

<sup>29</sup> Para Karl Marx, a *divisão social do trabalho* é realizada no processo de desenvolvimento das sociedades, ou seja, em todas as sociedades, houve divisão nas funções exercidas pelas pessoas, por exemplo, na agricultura, se dividia em quem cuidava, quem caçava, e na formação das cidades em quem administra e quem executa. Difere da *divisão técnica do trabalho*, que é típica do modo de

esse tipo de divisão, uma vez que através do trabalho os seres humanos produzem, modificam e potencializam produtos para satisfazer as necessidades da sociedade como um todo seguindo não apenas um padrão, como os animais. “A aranha tece, o urso pesca, o castor constrói diques e casas [...]” (BRAVERMAN, 1987, p.71). O homem é capaz de realizar essas e tantas outras atividades através do trabalho, seguindo padrões criados pela sociedade. Sendo assim, segundo Braverman (1987) a divisão social do trabalho, sendo aparentemente característica do trabalho humano, faz com que este se torne um “trabalho social, isto é, trabalho executado na sociedade e através dela” (BRAVERMAN, 1987, p. 72).

A divisão social do trabalho, característica das sociedades primitivas, é base para consolidação de outras formas de divisão do trabalho específicas do modo capitalista de produção (cooperação capitalista, manufatura e grande indústria). A “cooperação capitalista” é o primeiro modelo de produção capitalista, pressupõe, segundo Marx, a existência do “assalariado livre que vende sua força de trabalho ao capital”. Segundo Marx a produção capitalista tem início quando um capitalista reúne num mesmo local, sob o seu controle, um número elevado de trabalhadores para produzir uma determinada mercadoria.

Colocando lado a lado, sob um mesmo teto, muitos trabalhadores, o capitalista instituiu a “cooperação” capitalista. “Chama-se cooperação a forma de trabalho em que muitos trabalham juntos, de acordo com um plano, no mesmo processo de produção ou em processos de produção diferentes, mas conexos” (MARX, 1999, p. 378).

Da cooperação capitalista surge a manufatura e a divisão técnica do trabalho. Ao contrário da divisão social do trabalho, na divisão manufatureira do trabalho que é própria do modo capitalista de produção, os processos realizados na feitura dos produtos são pormenorizados, ou seja, uma mesma operação é dividida em várias “operações limitadas” e que são executadas por diferentes trabalhadores (BRAVERMAN, 1987, p.72).

Essa “pormenorização” do trabalho está ligada à lógica do sistema capitalista de intensificação da produção de mercadorias. Segundo Marx (2008a), o capital busca intensificar a produtividade do trabalhador por meio da redução do

---

produção capitalista e caracteriza-se pela fragmentação de uma especialidade produtiva em numerosas operações limitadas, de modo que o produto resulta de uma grande quantidade de operações executadas por trabalhadores especializados em cada tarefa.

tempo de trabalho necessário e prolongamento do tempo de trabalho não pago, em que o trabalhador continua a produzir.

Na divisão manufatureira do trabalho, o saber historicamente acumulado e as ferramentas ainda são de propriedade do trabalhador, no entanto, em razão dessa especialização tanto o saber quanto o trabalhador são afetados “seu corpo é transformado em algo automático nessa operação e por isso levará menos tempo para executá-la que um artesão que executa uma série de diferentes operações” (MARX, 1982. p. 484).

Na grande indústria ou maquinaria, o saber e as ferramentas do trabalhador agora são de completa propriedade do capitalista, uma vez que o exercício do saber pelo trabalhador está condicionado à vontade do capitalista, e este por sua vez também é detentor dos meios de produção (a maquinaria). O capital, no momento em que destitui o trabalhador de seu saber, de suas ferramentas de trabalho e de sua capacidade de opinar sobre o que, como e o que produzir, transforma-o de uma vez por todas em fator de produção. O capital torna o trabalhador capaz de produzir mais do que o necessário para a sua subsistência, ou seja, torna-o capaz de produzir o que Marx (2008a) chama de *mais-valia*<sup>30</sup>.

No processo de divisão do trabalho na grande indústria ou maquinaria, a capacidade humana de produzir mais do que o necessário para a subsistência é aproveitada ao máximo pelo sistema do capital. Incrementa-se, ainda, a esse processo produtivo os rearranjos e controle da organização do trabalho, e atrelado a isso há o investimento no aperfeiçoamento dos meios de trabalho para potencialização da produção, ou seja, a compra de equipamentos, investimento em tecnologias etc.

Marx (2008a) destaca que essas formas de divisão do trabalho (cooperação capitalista, manufatura e grande indústria) pautadas pelo capital revolucionam suas bases de produção. Na “cooperação capitalista” e na manufatura encontra-se uma subsunção formal do trabalho ao capital e na grande

---

<sup>30</sup> Mais-valia é termo na economia política marxista usada para indicar a desigualdade entre o valor do trabalho e o salário pago ao trabalhador. A expressão foi criada por Karl Marx e é amplamente utilizada no âmbito da economia e das relações político-sociais como um indicador da exploração da força de trabalho exercida pelo modelo capitalista. Especificamente, a mais-valia representa o esforço dispendido pelo trabalhador durante a realização de seu trabalho, sendo que este esforço não lhe é recompensado em forma de salário, retornando para o patrão em forma de mais-valia (ou lucro).

indústria, uma subsumção real do trabalho ao capital. Esse período é marcado por uma metamorfose das relações entre capital e trabalho.

Essas discussões sobre processos de formação de trabalhadores que vão desde o trabalho livre até o surgimento do modo de produção capitalista (“cooperação capitalista”, manufatura e maquinaria), quando trazidas para realidade dos pescadores, nos permitem uma reflexão sobre o trabalho da pesca artesanal no sentido de buscarmos compreender o pescador artesanal como sujeito que, por meio do trabalho, produz saberes que lhe permitem o exercício de uma práxis produtiva. E considerando que os saberes são produzidos por meio do trabalho desenvolvido pelos pescadores é possível analisar a formação do trabalhador-pescador e sua identidade como resultantes do trabalho da pesca artesanal o qual por sua vez produz as condições materiais de existência desses sujeitos “[...] o trabalho é o elemento fundante das relações humanas e, por meio dele, o homem forja as condições materiais para a existência” (RODRIGUES, 2012, p. 140) “[...] o trabalho também vai constituindo a subjetividade, que vai permitindo uma construção de identidade” (Ibidem, p. 140).

O trabalho da pesca artesanal, no que se refere à produção de bens úteis e à criação de valores de uso, historicamente é condição indispensável à vida dos pescadores. Sobre essa ótica, o trabalho da pesca transforma os bens da natureza ou os produz para responder, antes de tudo, às suas múltiplas necessidades. Por isso, o trabalho da pesca é humanamente indispensável ao pescador desde sempre, criador de valor de uso, imprescindível à reprodução da vida.

O processo de trabalho, como o apresentamos em seus elementos simples e abstratos, é atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer as necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre o homem e a Natureza, condição natural eterna da vida humana e, portanto, independente de qualquer forma dessa vida, sendo antes igualmente comum a todas as suas formas sociais. (MARX, 1996, p. 303).

Vemos que o trabalho da pesca artesanal essencialmente volta-se para produção de valores de uso e não de troca (próprios do modo de produção capitalista). Contudo, na realidade dos pescadores artesanais da ilha de Tentém, município de Cametá, observamos que o trabalho também se volta para produção de valores de troca conforme o relato de um dos informantes: “Às vezes eu tenho visto alguns pescadores que puxam ‘tucunaré’, ‘filhote’, ainda grandes e pegam

esses peixes e vão direto pra cidade vender, mas é uma pessoa só. E eu já não faço isso, se eu puxar um peixe desses, eu vou é comer! [risos]" (*Pescador 2*).

Vazquez (1978), ao afirmar que “o ser humano é tão mais rico quanto maior for sua riqueza de relações”, reflete acerca das múltiplas formas de apropriação da natureza, que produziria uma riqueza proporcional às necessidades do ser humano pleno, pois, no capitalismo, o homem se reduz ao problema do sustento, renuncia às suas necessidades humanas em favor da busca pelo trabalho alienado e, conseqüentemente, pelo dinheiro para sua sobrevivência.

Essa realidade produtiva entre os pescadores já evidencia a perda pouco a pouco, com o costume, da capacidade de o pescador exercer seu antigo ofício em toda a extensão, parafraseando Marx (2008a). Trata-se de uma lógica que vai *mercatalizando* o trabalhador e impondo nos produtos por ele produzidos uma *fetichização*. Por isso, a mercadoria, que já não é mais um instrumento necessário para sua prática laborativa senão para a de outros, deixa de ser “[...] produto individual de um artifice independente que faz muitas coisas para se transformar no produto social [...]” (MARX, 2008a, p. 392) parcializado de um sujeito, que se mutila, nas palavras de Marx (2008a), ao perder a finalidade primeira que o motivava a desenvolver determinada tarefa (RODRIGUES, 2012, p. 230).

O fato da produção agora direcionar-se para a troca acaba forjando no pescador uma espécie de especialidade. Pode-se considerar que vai o pescador perdendo a universalidade do trabalho, sendo esta substituída, segundo Vázquez (1968), pela especialização estreita e unilateral, convertendo o trabalho em um apêndice de uma máquina “[...] essa divisão produtiva e sua desvirtualização da produção para o viés de valor de troca vão impondo ao pescador uma proletarização, objetalizando-lhe a prática produtiva como máquina [...]” (RODRIGUES, 2012, p. 231).

Na seção seguinte continuamos a discussão sobre formação de trabalhadores e sua relação com trabalho e capital e damos um enfoque nos processos de qualificação do trabalhador. Vemos nessa seção que do ponto de vista do modo de produção capitalista a qualificação resulta contraditoriamente na desqualificação do trabalhador.

### **2.1.1 Trabalho e Capital e a (des)qualificação do trabalhador**

Ao analisarmos a “pormenorização” do trabalho na grande indústria, percebemos que esta resulta em um constante processo de desqualificação profissional e intensificação do trabalho. Isto porque, à medida em que o trabalhador passa a dedicar-se apenas a uma operação repetitiva, tende a não dominar as outras operações do processo. E ao especializar-se em uma operação apenas, passa a executá-la com maior intensidade e em menos tempo.

A divisão social do trabalho divide a sociedade entre ocupações, cada qual apropriada a certo ramo de produção; a divisão pormenorizada do trabalho destrói ocupações consideradas neste sentido, e torna o trabalhador inapto a acompanhar qualquer processo completo de produção (BRAVERMAN, 1987, p.72).

Braverman (1987), apoiando-se na obra “*Sobre a Economia de Maquinaria e Manufaturas*” de Charles Babbage, destaca os reais efeitos da vantagem que tem o capital com a divisão manufatureira e a conseqüente desqualificação do trabalhador, quando assinala que em uma sociedade baseada na compra e venda da força de trabalho, a divisão dos ofícios barateia suas partes individuais. O autor explica que, “[...] em termos de mercado, isso significa que a força de trabalho capaz de executar o processo pode ser comprada mais barato como elementos dissociados do que como capacidade integrada num só trabalhador” (p.79).

Daí decorre a falsa premissa da qualificação profissional como necessidade, como uma exigência do mercado de trabalho, mas que na verdade é uma exigência do modo de produção capitalista para baratear os custos da produção e conseqüentemente o valor das mercadorias. A qualificação profissional na manufatura e na grande indústria nada mais é, para o capital, que uma capacidade técnica comprada por um menor valor.

O capital, através da dissociação entre concepção e execução, isto é, entre trabalho intelectual e trabalho manual encontrou um meio de impedir o controle do processo de trabalho pelos trabalhadores. Essa natureza que o trabalho passou a adquirir tem como conseqüência imediata, como já mencionamos, a desqualificação do trabalhador à medida em que reduz o trabalho à tarefas simplificadas e rotineiras, cada vez mais especializadas e sem conteúdo (BRAVERMAN, 1987).

Então ocorre que o trabalhador, à medida que deixa de dominar todas etapas do processo de produção e passa a especializar-se em apenas uma



capacidade técnica, ao invés de qualificar-se acaba na verdade desqualificando-se. Nesse cenário percebemos uma contradição, uma vez que a desqualificação passou a ser a qualificação requerida pelo mercado de trabalho no modo capitalista de produção.

Passa a haver, então, uma valorização da “desqualificação do trabalhador”, e assim, a desqualificação passa a ser uma “irracionalidade racional” no dizer de Frigotto (1984), uma vez que nega e retira o conhecimento sobre o fazer e pensar dos trabalhadores. Os conhecimentos necessários para execução das tarefas passam a ser os mínimos, e a formação do trabalhador torna-se simplificada. A consequência imediata dessa nova situação foi, como assinalou Marx (2008a), um “custo reduzido na contratação da mão-de-obra”. O trabalhador tornou-se barato e, submetido à organização do trabalho na “cooperação capitalista”, passou a ser altamente “produtivo”, aumentando consideravelmente a mais-valia. Paralelo a isso, o saber fazer do trabalhador reduziu-se a um tempo quase inexistente gasto na sua qualificação, uma vez que a desqualificação tornou-se a qualificação.

Vemos com isso que a divisão social do trabalho é comum na história das sociedades, mas que a divisão pormenorizada do trabalho surgiu com o modo capitalista de produção. Essa divisão pormenorizada do trabalho contribui para criação de relações materiais de produção. Nessas relações, os homens organizados em classes determinam as formas de produção e distribuição de produtos e essas determinações não fundamentam-se em critérios de igualdade. A partir de então passam a surgir interesses conflitantes entre as classes, à medida que esses sujeitos necessitam produzir e reproduzir, sob condições sociais determinadas, suas condições materiais de existência.

A divisão pormenorizada do trabalho, que como vimos resulta na desqualificação do trabalhador, é também fator que determina sua formação, no entanto é uma formação voltada para atender as necessidades do capital. A especialização do trabalhador em uma determinada tarefa não permite a este o domínio de todo o processo de produção, assim como o desenvolvimento de todas as suas potencialidades humanas e o aperfeiçoamento de si mesmo “[...] A formação do trabalhador simplificou-se e reduziu-se a necessidade de conhecimentos mínimos” (ZANELLA, 2016, p. 6). A manufatura, como assinala Marx (2008a), produziu o “trabalhador mutilado”. Seu trabalho que era de certa

forma “omnilateral” tornou-se “trabalho parcial”, fragmentado, dividido, subordinado, subjugado e deformado.

Enquanto a cooperação deixava intato o modo de trabalho individual, a manufatura o transforma e mutila o operário; incapaz de fazer um produto independente, converte-se em um simples apêndice da oficina do capitalista. Os poderes intelectuais do trabalho desaparecem e desembocam no outro extremo. A divisão do trabalho manufatureiro produz a oposição dos trabalhadores às potências espirituais do processo de trabalho, que são determinadas pela propriedade de outro e pelo poder. Este processo de separação começa na cooperação, desenvolve-se na manufatura e se aperfeiçoa na grande indústria, que separa o trabalho da ciência, enquanto força produtiva autônoma, colocando-a à serviço do capital (MARX; ENGELS, 1992, p. 20).

Vemos, portanto, que o modo de produção capitalista além de desprover o trabalhador de suas ferramentas de trabalho, impõe-lhe uma formação fragmentada que resulta em um processo de desqualificação profissional. A relação qualificação/desqualificação também pode ser percebida no trabalho da pesca artesanal no município de Cametá quando analisamos os impactos da construção da UHE de Tucuruí, como materialização do capital na região. Entre os impactos causados pela construção da usina houve a escassez de peixes no rio Tocantins, o que afetou significativamente a práxis produtiva dos pescadores.

Na ilha de Tentém os impactos da construção da UHE provocaram mudanças nos modos como os pescadores passaram a buscar seu sustento, levando em consideração a nova dinâmica da pesca na região. A captura de peixes, antes abundantes às margens do rio Tocantins, próximo às residências dos pescadores, necessitava de deslocamento dos pescadores a curtas distâncias, sendo que o uso de canoas a remo era suficiente. Hoje, os pescadores que não possuem barcos a motor tem dificuldade em realizar a pesca “[...] Agora precisamos de barco a motor para ir mais longe buscar o pescado, ainda usamos canoas a remo para tentar pescar aqui próximo, mas é raro [...] Você precisa ir longe para pegar os peixes que vão em cardume” (*Pescador 4*).

No modo de produção capitalista, o trabalhador é desprovido de suas ferramentas de trabalho e de seu saber, uma vez que não consegue dominar todas as etapas do processo de produção. Segundo Marx (1982, p. 484), na chamada grande indústria, em que estão presentes um complexo de máquinas autômatas, confirma-se a “[...] separação entre as forças intelectuais do processo de produção

e o trabalho manual, e a transformação delas em poderes de domínio do capital sobre o trabalho".

Esse domínio do capital sobre o trabalho pode ser percebido no relato de um dos entrevistados: “[...] Além disso, você precisa ter uma geleira, para após pegar o pescado poder gelar e conservar, senão você perde o peixe [...] a maioria dos pescadores não tem condições de manter geleiras pra ir buscar o pescado” (*Pescador 4*).

Braverman (1979) argumenta que o trabalho no capitalismo tenderá sempre à desqualificação, pois a qualificação para o trabalho será sempre momentânea, no tempo exato da substituição de uma dada tecnologia por outra e a necessidade da construção das novas habilidades, no contexto da luta de classes, envolvendo controle e resistência do trabalho.

Nesse sentido, a relação dialética da qualificação do trabalhador no interior das disputas entre trabalho e capital, com o objeto deste estudo: *A formação da identidade dos pescadores artesanais da ilha de Tentém, município de Cametá-PA, a partir das condições materiais de produção de saberes do trabalho da pesca após a construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí (UHE)*, está centrada nas condições materiais que dispõe os pescadores da ilha de Tentém para realização da atividade de pesca artesanal. “[...] Como uma das categorias fundantes da classe trabalhadora, os pescadores, por meio do trabalho enquanto produtor de valor-de-uso, teriam sua identidade marcada pela atividade que realizam” (RODRIGUES, 2012, p. 89). Assim, os pescadores artesanais possuem uma identidade determinada pelo fazer da pesca, tal qual:

O trabalho do fiandeiro, como processo de produzir valor-de-uso, é especificamente distinto dos outros trabalhos produtivos, e a diversidade se patenteia, subjetiva e objetivamente, na finalidade exclusiva de fiar, no modo especial de operar, na natureza particular dos meios de produção, no valor específico do seu produto. (MARX, 2008, p. 222).

Nesse sentido, o trabalho da pesca artesanal como elemento fundante das relações entre os pescadores, e que demarca identidade desses sujeitos, passa a ser condicionado pelo capital. O capitalismo traz consigo uma série de contradições, muitas delas relacionadas ao mundo do trabalho. Ao mesmo tempo em que o trabalho é a fonte de humanização e é o fundador do ser social, sob a lógica do capital se torna degradado, alienado, estranhado. O trabalho perde a

dimensão original e indispensável ao homem de produzir coisas úteis (que visariam satisfazer as necessidades humanas) para atender as necessidades do capital. Sob o capitalismo, explicou Marx (2008a), o trabalhador decai à condição de mercadoria e a sua miséria está na razão inversa da magnitude de sua produção.

Na próxima seção tratamos do trabalho como princípio educativo, nela é feita inicialmente a discussão sobre o trabalho como elemento criador da vida humana, destacando que sua socialização com este propósito é o que lhe atribui o caráter “educativo”. Depois o trabalho é classificado em concreto e abstrato e discutido nessas duas vertentes a “dimensão educativa”, por fim o trabalho como princípio educativo é relacionado com a formação da identidade.

### **2.1.2 O trabalho como princípio educativo**

O conceito de trabalho como princípio educativo está na raiz da relação entre o trabalho e a educação. Marx (1979) afirma o caráter formativo do trabalho e da educação como ação humanizadora por meio do desenvolvimento de todas as potencialidades do ser humano. Seu campo específico de discussão teórica é o materialismo histórico, em que se parte do trabalho como produtor dos meios de vida, tanto nos aspectos materiais como culturais, ou seja, de conhecimento, de criação material e simbólica, e de formas de sociabilidade.

O trabalho como princípio educativo está vinculado ao ser humano e sua relação com a natureza, à forma de ser dos seres humanos, que, sendo parte da natureza, dependem dela para criar seus meios de vida e se reproduzir; “[...] deriva do fato de que todos os seres humanos são seres da natureza e, portanto, têm a necessidade de alimentar, proteger-se das intempéries e criar seus meios de vida” (FRIGOTTO, 2005, p.60).

O trabalhador, como criador de variedades de uso, como trabalhador útil, e indispensável à existência do homem – quaisquer que sejam as formas de sociedade – é necessidade natural eterna de efetivar o intercâmbio material entre o homem e a natureza e, portanto, de manter a vida humana (MARX, 1982, p. 50).

Assim, ao permitir ao ser humano a criação de valores de uso, o trabalho torna-se crucial para manutenção e reprodução da vida, e sua socialização com este propósito é o que lhe atribui o caráter “educativo”. Esse caráter educativo,

dinamizado nas relações dos sujeitos com o trabalho, produz novos significados à vida, à medida que os homens refletem sobre suas ações articuladas ao trabalho.

A sociedade, porém, é resultado das relações de produção da humanidade. O ser humano ultrapassa sua condição natural a partir do momento em que adequa a natureza às suas necessidades por meio do trabalho. É possível afirmar que o trabalho se constitui como categoria central para a compreensão de todas as práticas sociais, inclusive a educação.

Nesse sentido, o trabalho representa a mediação que permite ao ser humano ultrapassar sua condição estritamente natural e constituir sua natureza social. O homem, em sua relação com os outros homens, produz as condições necessárias à manutenção de sua existência e, historicamente, cria novas necessidades a serem atendidas também pelo trabalho social.

Nessa perspectiva Rodrigues (2002) aponta a dupla produção que ocorre por meio do trabalho, seja a produção dos objetos culturais e a produção do próprio homem:

O homem não nasce pronto e acabado, mas constrói seus saberes num conjunto de relação, intermediada pelo trabalho e, nessa relação, educa-se. O homem é, para Gramsci, uma série de relações ativas que humaniza e se transforma através de sua atividade natural e social. Essa transformação é coletiva e se dá através do trabalho na existência humana. A existência do homem possibilita agir, pensar, criar. São essas ações que o homem utiliza para construir seu saber. As atividades práticas intermediadas pelo trabalho exigem transformações que requerem, por sua vez, um objetivo a realizar (RODRIGUES, 2002, p. 12).

Contudo, no que concerne ao trabalho da pesca artesanal, como atividade que permite retirar da natureza os meios de vida, é considerada vital para os pescadores artesanais. Assim, na pesca artesanal, o trabalho como princípio educativo se concretiza à medida em que os saberes do trabalho da pesca são repassados de “pai para filho” no intercâmbio com a natureza durante o próprio trabalho de pesca e com o propósito de manutenção da vida, de criação de valores de uso.

Nesse sentido, segundo Frigotto (2010), o trabalho constitui-se em elemento criador da vida humana, em um dever e em um direito. Um dever a ser aprendido e socializado desde a infância. Trata-se de aprender que o ser humano - como ser natural - necessita elaborar a natureza, transformá-la, e pelo trabalho

extrair dela bens úteis para satisfazer suas necessidades vitais e socioculturais, adjacentes na vida diária de pescador artesanal.

Em se tratando do trabalho no modo de produção capitalista, conhecer/educar torna-se uma questão de sobrevivência para o ser humano uma vez que é através do ato de conhecer/educar-se que o homem propõe soluções viáveis para os seus problemas cotidianos, retirando assim das experiências práticas do dia a dia as soluções viáveis necessárias para lhes manter, minimamente, as condições sociais as quais lhes permitem continuar lutando por sua sobrevivência (RODRIGUES, 2016, p. 83).

Desde o século XVIII, em quase todas as sociedades, o trabalho vem sendo regulado pelas relações sociais capitalistas. Trata-se de um modo de produção social da exigência humana que foi se estruturando em contraposição ao modo de produção feudal e que se caracteriza pela acumulação de capital, mediante o surgimento da propriedade privada dos meios e instrumentos de produção. Para constituir-se, todavia necessitava - além do surgimento da propriedade privada - da abolição da escravidão, já que era fundamental dispor duplamente de trabalhadores, ou seja, de não proprietários de meios de instrumentos de produção e tampouco de propriedade de senhores ou donos (BARRA, 2013, p. 60).

Contudo, se em seu sentido ontológico, o trabalho é o fundamento do próprio ser social, porque ele está na base do processo de construção do próprio homem, sendo a condição básica e fundamental de toda a vida humana (ENGELS, 2013, p. 13), no “mundo do capital”, o trabalho ganha outra dimensão, deixando de ser um trabalho concreto, útil ou vivo, no momento em que a força de trabalho se converte em mercadoria.

Assim, podemos dizer que o trabalho como princípio educativo se instala tanto no trabalho concreto (produtor de meios de vida) quanto no trabalho abstrato (trabalho como mercadoria), contudo, a diferença principal é que no modelo capitalista, o trabalho como princípio educativo ao invés de emancipar, degrada o trabalhador, uma vez que é reproduzido do modelo social hegemônico, alicerçado na exploração, na opressão, na exclusão e na alienação.

Nesse sentido, Rodrigues (2012) afirma:

Em sua expressão concreta, pelo trabalho o homem encontra as condições para sua humanização, produzindo cultura, saberes, condições materiais para sua existência física, independentemente do modo de produção que lhe constitua a história. Em sua faceta abstrata, objetivado pelo modo de produção capitalista, encontra

razões para a organização política, para o envolvimento social enquanto classe que busca a superação de um modo de produção excludente (RODRIGUES, 2012, p. 140).

Frigotto (1989) complementa:

“Nas relações de trabalho onde o sujeito é o capital e o homem é o objeto a ser consumido, usado, constrói-se uma relação educativa negativa, uma relação de submissão e alienação, isto é, nega-se a possibilidade de um crescimento integral” (FRIGOTTO, 1989, p. 4).

É nesse sentido que contextualizamos o trabalho como princípio educativo com a pesca artesanal no município de Cametá-PA, uma vez que os pescadores artesanais deste município foram afetados pelo sociometabolismo do capital materializado na construção da UHE de Tucuruí que segundo Rodrigues (2012) impactou “[...] os modos tradicionais de existência dos pescadores, impondo-lhes a necessidade de requalificação profissional e, conseqüentemente, redimensionamento dos saberes relacionados ao mundo do trabalho que desenvolvem” (RODRIGUES, 2012, p. 9).

No modo de produção capitalista, o trabalho produtivo é somente o que produz mais-valia. O trabalho que produz valor sempre comparece como trabalho do indivíduo isolado, que se expressa na forma de trabalho em geral. Nessa relação, “o trabalho produtivo representa sempre perante o capital nada mais que o trabalho do trabalhador isolado” (Marx, 1980, p. 389).

Contudo, Rodrigues (2002, p. 12) apoiada em Gramsci, aponta que o homem se constrói por “uma série de relações ativas que humaniza e se transforma através de sua atividade natural e social. Essa transformação é coletiva e se dá através do trabalho na existência humana”. Porém, como vimos em Marx (1980), o trabalho no modo capitalista de produção preconiza um trabalho isolado como estratégia de produção de valor e ao mesmo tempo de coibir a troca de experiências entre os trabalhadores para assim impedir o domínio completo, por parte dos mesmos, de todas as etapas do processo de produção. Essa é a lógica do capital.

Com relação aos pescadores artesanais da ilha de Tentém, município de Cametá-PA, a construção da UHE, como já assinalamos, impactou negativamente os modos de existência desses sujeitos. E um dos achados da pesquisa reside na constatação de que a pesca, que antes era feita quase sempre de forma coletiva,

após a UHE passou a ser feita de forma individual, sendo raras as exceções de pesca coletiva, conforme relatam os pescadores:

“[...] antes na pesca da rede era um grupo de pessoas que se reuniam para pescar. Hoje é individual, cada um pesca pra si mesmo. É raro, mas às vezes quando decidimos ir pescar longe da ilha aí vão, dois, três pescadores juntos, mas é muito difícil acontecer isso” (*Pescador 1*).

Essa perda da coletividade no trabalho da pesca artesanal isola os pescadores da troca de experiências, do compartilhamento dos saberes e conseqüentemente de uma organização enquanto classe, uma vez que segundo Rodrigues (2012), é por meio do trabalho (coletivo) que os trabalhadores agem sobre a natureza e mantém relação com a mesma e com os homens e dessa forma mantêm relações sociopolíticas enquanto luta de classes.

Em termos classistas, os trabalhadores, por meio de seu trabalho e de sua relação transformadora para com a natureza, vão forjando uma consciência da realidade em que vivem “[...] atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza.” (MARX, 2008a, p. 211). Trata-se de uma concepção de trabalho como princípio educativo (cf. GRAMSCI, 1968), à medida que vai moldando a natureza às suas necessidades, vai também o homem aprendendo as sutilezas de sua relação com aquela e com outros homens, vai adquirindo saberes, quer no campo das especificidades de cada tipo de trabalho, quer no campo das relações sociopolíticas enquanto luta de classes (RODRIGUES, 2012, p. 55-56).

No entanto, apesar da UHE promover a negação do trabalho coletivo - que lhes permitia uma educação no fazer-se pelo trabalho - e conseqüente uma negação de identidade enquanto classe de pescadores, estes sujeitos buscaram outras formas de se educar e de se organizar enquanto classe, seja por meio da filiação em Colônias de Pescadores, seja pela criação de novos saberes do trabalho da pesca.

Essas estratégias são exemplos que representam formas de resistência dos pescadores frente às condições de trabalho imposta pelo capital materializado na construção da UHE. No entanto, são também representações de como o trabalho como princípio educativo relaciona-se com a formação da identidade do pescador artesanal, uma vez que a criação e domínio de novas técnicas (saberes) para atividade de pesca artesanal permite uma formação do pescador enquanto profissional que domina a arte da pesca em um determinado contexto produtivo.



Rodrigues (2012) esclarece melhor esse processo de construção identitária por meio do ofício da pesca:

É nesse sentido, então, que podemos entender que os pescadores, em seu processo de construção identitária enquanto fração de classe, vão se constituindo sujeitos de sua história, permeada por estratégias de negação de identidade pelo capital, mas também por afirmações de identidade por parte dos pescadores. Por meio do ofício que realizam os pescadores vão se educando e se formando profissionalmente, dominando técnicas de captura de pescado e também produzindo instrumentos de pesca (RODRIGUES, 2012, p. 224).

Na seção que segue, aprofundamos as discussões sobre os saberes do trabalho da pesca artesanal, de início apresentamos uma revisão bibliográfica sobre a produção de saberes destacando as principais obras que tem embasado os estudos sobre essa categoria, entre elas MORAES (2007), RODRIGUES (2012), MARTINS (2011) e PANTOJA (2015), seguindo com apresentação de uma arqueologia teórica sobre Saberes e conhecimento, e por fim tratamos relação dos saberes com processos de formação de identidade.

## **2.2 Saberes do trabalho da pesca artesanal no município de Cametá-PA**

Antes de iniciarmos a discussão sobre saberes do trabalho da pesca artesanal é importante destacarmos os estudos realizados acerca da categoria “saber”, principalmente os quais se direcionam a pescadores artesanais. Esse tipo de estudo de caráter bibliográfico, segundo Ferreira (2002, p. 257) é uma tentativa de “mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares”. Esse mapeamento é importante para este estudo no sentido de investigarmos que direcionamentos tem tomado as pesquisas em torno dessa categoria, e assim traçar um paralelo com o que nos propomos a discutir com o intuito de enriquecer a pesquisa.

Sendo assim, em se tratando de saberes, destacamos de início o livro de Moraes, publicado em 2007, denominado “Uma Arqueologia dos Saberes da Pesca: Amazônia e Nordeste” tendo sido originalmente uma tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, esta obra trata da relação homem e natureza fundamentada na tradição dos saberes das populações pesqueiras, saberes que segundo o autor “passam de

geração em geração pela oralidade”. A pesquisa se deu no Nordeste, no município de Assú - RN, onde se situa a Lagoa do Piató; no Norte, nos municípios de Abaetetuba e Igarapé-Miri – PA, região banhada por inúmeros rios e localizada no baixo Tocantins.

A pesquisa de Moraes (2007) identificou importantes discussões que dizem respeito ao conjunto de técnicas pesqueiras desenvolvidas nas regiões Nordeste e Norte com base em observações e entrevistas, além de registros de vídeo, fotografias e desenhos, muitos deles do próprio autor.

Moraes (2007) chama de “saberes da tradição” as técnicas de pesca desenvolvidas por populações tradicionais que segundo ele “funcionam como operadores cognitivos num processo de construção do conhecimento no âmbito dessas populações” (MORAES, 2007, p. 20). São técnicas que os pescadores usam “paramodificar, comparar, diluir e reatualizar seus conhecimentos a fim de obter êxito nas pescarias” (Ibidem, p. 20).

A obra de Moraes (2007) foi de fundamental importância para esta pesquisa, uma vez que grande parte dos dados coletados e analisados (saberes da pesca) são de municípios do Baixo Tocantins, onde situa-se Cametá, o *locus* macro desta pesquisa, e portanto apontam uma realidade pesqueira comum dos entrevistados. Sem falar que esta pesquisa fez uso de desenhos e imagens contidas na obra, que por sinal, retratam com excelência os saberes do trabalho da pesca artesanal.

Outro autor importante, cuja tese de doutoramento trouxe valorosas discussões sobre a categoria saberes, é Rodrigues, que em 2012 publicou a tese intitulada “Saberes Sociais e Luta de Classes: um estudo a partir da Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 Cametá/Pará”. Nessa pesquisa o autor analisa os “saberes sociais” como “resultantes do trabalho desenvolvido pelos pescadores e capazes de fomentar-lhes a identidade, fornecendo elementos para a constituição do ser social pescador a partir do ofício que realizam” (RODRIGUES, 2012, p. 139). E também aponta os saberes sociais “como instrumentos que possibilitam uma consciência de classe para si entre os pescadores, possibilitando-lhes a organização política em defesa de seus interesses de classe” (Ibidem, p. 196).

Outro ponto importante da tese de Rodrigues, que dialogou com minha pesquisa, foi o fato de apontar os impactos da construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí como obra que implicou mudanças na produção de saberes do trabalho da pesca:

Entendemos, então, que a construção da Hidrelétrica de Tucuruí, ao subsumir o modo de vida dos pescadores da região tocantina, foi-lhes forçando uma tomada de consciência frente à realidade propugnada por essa ação mínero-energética, resultando no fortalecimento de processos organizativos e na construção de saberes como elementos para refletir e direcionar suas práticas político-sociais de enfrentamento face à dinâmica sociometabólica do capital na região (RODRIGUES, 2012, p. 35).

O foco dessas mudanças, obviamente foi direcionado para objetos de pesquisa distintos, no entanto a relação entre a construção da UHE e a produção de saberes do trabalho da pesca é comum e mostra-se cada vez mais presente nas pesquisas atuais em virtude da materialidade negativa desse projeto para a realidade de vida experienciada pelos pescadores dessa região.

Outra pesquisa que apontamos, foi a dissertação de mestrado de Martins, publicada em 2011, intitulada “Trabalho, educação e movimentos sociais: um estudo sobre o saber e a atuação política dos pescadores da Colônia Z-16, no município de Cametá-PA”. Nela, o autor analisa o saber produzido pelo trabalho dos pescadores e a participação política desses sujeitos no contexto social de seus movimentos; em seus estudos mostra que os pescadores são sujeitos de saberes e que esses mesmos saberes nascem a partir de suas relações com o mundo do trabalho da pesca.

Os saberes dos trabalhadores da Colônia Z-16 são articulados a partir do trabalho, de modo que esse proporciona aos trabalhadores aprenderem e ao mesmo tempo ensinarem outros trabalhadores nas diversas situações de sua profissão. Esses sujeitos se organizam também em torno de um movimento capaz de fortalecer suas lutas em prol de suas realizações (MARTINS, 2011, p. 58).

Martins (2011) caracteriza, portanto, os saberes como elementos que nascem das relações dos pescadores com o mundo e com o trabalho da pesca. Em se tratando da produção de saberes a partir do trabalho houve um diálogo importante com minha pesquisa, uma vez que, entre outras discussões, aponto os impactos da construção da UHE de Tucuruí no trabalho e conseqüentemente na produção de saberes dos pescadores artesanais da ilha de Tentém, município de Cametá-PA.

Ainda na esteira de pesquisas sobre a categoria saber, destacamos a dissertação de mestrado de Pantoja, publicada em 2015, que se intitula “Saberes do Trabalho na Carpintaria Naval Artesanal no distrito de Carapajó – Município de

Cametá-PA” na qual o autor investiga os saberes do trabalho na atividade produtiva da carpintaria naval artesanal no distrito de Carapajó, município de Cametá-PA, a partir de um estudo das dimensões ética, política, técnica, pedagógica e organizacional, em decorrência da construção da Usina Hidrelétrica (UHE) de Tucuruí-PA.

Pantoja (2015) apresenta concepções que abordam os saberes do trabalho, a partir de percepções políticas e sociais distintas, partindo de “uma reflexão sobre a apropriação dos saberes desenvolvida pelos trabalhadores nas operações profissionais, tomadas pela organização do trabalho na perspectiva do capital e dos trabalhadores” (PANTOJA, 2015, p. 49).

Nesse sentido, ao tratar dos saberes do trabalho na perspectiva do capital, Pantoja (2015) analisa os saberes do trabalho em suas dimensões técnica, política, ética, pedagógica e organizacional, ou seja, a práxis produtiva dos pescadores que segundo Vázquez (1968, p. 117) é “[...] atitude humana transformadora da natureza e da sociedade [...]”. Essa análise prática dos saberes do trabalho relaciona-se com uma das questões norteadoras que apresento nesta pesquisa: *Como se constituem os saberes dos pescadores artesanais da ilha de Tentém, município de Cametá-PA nas dimensões técnica, produtiva, organizativa e política dadas as condições materiais dos pescadores após a construção da UHE?*

Essas pesquisas, portanto, serviram de aporte teórico para grande parte das discussões que desenvolvo sobre saberes nesta pesquisa. Levando em consideração que meu objeto de estudo é a *formação da identidade dos pescadores artesanais da ilha de Tentém, município de Cametá-PA, a partir das condições materiais de produção de saberes do trabalho da pesca após a construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí (UHE)*, a discussão sobre saberes exige, além da definição da categoria, uma relação desta com o trabalho e a formação de identidade e mais que isso, contextualizar essas relações com a pesca artesanal no município de Cametá-PA.

Começamos então pela definição de alguns conceitos de saberes, como o *saber tácito* ou *conhecimento tácito* (ARANHA, 1997; RODRIGUES, 2016) e o *saber social* (GRZYBOWSKI, 1986; RODRIGUES, 2016) uma vez que o objeto de estudo nesta pesquisa é a formação da identidade a partir dos saberes do trabalho da pesca artesanal e, portanto as discussões abordam saberes na perspectiva do trabalho, da atividade humana. Assim, aprofundamos a abordagem da produção de saberes

relacionando com a ergologia<sup>31</sup> que traz uma importante contribuição para compreender a natureza dos saberes produzidos, mobilizados e/ou modificados em situação de trabalho pelo trabalhador, saberes em “aderência” e “desaderência” (SCHWARTZ 2006; 2007; 2009; SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. 2003; 2010); e “saberes do trabalho” e “saberes do trabalho associado” (FRANZOI; FISCHER, 2015; TIRIBA; FISCHER, 2009).

O saber tácito, segundo Aranha (1997, p. 14) é sinônimo de conhecimento tácito, “é adquirido pelo trabalhador tanto no processo de trabalho quanto na sua atividade social em geral. É um processo contínuo e essencial ao andamento cotidiano do trabalho. É dificilmente codificável, o que dificulta a sua sistematização, mas é extremamente dinâmico, estando presente em, praticamente, todos os processos de trabalho conhecidos no capitalismo”.

Rodrigues (2016) situa o saber tácito no espaço de produções não formais de educação, porém, segundo ele, indispensável para os processos de produção e formação humana.

[...] esse saber assume a particularidade de um tipo de saber que construído e adquirido em ambientes não formais de educação, como por exemplo no trabalho, na família, nas comunidades, nas igrejas, etc., se estrutura e se gesta na informalidade, ou seja, fora dos espaços ditos formais de educação, não sendo assim, reconhecido como científico, mas que, contudo, é indispensável para os homens, principalmente no que tange seus processos de produção e formação humana (RODRIGUES, 2016, p. 92).

Assim, segundo Rodrigues (2016, p. 92) o saber tácito se torna importante e, portanto, indispensável para o homem na medida em que lhes possibilita compreender e, assim, dominar conhecimentos como, por exemplo, da caça, da pesca, do plantio, do trabalho etc., que em uma relação de manutenção da vida vai permitindo com que os homens garantam a sua sobrevivência e, assim, perpetuem no mundo sua espécie, ao mesmo tempo em que também aprendem, se transformam e se humanizam.

No que diz respeito aos saberes sociais Grzybowski (1986), em suas pesquisas sobre questões educacionais atreladas a problemáticas camponesas,

<sup>31</sup> A ergologia é um método de investigação pluridisciplinar em função de a atividade humana ser muito complexa para se compreender e analisar a partir de uma única disciplina, qualquer que seja ela. Todas são necessárias, embora nenhuma seja suficiente. Trata-se, portanto, de colocar em dialética – e não somente de sobrepô-las umas sobre as outras – o conjunto dos saberes elaborados pelas outras disciplinas (TRINQUET, 2010, p. 94).

utiliza a categoria saberes sociais, colocando-a como elemento que permite compreender a organização, a consciência social, os interesses e as ações coletivas de trabalhadores do campo. Para o autor, os “saberes sociais” seriam um “[...] conjunto de conhecimentos e habilidades, valores e atitudes que são produzidos pelas classes, em situação histórica dada de relações, para dar conta de seus interesses” (GRZYBOWSKI, 1986, p. 50).

Segundo Grzybowski (1986), o saber social é um conjunto de aprendizado que o homem desenvolve nas suas relações históricas dadas, quer essas sejam com a natureza, quer essas sejam com seus pares, e que assim formam um conjunto de habilidades, valores e atitudes que permitem com que esse homem use tal saber a seu favor diante das intempestivas relações que o modo de produção capitalista lhes impõe, provocando nesse ser a construção de uma gama de conhecimentos que de forma direta vão proporcionando-lhe atitudes questionadoras diante da realidade vivida e assim se contrapondo à lógica hegemônica do capital.

O saber social, nesse sentido, está ligado diretamente às necessidades humanas. Ou seja, para podermos entender o saber social em seu sentido amplo, não podemos deixar de considerar que por mais básicas que as necessidades sejam: comer, beber, vestir-se, essas são sempre carregadas de saberes que adormecidos no ser dos homens são despertadas e postas em movimento pelas necessidades humanas (RODRIGUES, 2016, p. 99).

Por outro lado, Rodrigues (2016) enfatiza que as necessidades humanas como as que estão diretamente ligadas às produções de saberes sociais não estão soltas, descoladas daquilo que o homem vive no seu dia a dia, ou seja, os saberes sociais são produtos das necessidades e essas por sua vez são descobertas e enfrentadas no cotidiano dos homens. Logo, é no cotidiano dos homens e seus grupos, ou no dizer de Marx (2008a) de suas classes, que o saber, quer esse seja social ou não, deve ser buscado e entendido.

Consideramos, também, como relevantes para esta pesquisa os trabalhos de Franzoi; Fisher (2015) que trazem o conceito de saberes do trabalho:

Entendemos saberes do trabalho como aqueles produzidos, mobilizados e modificados em situação de trabalho. O termo saber, segundo Santos (2000), é tomado como sinônimo de conhecimento, “no entanto, a opção por um ou outro tem implicações de várias ordens. Conhecimento é utilizado quando se quer referir ao saber científico, ou ao saber formalizado, socialmente legitimado. Já o

saber, via de regra, tem uma conotação mais pejorativa [...]. No entanto, um debate atual, coloca na ordem do dia a necessidade de resgatar as dimensões esquecidas dos saberes chamados menores elevando-os à maioria (p. 295)” (FRANZOI; FISHER, 2015, p. 148).

Os saberes do trabalho, segundo as autoras, são “[...] aqueles produzidos, mobilizados e modificados em situação de trabalho” e, portanto, resultam de uma prática na qual o trabalhador “faz brotar nesse sujeito aprendizados e macetes específicos que não são possíveis de serem adquiridos fora de sua prática, quebrando assim o paradigma de que esse saber é sempre fruto de uma formação/qualificação anteriormente adquirida à prática da atividade do trabalho” (RODRIGUES, 2016, p. 95).

Outro conceito de saber que também interessa para este estudo é o proposto por Tiriba; Fischer (2009) e vem da expressão *saber(es) do trabalho associado*, que segundo as autoras:

[...] é utilizada para designar o(s) saber(es) produzido(s) pelos trabalhadores e trabalhadoras nos processos de trabalho que se caracterizam, entre outros, pela apropriação coletiva dos meios de produção, pela distribuição igualitária dos frutos do trabalho e pela gestão democrática das decisões quanto à utilização dos excedentes (sobras) e aos rumos da produção. O termo diz respeito ao conjunto de habilidades, informações e conhecimentos originados do trabalho vivo, tecidos na própria atividade de trabalho e engendrados e acumulados ao longo da experiência histórica dos trabalhadores e trabalhadoras que se associam de forma autogestionária na produção de bens e serviços, contrapondo-se à lógica do sistema capital (TIRIBA; FISCHER, 2009, p. 1).

Segundo as autoras, o conceito de *saberes do trabalho associado* “remete à análise das relações históricas entre trabalho e educação e, especificamente, entre trabalho e produção de saberes. Em seu sentido ontológico, o trabalho é entendido como mediação dos seres humanos com a natureza, sendo elemento central da formação humana. Por meio do trabalho, objetivam as coisas da natureza e lhe conferem humanidade, humanizando-se com as criações e representações que produzem sobre o mundo” (TIRIBA; FISCHER, 2009, p. 1).

Contudo, para uma relação dialética dos saberes com trabalho e identidade e para contextualizar com a pesca artesanal é importante, de início, discutir os conceitos de *saber* e *conhecimento*, não no sentido de estabelecer diferenças, mas na tentativa de relacionar os dois conceitos, pois segundo Schwartz (2009) ao

tentarmos solucionar a questão, frequentemente posta, sobre a diferença entre *saberes* e conhecimentos “não parece haver resposta categórica, tudo é questão de escolha de definição” (SCHWARTZ, 2009, p. 268).

Segundo Kosik (1995) a relação entre os saberes e o conhecimento pode ser entendida como uma relação dialética, de unidade e de contrários. O princípio dialético da unidade de contrários pode ser entendido como uma propriedade dos fenômenos de serem percebidos em movimento, num processo ativo em que se manifesta e esconde a sua essência.

A essência se manifesta no fenômeno, mas só de modo inadequado, parcial. Ou apenas sob certos ângulos e aspectos. O fenômeno indica algo que não é ele mesmo e vive apenas graças ao seu contrário. A essência não se dá imediatamente, é mediata ao fenômeno e, portanto, se manifesta em algo diferente daquilo que é. A essência se manifesta no fenômeno (KOSIK, 1995, p. 15).

Nesse sentido, entendemos que a simples definição de que “o **conhecimento**, seria aquele que estaria ligado ao resultado da produção científica, oriundo de pesquisas, do acadêmico; e o **saber** a um modo de conhecer-saber menos rigoroso, mais relacionado à esfera da praticidade” (RODRIGUES, 2016, p. 88, grifos do autor), não é suficiente para buscarmos a compreensão da essência desses termos, principalmente quando tratamos de saberes do trabalho da pesca artesanal.

Schwartz (2009) discute o plano da produção de saberes em relação com a vida humana, que segundo ele está em constante movimento entre as exigências que lhe são postas e o poder que lhe é próprio. Segundo o autor “não há vida humana que não seja chamada a viver naquilo que denominamos **aderência**: seja a mobilização de nossas energias, incorporadas em nossas faculdades intelectuais como em nossos equipamentos biológicos, para detectar pontos de resistência e de apoio no presente do meio a viver” (SCHWARTZ, 2009, p. 265, grifo nosso).

Schwartz (2009) situa os saberes no plano da vida humana, da atividade humana no espaço e no tempo, que ele chama de “aderência”, associando aos conceitos de *meio* e *presente* como dispositivos espaciais e temporais indeterminados, segundo os quais “só é possível viver no aqui, e agora” (SCHWARTZ, 2009, p. 265). O autor aponta a necessidade da reflexão sobre os saberes na perspectiva da *aderência* como uma ferramenta que, no campo da produção de saberes, permite uma abordagem dialética, e salienta que sem essa



perspectiva não haveria uma abordagem adequada ou “sadia” sobre a produção dos saberes, como vemos a seguir:

Toda reflexão sobre os saberes, os patrimônios humanos que não observe que o viver em *aderência* é uma *máquina de pesquisa*, uma máquina a apurar, a repensar, a reorganizar suas normas de consideração sobre os meios, e que avaliariam ao contrário estas aqui em dominação, em exterritorialidade, se distanciariam de uma abordagem sadia da produção de saberes (SCHWARTZ, 2009, p. 265).

Segundo Schwartz (2009) há, também, os saberes que se encontram no plano da *desaderência* quando se referem a conceitos, competências e conhecimentos disciplinares acadêmicos e/ou profissionais que permitem a elaboração de um trabalho prescrito. Ou seja, todos os saberes que são necessários, mas exteriores e anteriores à situação de trabalho estudada, ou seja, saberes que estão em *desaderência* com a atividade estudada.

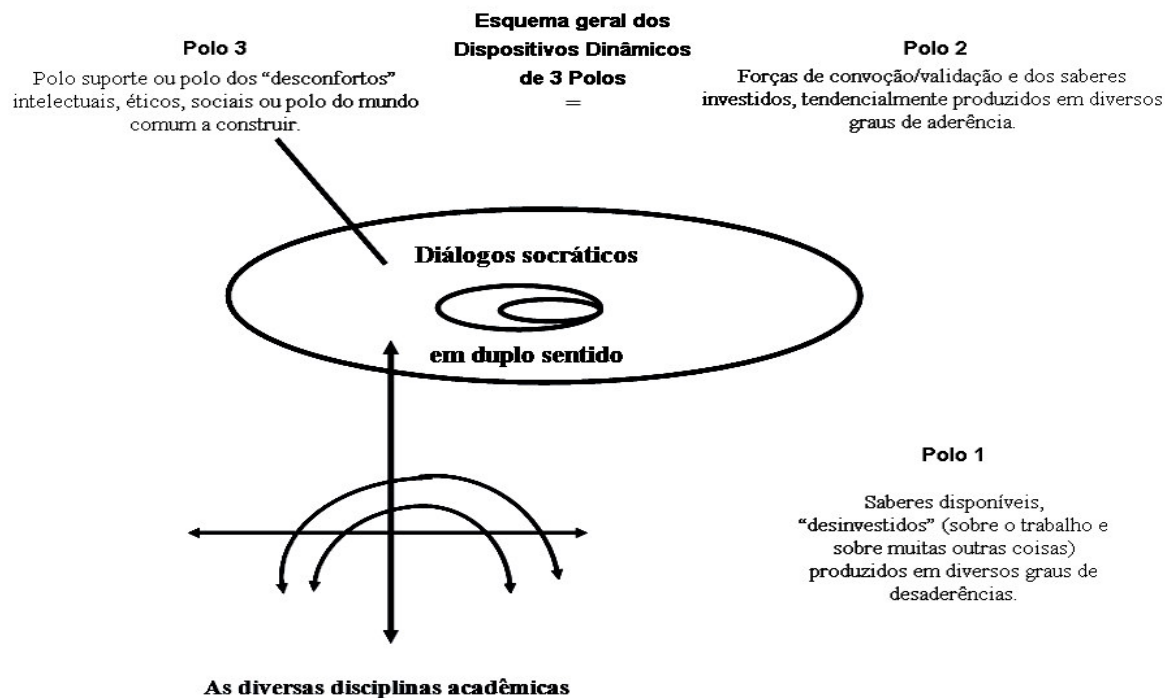
Sendo assim, ainda na classificação dos polos da *desaderência* e *aderência* temos de um lado “formas de saberes tendencialmente produzidos anteriormente e à distância, sem destinatário personalizado, destinados a antecipar e a, de certo modo, normalizar mais ou menos todo o agir, e, do outro lado, o meio humano, incluindo o sujeito do agir, permanentemente reconfigurado pelo produto da dinâmica, do vaivém anteriores, exige reavaliações, reaprendizagens novas” (SCHWARTZ, 2009, p. 268).

Para situar a produção dos saberes nos planos da *desaderência* e *aderência* Schwartz (2009) propõe o esquema que chamamos de “dispositivos dinâmicos de três polos” segundo o qual se reconhece “no polo 1, os saberes tendencialmente produzidos na *desaderência*; no polo 2, aqueles derivados das demandas do tratamento do vaivém entre *aderência* e *desaderência*. O polo 3 pontua as convicções iniciais que impulsionam os protagonistas a se engajar nos processos em que cada um deve retrabalhar seus próprios recursos, confrontando-os com os recursos dos outros (diálogos socráticos de duplo sentido<sup>32</sup>)” (SCHWARTZ, 2009, p. 268). O esquema é ilustrado na figura seguinte:

---

<sup>32</sup> Diálogos socráticos de duplo sentido: porque, por referência à maiêutica socrática, eles são um tipo de engendramento mútuo de recursos e perspectivas de diferentes parceiros. Colocar em circulação certos conceitos (mais ou menos em *desaderência*) a partir dos protagonistas do polo 1, pode desencadear, no polo 2, uma tomada de consciência mais aprofundada e uma explicitação dos saberes e alternativas postos em jogo no tratamento reiterado do viver em *aderência*. Inversamente, medir os recursos visíveis ou invisíveis dos parceiros do polo 2 transforma, nos profissionais do conceito, no polo 1, sua postura, seu patrimônio e seu fazer para descobrir perspectivas ampliadas sobre o seu *métier*.

Esquema 1 - Esquema Geral dos Dispositivos Dinâmicos de Três Polos



Fonte: Schwartz (2009, p. 269).

Sendo assim, ao retomar a discussão sobre a relação entre *saber* e *conhecimento* trazendo para a abordagem de Schwartz (2009) vemos que os saberes mantêm uma proximidade maior com os polos 2 e 3, na aderência, em que se tem a “convocação/validação dos saberes investidos” e que segue-se dos “desconfortos intelectuais, éticos, sociais”. Isso significa que os saberes no plano da aderência estão voltados para uma “aplicação” e “análise” do que se constrói no polo 1 da desaderência.

Teríamos, sobretudo, a tendência de nomear *conhecimentos* as construções intelectuais fabricadas no polo 1 da desaderência, suscetíveis de ser estocadas e ensinadas, e *saberes* essas construções híbridas, alimentando-se em graus extremamente variáveis entre o polo 1 e o polo 2 da aderência. Num plano epistemológico, coloca-se a questão do status tendencialmente específico dessas duas formas de recursos intelectuais, que são, porém, comensuráveis em termos de saberes, no sentido mais genérico em que estão presentes neste esquema (SCHWARTZ, 2009, p. 268).

Assim, vemos que a abordagem da produção de saberes feita por Schwartz (2009) situada na perspectiva da aplicação e da prática, volta-se para o campo da

ergologia, ou seja, a produção de saberes “investidos” na perspectiva do trabalho, da atividade humana.

A vida humana, diferente da dos animais, transita em um universo de normas, como por exemplo, um sistema jurídico, um manual de orientação de uso, o regimento de uma empresa, um organograma, até mesmo uma tradição. Essas normas antecedem qualquer atividade. Na perspectiva da ergologia, em toda atividade humana em geral e, em especial, na de trabalho, encontram-se normas de vida e de trabalho e saberes historicamente acumulados, formal ou informalmente, que se inscrevem e reinscrevem na história e nos remetem a “[...] escolher e agir segundo um misto de aceitação (apropriação) e retrabalho variável das normas antecedentes, e esse tratamento do misto, em si, é o que chamamos de renormatização” (SCHWARTZ, 2009, p. 267).

Os estudos da ergologia, a partir desse contexto, propõem-se aprofundar o conhecimento sobre o mundo do trabalho e da experiência dos trabalhadores, entre o trabalho prescrito e o trabalho que Schwartz (2006) chama de real que “é o resultado das renormatizações, não estrita aplicação e execução das normas. Ou melhor, é a execução das normas através da renormatizações” (SCHWARTZ, 2006, p. 462).

Em se tratando da pesca artesanal essas “renormatizações” relacionam-se ao uso dos saberes pelos pescadores no trabalho da pesca. Schwartz (2003, p. 23) salienta que, pelo trabalho, onde a história constantemente se faz, vão se criando, re-questionando e re-combinando saberes, “[...] reproduzindo em permanência novas tarefas para o conhecimento”.

Nesse sentido, o saber “estaria ligado ao indivíduo, embora resultado de relações, quer com a natureza quer com outros homens, servindo-lhe para resolver problemas do cotidiano, e, portanto, em constante transformação, haja vista as diferentes necessidades vividas” (RODRIGUES, 2012, p.38).

[...] o saber [...] dos pescadores artesanais é cumulativo, ou melhor, ele é produzido por gerações sucessivas e evolui a cada passagem; é empírico, pois se confronta com o teste da experiência diária, com a “ida” a campo, e é dinâmico, uma vez que se transforma em função das mudanças socioeconômicas, tecnológicas e físicas (BARRA, 2013, p. 62).

Assim, discutir saberes do trabalho da pesca de pescadores artesanais do município de Cametá, no contexto pós-construção da UHE, requer uma visão crítica

a respeito da *situação de trabalho e produção* dos pescadores, uma vez que a construção desse projeto causou impactos nas relações de trabalho e produção de saberes desses sujeitos, obrigando os mesmos a criar novas formas de materialização do trabalho para suprir suas demandas.

À medida que o homem amazônico se vê diante de fenômenos e situações particulares, ele desenvolve um conjunto de representações e significações que lhes permitam enfrentar as diversas situações que se apresentam em seu cotidiano, criando sempre novas formas de trabalho (BARRA, 2015, p. 23).

Partindo desses pressupostos, podemos analisar os *saberes do trabalho* na formação da identidade dos pescadores artesanais do município de Cametá, entendendo que a produção de *saberes do trabalho* sofreu mudanças significativas após a construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí - UHE e com isso a identidade dos pescadores também mudou, considerando os saberes como elementos formadores da identidade do pescador artesanal.

A exemplo dessas mudanças podemos aqui citar o caso dos apetrechos de pesca: a malhadeira e o matapí. A malhadeira, material imprescindível para a captura do pescado, e que antes era fabricada pelos próprios pescadores, cada vez mais está disponível em lojas e supermercados para ser comercializada, contribuindo, assim, para que o saber que permeia a construção desse artefato esteja a se perder, uma vez que os pescadores não estão mais a se dedicar a produzir tal instrumento de pesca, pois com a fácil comercialização, esse tal material tem assumido a característica de um produto descartável. O mesmo está a acontecer com o matapí (objeto utilizado na captura de camarão). Cada vez mais os saberes que permeavam a construção desse material de pesca do camarão estão se perdendo, pois, ao ser de fácil comercialização, os pescadores estão preferindo comprar esses ao invés de fabricá-los. Outro fato que também nos chama atenção quanto ao matapí, é que esse, quando fabricado de tala de jupati, possuía uma abertura maior, facilitando a saída dos camarões menores, algo que não acontece com os matapis industrializados feitos de polietileno (RODRIGUES, 2016, p. 14).

Essas mudanças, relativas aos saberes do trabalho pesca artesanal, tem uma enorme importância na configuração dos modos de vida, nos processos produtivos e na formação da identidade dos sujeitos pescadores. A pesca configura-se como uma ação que envolve uma combinação lógica de diversas práticas sociais da vida cotidiana, pois é executada na maioria das vezes de forma coletiva e nesse sentido, os saberes configuram-se, também, como importantes elementos de fortalecimento de uma identidade de classe:

Não se nega a importância dos saberes dos pescadores como elemento de fortalecimento de uma identidade classe, mas sim a realidade socioeconômica que inviabiliza a atividade laboral do pescador, impedindo-lhe que se constitua sujeito de uma práxis produtiva definidora também de classe. (RODRIGUES, 2012, p. 160).

Assim, em relação ao objeto desta pesquisa: *a formação da identidade dos pescadores artesanais da ilha de Tentém, município de Cametá-PA, a partir das condições materiais de produção de saberes do trabalho da pesca após a construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí (UHE)*, consideramos que a construção dos saberes relacionados ao exercício do trabalho dos pescadores possibilita a compreensão do processo histórico de formação identitária de sujeitos que desenvolvem um tipo especial de ofício, em oposição a ofícios desempenhados por contingentes outros de trabalhadores, o que lhes permite perceberem-se como semelhantes a partir do que fazem.

Marx (2008a) destaca que [...] o trabalho também vai constituindo a subjetividade, que vai permitindo uma construção de identidade, ou seja, de um conjunto de representações sociais em comum que possibilitam aos homens se integrarem em uma esfera coletiva, porque se percebem como sujeitos envolvidos por atividades similares, tanto no campo do trabalho, em sua manifestação concreta, quanto em sua expressão abstrata (RODRIGUES, 2012, p. 140).

A próxima seção aborda a categoria identidade com maior profundidade, trazendo desde as concepções filosóficas de identidade até a sociologia moderna, e enfatiza a formação da identidade a partir das condições materiais de existência do trabalhador que permitem, por conseguinte, a produção dos saberes como elementos formadores da identidade do/no trabalho.

### **2.3 Processos de formação de identidade de pescadores artesanais no município de Cametá-PA**

A identidade é uma das categorias principais deste trabalho e que, aliás, configura-se no objeto de pesquisa quando nos propomos à análise da *formação da identidade dos pescadores artesanais da ilha de tentem, município de Cametá, a partir da produção de saberes do trabalho da pesca após a construção da UHE Tucuruí*.

Sendo assim, o estudo da categoria identidade precisou de um aprofundamento teórico que remonta as origens filosóficas de sua noção, a

definição do conceito na visão de autores de variadas correntes ideológicas e o diálogo das teorias com a pesquisa.

Segundo Dubar (2009) a noção de identidade remonta às raízes do pensamento filosófico no século V. a.C, discutida a partir de duas grandes posições, as quais o autor chama de *essencialista* e *nominalista*.

A teoria essencialista, como o próprio nome assinala, remete à ideia da identidade como “essência”, em que o movimento e a mudança são considerados ilusões. Segundo Dubar (2009) para essa corrente de pensamento seja qual for a acepção do termo *identidade* ela repousa na crença em “essências”, realidades essenciais, substancias ao mesmo tempo imutáveis e originais (DUBAR, 2009, p. 11-12).

Parmênides<sup>33</sup> parece ter sido o primeiro a enunciá-lo, em seu célebre poema, escrito no século V a.C. em Eléia, cidade italiana numa província da Grécia antiga. A fórmula “o ser é, o não ser não é” foi entendida como a afirmação de que “a identidade dos seres empíricos”, sejam eles quais forem, é “o que permanece o mesmo apesar das mudanças”, sua semelhança a si mesmo apesar do tempo: “O devir é excluído do ser”, escreve Parmênides. A permanência no tempo é que se pôde denominar de *mesmidade*, e ela é aqui concebida como uma realidade “em si” (DUBAR, 2009, p. 12).

Na visão de Parmênides a possibilidade de mudança ou de transformação da identidade é excluída. Considera, mais precisamente, a identidade imutável, que sobrevive ao tempo e que garante uma existência real das categorias, ou seja, para ele são as essências que garantem a permanência dos seres no tempo “A identidade dos seres existentes é o que faz com que permaneçam idênticos, no tempo, à sua essência” (DUBAR, 2009, p. 12).

A posição nominalista sobre a identidade traz uma concepção oposta à essencialista e pressupõe que *tudo está submetido à mudança*, ou seja, *não há essências eternas*. Ela é geralmente atribuída a Heráclito<sup>34</sup>, filósofo pré-socrático autor de aforismos célebres. Segundo ele “a identidade de todo e qualquer ser

<sup>33</sup> Parmênides nos é conhecido principalmente através de Platão, que apresenta e discute seu pensamento em três diálogos: *Teeteto*, *Sofista* e *Parmênides*. É considerado o pai da metafísica “monística”, isto é que defende a unidade de “o que é”. Suas teses influenciarão toda filosofia ocidental, de Platão a Descartes (DUBAR, 2009, p.12).

<sup>34</sup> Heráclito viveu em Éfeso, na Jônia, na segunda metade do século VI a.C. Platão critica seus escritos (de fato, aforismos um tanto obscuros ) no *Crátilo*. Foi, em contrapartida, muito apreciado pelos estoicos, que fizeram dele o pai do “pluralismo” filosófico que privilegia a “universal mobilidade de todas as coisas” (DUBAR, 2009, 12).

empírico depende da época considerada, do ponto de vista adotado” (DUBAR, 2009, p. 13) e as categorias que definem esses seres empíricos mutáveis são *palavras*, nomes que dependem do sistema de palavras em uso, que servem, num dado momento histórico, para nomeá-las. “são modos de identificação historicamente variáveis” (Ibidem, p. 13).

A identidade também é compreendida enquanto processo, cujo movimento é aspecto central. Nessa perspectiva “[...] a identidade não é o que permanece necessariamente ‘idêntico’, mas o resultado de uma ‘identificação’ contingente” (DUBAR, 2009, p. 13). Nesse sentido a identidade não é considerada como algo *que se constrói* - um constructo pronto e imutável - e sim como algo que *vai sendo* construído. A identidade está sendo entendida, então, como algo em constante transformação que expressa uma condição de plasticidade.

Ainda com relação à concepção nominalista de identidade e seu caráter mutável considera-se que a identidade é *diferença*, “o que constitui a singularidade de alguma coisa ou de alguém relativamente a alguém ou a alguma coisa diferente” (DUBAR, 2009, p. 13). A identidade é, também, o *pertencimento comum*, nesse sentido entende-se a identidade como “o ponto comum a uma classe de elementos todos diferentes de um mesmo outro”. Daí resulta paradoxo da identidade, no qual “o que há de único é o que é partilhado” (Ibidem, p. 13).

Contudo, as concepções filosóficas *essencialista* e *nominalista* de identidade, quando aplicadas aos seres humanos, produzem “modos de identificação”.

A posição “essencialista” é a que postula, ao mesmo tempo, uma singularidade essencial de cada ser humano (a possibilidade de dizer “quem ele é” em si) e um pertencimento igualmente essencial que não depende do tempo, que constitui, portanto, um pertencimento *a priori*, herdado no nascimento (a possibilidade de dizer “o que ele é”). Essas duas crenças estão ligadas: é por se acreditar que o pertencimento é dado como *a priori* que se pode definir a singularidade essencial de cada um. Cada um se torna, com efeito, o que ele é: ele realiza seu destino, esteja este escrito em seus genes ou marcado por seu “estado civil”. Permanece idêntico a seu ser essencial. A posição “nominalista” que também se pode chamar de “existencialista” (não essências, mas existências contingentes), recusa considerar que existem pertencimentos “essenciais” em si e, portanto diferenças específicas *a priori* e permanentes entre os indivíduos. O que existe são modos de identificação, variáveis no decorrer da história coletiva e da vida pessoal, destinações a categorias diversas que dependem do contexto (DUBAR, 2009, p. 14).

Assim sendo, a concepção essencialista postula uma singularidade existencial e de pertencimento igualmente essenciais e independentes do tempo, enquanto a concepção nominalista pressupõe o que Dubar (2009, p. 14) chama de “[...] modos de identificação, variáveis no decorrer da história coletiva e da vida pessoal [...]”. São as identificações atribuídas pelos outros que ele chama de “*identidade para outrem*” e as identificações reivindicadas para si mesmo denominadas “*identidades para si*” (Ibidem, p. 14).

As duas posições do pensamento filosófico (essencialista e nominalista) nos trazem modos de identificação em diferentes perspectivas, ao tentarmos entender a formação da identidade de pescadores artesanais, objeto desta pesquisa. A perspectiva essencialista, por exemplo, ao considerar o pescador artesanal como um sujeito que essencialmente é reconhecido pela atividade que desenvolve (pesca) e dela sobrevive, constataria que na ilha de tentem, hoje, não existem pescadores (o que não é verdade), já que a pesquisa evidenciou que os pescadores da referida ilha não conseguem sobreviver da atividade de pesca unicamente.

[...] hoje, se fosse só da pesca você não conseguiria sobreviver. A gente só consegue sobreviver porque tem o açai no período em que abre a pesca, aí já “*encustia*” [renda extra] e dá pra se manter, porque depois da construção da hidrelétrica o pescado só dá longe daqui e a maioria dos pescadores não tem condições de manter geleiras pra ir buscar o pescado; já no passado, antes da construção da hidrelétrica você conseguia sobreviver só da pesca (*Pescador 4*).

Nesse sentido, constatamos que não existe uma “essência” na identificação dos pescadores artesanais, segundo a qual haveria uma identidade coerente e única, que acompanharia o indivíduo por toda vida. Em se tratando de identificação de pescadores artesanais, o que existe são os modos como esses sujeitos se identificam no decorrer da história, modos que se relacionam às condições materiais de existência e de reprodução dos seus meios de vida. Sendo assim, por tomarmos o materialismo histórico como método de abordagem, a posição nominalista é a qual consideramos nas discussões e análises deste estudo.

Assim, partindo da concepção nominalista de identidade, temos as identificações atribuídas pelos outros, que Dubar (2009, p. 14) chama de “*identidade para outrem*”, que é a identificação dada pelos outros no decorrer da história. Quando trazemos essa concepção para a realidade dos pescadores



artesanais, nos deparamos com uma série de identificações, advindas em sua maioria das camadas sociais da zona urbana das cidades, depreciativas em muitos casos.

É perceptível, que durante muito tempo, esta categoria de trabalhadores ficou no esquecimento, sendo marginalizada e ridicularizada por algumas camadas da sociedade. O pescador artesanal fora visto, por muito tempo, como o **analfabeto/ignorante, desprovido de conhecimentos técnicos** (BARRA; SILVA, 2015, p. 139, grifos nossos).

Em meio a essas *identificações dadas pelos outros*, de cunho depreciativo, preconceituoso e até mesmo discriminatório em alguns casos, destaca-se a linguagem do pescador artesanal ribeirinho, objeto de interesse de muitos pesquisadores no município de Cametá-PA<sup>35</sup> por conta de suas peculiaridades. Na Amazônia Tocantina, em particular no baixo curso do rio Tocantins, a linguagem (o modo de falar) é um dos principais traços que distingue a população ribeirinha, a linguagem do ribeirinho é um elemento de sua identidade e traz as marcas do preconceito, fruto de uma herança histórica, pelo fato desta língua possuir, entre outros traços os da língua indígena e africana.

A **linguagem** dos ribeirinhos do baixo Tocantins é muito característica, não apenas pelo uso de palavras de origem indígena e africana, até algumas não mais usuais da língua portuguesa, como também pelas expressões, ritmo da fala ou pronúncia e pelo modo de narrar, descrever e referir-se a um acontecimento, lugar, planta, bicho, pessoa etc. No “português minoritário” falado pelos ribeirinhos do Baixo Tocantins existem fortes traços da língua geral Amazônica, constituindo uma *língua minoritária* (considerada pelas linguísticas um dialeto regional), que é **motivo de discriminação dos ribeirinhos nas cidades**, mas é também uma marca da sua **identidade**, de sua diferença, de seu *pertencimento territorial*. (PEREIRA, 2014, p. 181, grifos nossos).

Pereira (2014, p. 83) destaca ainda que “a colonialidade está, desse modo, presente na linguagem e no modo de falar (a oralidade, numa sociedade iletrada) [...] O passado colonial na Amazônia deixou marcas visíveis na paisagem material, e também na linguagem, “codificada na fala” dos ribeirinhos”.

---

<sup>35</sup> No município de Cametá-PA, destacamos a obra de Rodrigues (2003) intitulada “Marcadores Conversacionais: Um estudo sobre os Marcadores “Parente” e “- Que tá? – Tá bom” no município de Cametá/PA”.

No que tange às identificações reivindicadas para si mesmo, denominadas “*identidades para si*” Dubar (2009, p. 14), apontamos o relato dos entrevistados que descrevem o que consideram ser pescador na realidade em que vivem:

“[...] antes existia o lavrador, aqui mesmo na ilha todos eram considerados lavradores; de 1994 pra cá, quando você vai tirar documento já aparece pescador como profissão; e pra você receber o seguro tem que ter a profissão de pescador no documento senão você não recebe” (*Pescador 2*).

Pescar, hoje, é mais “esporte” do que profissão. Mesmo porque não há como você sobreviver apenas da pesca. Pois há épocas em que há peixes e outras que não, então você sobreviver apenas disso vai haver época que vai passar fome. Então pra mim, hoje, a pesca é mais por “diversão”. Então eu vou estudar e quando eu venho pra cá nós pescamos, quando dá (*Pescador 5*).

Em termos de identificação *para si* vemos que os pescadores possuem maneiras distintas de se identificar, embora vivenciem uma mesma realidade. Enquanto o *Pescador 2* enfatiza a importância da pesca como profissão, principalmente pelo fato da mesma permitir-lhe receber o seguro defeso<sup>36</sup>, o *Pescador 5* a tem como atividade recreativa - “esporte” – e coloca os estudos como prioridade, pois segundo ele “não há como você sobreviver apenas da pesca”.

A partir da posição nominalista do pensamento filosófico, que pressupõem modos de identificação *para outrem* e *para si*, é possível entender a noção de identidade, que se refere a objetos e domínios diferentes pertencentes a dois grandes conjuntos que Dubar (2009, p. 14) chama de *formas identitárias* que se dividem em *formas comunitárias* e as *formas societárias*.

As formas comunitárias supõe a existência de “agrupamentos chamados de comunidades, consideradas como sistemas de lugares e nomes pré-atribuídos aos indivíduos e que se reproduzem de modo idêntico através das gerações” (DUBAR, 2009, p. 15). Essa forma identitária pressupõe um pertencimento principal do indivíduo, um pertencimento “essencial” a certo grupo, quer seja “cultura”, “nação”, “etnia”, “corporação”, um pertencimento vital para sua existência individual.

<sup>36</sup> O seguro defeso é conhecido como o seguro desemprego do *pescador* artesanal profissional, é uma ajuda financeira concedida em períodos em que o mesmo é proibido de pescar, para preservar o período de reprodução dos peixes, sendo assim, os profissionais desta área acabam ficando sem meios de sustento durante período do defeso. Fonte: Ministério da Pesca e Aquicultura (Disponível em: <<http://mpa.gov.br>>. Acesso em: 06 jan. 2016).

Contudo, apesar da forma comunitária considerar esse pertencimento a um agrupamento/comunidade como “essencial”, a identidade (em si) não é concebida de acordo com a posição essencialista de Parmênides (*a priori* e permanente), pois considera “essência” identitária como uma “existência contingente” (Ibidem, p. 14). Isso significa dizer que a forma comunitária configura uma identificação (*para si* ou *para outrem*) que só ocorre se existir um grupo de pertencimento (por isso é essencial), porém, essa identificação é variável no decorrer da estória (existência) da comunidade.

As comunidades ribeirinhas de Cametá, enquanto grupos de pertencimento são, portanto, essenciais para que haja uma identificação dos seus moradores enquanto pescadores. No entanto a forma como os pescadores se identificam é variável na história, e no caso da pesquisa em questão, consideramos essa variabilidade como resultado das condições materiais de existência desses sujeitos.

[...] as comunidades tradicionais, na Amazônia, possuem “um modelo particular de gestão dos recursos naturais e de organização social” (CHAVES, 2001, p. 77), assim sendo, a comunidade se constitui “num espaço onde se estabelecem a construção de construção de identidades sociais, de projetos comuns, mas também, de manifestação da diversidade” (CHAVES, 2001, p. 77). Portanto a comunidade é o espaço em que se solidificam as relações sociais e modos de vidas específicos, bem como, formas de gestão apropriadas dos recursos locais (CHAVES; LIRA, 2016, p. 69).

As formas societárias, por sua vez, supõem a existência de múltiplos pertencimentos que podem mudar no decorrer da vida. São “coletivos múltiplos, variáveis, efêmeros, aos quais os indivíduos aderem por períodos limitados e que lhes fornecem recursos de identificação que eles administram de maneira diversa e provisória” (DUBAR, 2009, p. 15). A identificação do tipo societária relaciona-se as escolhas pessoais, a identidade pessoal, a um *pertencimento escolhido* e não herdado, seja na família, profissão, religião, política etc. Contudo, tanto as formas comunitárias como as societárias põe em jogo a dupla identificação *para outrem* e *para si*, embora a façam de maneiras significativamente diferentes.

Dubar (2009) ao discutir a identidade na perspectiva sociológica traz a visão de diversos sociólogos sobre o conceito de *identidade social* (difere da *identificação societária*) que é, segundo muitos pesquisadores, sinônimo de

*categoria de pertencimento* ou *categoria socioprofissional* (CSP)<sup>37</sup>. Segundo o autor, o pertencimento a uma CSP é medido por aspectos, sobretudo a renda, que determinam o que Durkheim chamou de “maneiras de fazer, de sentir, de julgar”, e que ele caracterizou como “fatos sociais” (DUBAR, 2009, p. 17).

Discutir identidade na perspectiva sociológica levando em consideração que a mesma não é apenas social, mas também pessoal, é um desafio segundo muitos sociólogos, pois seria tentar fazer uma *sociologia de um sujeito pessoal*. Está na raiz da sociologia clássica negligenciar a subjetividade, o próprio Durkheim afirmou que o “ser social” dos indivíduos (sua *identidade social* sinônimo de pertencimento a uma categoria socialmente pertinente) é considerado como o que eles herdam sem desejá-lo e o que modela suas condutas sem que tenham consciência disso. Essa concepção de “ser social” desconsiderava a noção de “identidade para si”, sendo a *identidade social* sinônimo de “identidade para outrem” (DUBAR, 2009, p.19).

Contudo, a noção de “ser social” que consideramos nesta pesquisa, em relação dialética com a identidade, envolve tanto a noção de identidade “para si” quanto “para outrem”, uma vez que consideramos a formação da identidade dos pescadores artesanais pelo trabalho, por meio do qual o pescador cria seus saberes e suas condições materiais de existência, e assim forja sua identidade.

“[...] um processo de construção de que o homem [pescador] participa em sua totalidade, haja vista que, ao objetivar a realidade, transformando-a, vai também constituindo sua subjetividade, transformando-se em um ser social conhecedor de rios, peixes, processos de pesca e que vai se forjando materialmente “no cotidiano da vida do pescador” (RODRIGUES, 2012, p. 148).

Assim, por meio do trabalho o pescador constitui sua subjetividade porque, “por meio do trabalho, o homem vai estabelecendo valores, concepções de mundo, saberes” Marx (2008a, p. 212) e ao mesmo demarca sua objetividade porque, “por meio do trabalho, o homem também vai moldando o mundo, a realidade material, tanto a objetos físicos quanto ao ser social, sendo capaz de projetar e materializar, concomitantemente, essa realidade” (Ibidem, p. 212).

---

<sup>37</sup> “[...] instrumento de análise notável forjada pelo Insee (Instituto Nacional de Estatística e Estudos Econômicos) nos anos 1950 que permite, graças a investigações numerosas e repetidas, conhecer a evolução da estrutura social e as e as relações estatísticas entre esse pertencimento considerado, com razão, importante e um conjunto muito amplo de comportamentos, atitudes, opiniões em matéria familiar, profissional, religiosa, política etc.” (DUBAR, 2009, p. 17).

Sendo assim, a discussão acerca do objeto de estudo que apresentamos nesta pesquisa, *a formação da identidade dos pescadores artesanais da ilha de Tentém, município de Cametá-PA, a partir das condições materiais de produção de saberes do trabalho da pesca após a construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí (UHE)*, parte da análise das condições materiais do pescador, no contexto pós-construção da UHE, para o exercício do trabalho da pesca, por meio do qual o pescador produz saberes, constitui sua subjetividade e assim vai forjando sua identidade, ou seja, “um conjunto de representações sociais em comum que possibilitam aos homens se integrarem em uma esfera coletiva, porque se percebem como sujeitos envolvidos por atividades similares, tanto no campo do trabalho, em sua manifestação concreta, quanto em sua expressão abstrata (RODRIGUES, 2012, p. 140).

### **CAPÍTULO III - SABERES DO TRABALHO E FORMAÇÃO DE IDENTIDADE DE PESCADORES ARTESANAIS NO MUNICÍPIO DE CAMETÁ-PARÁ: MUDANÇAS A PARTIR DA RELAÇÃO TRABALHO E CAPITAL**

A construção da UHE de Tucuruí, como já mencionado, causou inúmeros impactos nos modos produção e reprodução dos meios de vida dos pescadores artesanais do município de Cametá. Esses impactos causaram mudanças na produção de saberes do trabalho da pesca artesanal que por sua vez corroboraram processos de formação de identidade dos pescadores artesanais, uma vez que os saberes são elementos definidores de identidade.

Neste capítulo, destinado à análise dos dados, é feita a descrição e análise da observação e das entrevistas semiestruturadas feitas na ilha de Tentém, com relação à formação de identidade dos pescadores a partir da produção de saberes em suas dimensões técnica, produtiva, organizativa e política. Com esses dados, foi possível analisar quais elementos formadores da identidade do pescador artesanal de Cametá sofreram mudanças, voltando-se para processos resistência frente ao capital, e quais elementos voltaram-se para o conformismo e manutenção da ordem do capital.

Entendemos por resistência, as atitudes dos pescadores relacionadas à busca do enfrentamento da realidade negativa imposta ao meio natural e às relações de trabalho, pela construção da UHE de Tucuruí. São atitudes que envolvem processos de transformação da natureza por meio de criação de saberes, organização individual e coletiva do trabalho da pesca, e outras que possam ser úteis para emancipação dos pescadores.

Por conformismo, consideramos a aceitação dessas mesmas condições pelos pescadores, no sentido de alinharem-se ao sociometabolismo do modo de produção capitalista, ou seja, processos de realização do trabalho da pesca que perpassam a busca por valores de uso e busquem a mercantilização da produção, assim como atitudes que mesmo indiretamente, concorram para processos de exploração do trabalho no interior da ilha.

Por meio da observação e das entrevistas foi possível analisar os saberes do trabalho da pesca em sua dimensão técnica, integrados à vida dos pescadores artesanais, como elementos que permitem o trabalho profissional do pescador artesanal. Dessa forma analisamos como o trabalho da pesca artesanal permitiu a

criação, uso, desuso e ampliação de saberes da pesca, e nesse sentido, discutiu-se também a qualificação/desqualificação do pescador artesanal da ilha de Tentém.

Para análise da dimensão produtiva buscou-se a discussão da produção do pescado para consumo/venda no sentido de evidenciar como a produção do pescado contribui para a renda e manutenção das famílias dos pescadores e, sendo assim, investigamos a incidência de atividades paralelas à pesca desenvolvidas pelos pescadores da ilha de Tentém. Nesse sentido, buscamos evidenciar a formação da identidade do pescador artesanal com relação a seus processos produtivos.

Para dar conta da dimensão organizativa do trabalho da pesca artesanal na ilha de Tentém foram analisadas as relações que os pescadores artesanais estabelecem dos saberes da pesca, com o trabalho e com outros indivíduos, a fim de verificar como as formas de organização dos saberes e do trabalho da pesca contribuem para o enfrentamento das condições impostas pelo capital, materializado na construção da UHE de Tucuruí.

A dimensão política foi discutida verificando-se o surgimento de valores e atitudes em prol de interesses de classe, permitindo assim o enfrentamento das condições de produção e de trabalho impostas pelo capital. Nesse sentido buscamos discutir a formação, por meio do trabalho, de consciência de classe, assim como de uma identidade profissional do pescador artesanal.

### **3.1 Saberes do trabalho da pesca em sua dimensão técnica e a formação de identidade de pescadores artesanais**

Nesta seção tratamos das análises das observações e entrevistas no que tange os aparatos técnicos utilizados pelos pescadores da ilha de Tentém para captura de peixes e a organização do trabalho da pesca com os mesmos. É feita aqui a descrição e análise dos instrumentos utilizados antes e depois da construção da UHE de Tucuruí no sentido de evidenciar quais instrumentos entraram em desuso, perderam-se, foram ampliados e o surgimento de novos instrumentos de pesca.

Esta análise foi importante no sentido de evidenciar os impactos da construção da UHE de Tucuruí na atividade de pesca na ilha de Tentém, e conseqüentemente no modo de vida dos moradores da comunidade. E sendo os saberes elementos definidores de identidade, as mudanças nos instrumentos de

captura de peixes por sua vez modificam a identidade dos pescadores artesanais nessa dimensão, já que segundo Rodrigues (2012, p. 140), “os saberes se relacionam a identidade por representar um conjunto de representações sociais em comum que possibilitam aos homens se integrarem em uma esfera coletiva”.

Para melhor discutir as mudanças na produção de saberes técnicos da pesca antes e depois da construção da UHE foi necessário analisar as mudanças na água e nos peixes durante esse processo histórico, isto é, os impactos causados pela UHE. Em meio às mudanças na água e nos peixes podemos analisar, por sua vez, as mudanças ocorridas na produção dos saberes da pesca no campo técnico.

As entrevistas semiestruturadas foram feitas reunindo um grupo de pescadores da ilha de Tentém e o primeiro informante (*Pescador 1*), de 78 anos, que viveu intensamente a atividade de pesca artesanal antes da construção da UHE, relata sua percepção sobre a realidade da época:

Na época em que eu fui jovem [antes da construção da UHE de Tucuruí], era fartura de peixes. Naquele tempo havia a safra do mapará, então o rio enchia de “turmas” de pescadores de todos os lados do rio para pescar o mapará que tinha em abundância no rio. Saíamos de manhã e fazíamos o “bloqueio” de grande quantidade de maparás, enchíamos a rede e logo saíamos distribuindo para os “marreteiros<sup>38</sup>” para depois novamente fazer o “bloqueio” e encher novamente as redes. Muitas vezes eram tantos peixes que pescávamos e espalhava para os “marreteiros” venderem, e ao final do dia eles voltavam com grande quantidade de peixes, que sem condições de conservar, se estragavam (*Pescador 1*).

Segundo este pescador, a construção da UHE provocou o assoreamento do rio e conseqüentemente mudanças na atividade de pesca:

Depois da construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí veio a seca do rio. Vocês podem observar que agora por aqui há apenas praia, antes aqui o rio era fundo. Lá onde eu moro você atravessa de um lado para o outro do rio a pé, em maré baixa. Mudou também o “tipo” da pesca, agora é “malhadeira”, todo tempo estamos “lanceando”, “tapando” (*Pescador 1*).

---

<sup>38</sup> O *marreteiro*, termo regional utilizado pelos caboclos-ribeirinhos para designar os atores sociais proprietários de pequenas embarcações, é o agente da comercialização responsável pelo abastecimento de mercadorias às famílias ribeirinhas. Sua presença deve-se, fundamentalmente, à precariedade dos meios de transporte. Na maioria das vezes, o marreteiro desloca-se aos locais de produção, principalmente, em época de colheita, com o objetivo de vender quinquilharias, produtos de uso doméstico e vestuários, em troca de produtos agrícolas e de extração vegetal (FRAXE et al., 2007, p. 208-209).



O *Pescador 2*, de 54 anos, enfatiza essas mudanças informando que as práticas de pesca mais comuns antes da construção da UHE eram a “rede e o caniço” e que hoje é a “malhadeira e a “espingarda”. O pescador também fala das mudanças na água, indicando também o assoreamento do rio.

Naquele tempo nós usávamos na maioria das vezes a “rede” para “bloquear” e o “caniço” para pescar. Aí você saía com o caniço de manhã e pouco tempo depois já voltava com o almoço. Agora o modo de pescar mudou, utilizamos a todo tempo a “malhadeira”, a “espingarda” para pescar no fundo, com a qual pescamos qualquer tipo de peixe. Sobre as mudanças na água, antes do “fechamento da barragem” ela corria mais do que agora, tanto na enchente quanto na vazante, assim a maré tinha a força de “afundar” (tornar mais profundo) o rio e com isso impedia que ele secasse. Agora com a maré correndo menos vários objetos ficam depositados no fundo do rio e isso faz com que ele se torne mais seco (*Pescador 2*).

A partir dos relatos dos pescadores constatamos alguns impactos causados pela construção da UHE no que tange a dimensão técnica da atividade de pesca artesanal na ilha de Tentém. Identificamos, nas falas, aparatos técnicos que antes eram utilizados frequência e que hoje são pouco utilizados por conta das mudanças nas águas e nos peixes.

Nesse sentido, considerando que a pesquisa trata da formação da identidade a partir da formação dos saberes, levando em conta as condições materiais dos pescadores, torna-se importante a descrição e, sendo possível, a ilustração desses saberes como forma de promover uma melhor compreensão de como se desenvolve a pesca artesanal. Assim, nesta pesquisa descrevemos os saberes que os pescadores da ilha de Tentém informaram nas entrevistas, sendo uma parte ilustrada com arquivos de fontes bibliográficas e outra pelas fotografias feitas durante a pesquisa de campo.

Conhecer melhor os saberes da pesca é, também, importante, segundo Moraes (2007), por permitir o entendimento da importância desses saberes para consolidação da cultura e para construção da ciência, segundo o autor “[...] não reconhecer a importância dos saberes da tradição, ou toma-los como um saber primitivo e menor é cuspir no próprio prato da aventura humana na terra” (MORAES, 2007, p. 12).

Nas falas dos pescadores *1* e *2*, observamos que os instrumentos de pesca utilizados com frequência antes da construção da UHE eram a “rede” com a qual se

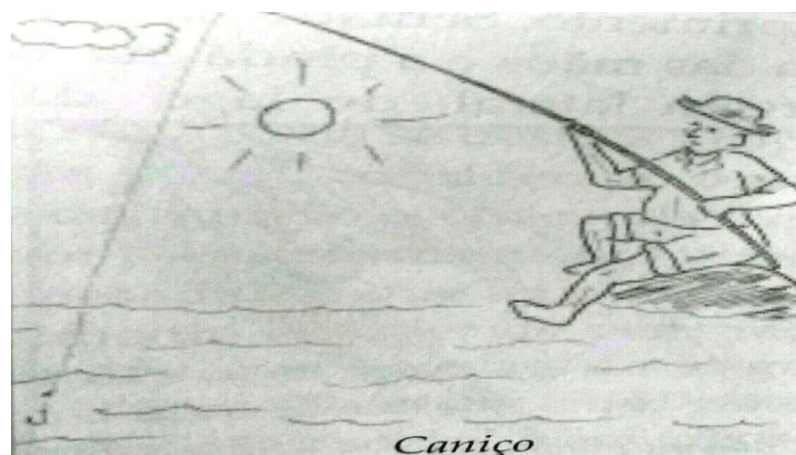
fazia a “pesca de bloqueio” e o “caniço”. Sendo assim, passamos a descrição desses saberes:

A pesca de bloqueio é desenvolvida no Estado do Pará. Consiste na captura específica do peixe mapará (*hypophtalnus marginatus*), trata-se de uma pescaria que envolve um grande número de pescadores, pois o processo de pesca se caracteriza inicialmente na localização de cardumes para posterior cerco e coleta. Imediatamente após um cardume ser encontrado, duas redes são abertas em sentidos contrários fazendo uma volta ao redor do cardume. Nas extremidades das redes que ficam submersas com o peso do chumbo, os pescadores mergulham para colocar uma rede dentro da outra, a fim de prender todo cardume e, conseqüentemente, produzir uma boa pescaria [...] trata-se de uma pescaria em águas profundas; as redes tem em média dez metros de profundidade (MORAES, 2007, p. 51-52).

Com relação ao “caniço” Moraes (2007, p.36-37) explica:

O “caniço” é um instrumento de fisgar peixes, muito utilizado inclusive por pescadores que estão iniciando na atividade. É uma tecnologia simples e de fácil acesso. Na Amazônia prepara-se um caniço fino com cerca de dois metros de comprimento, utilizando galhos de caniceira (*duguitia sp.*, Anonaceae), uma árvore indicada por sua flexibilidade e resistência. Outras madeiras como a Envira (Anonaceae) e jatuá (*Trichilia sp.*, Meliaceae) também servem para caniços [...] No meio da haste, amarra-se uma linha clara de monofilamento de náilon, o qual se estende até a extremidade fina do caniço onde é novamente amarrada. Da ponta do caniço a linha percorre cerca de 1,75m antes de receber um pedaço de chumbo de aproximadamente 50 g. A aproximadamente 10 cm abaixo deste peso, o pescador amarra um pequeno anzol, número 8, 9 ou 10 [...] Ele é colocado de modo que o lado mais grosso fique perto do pescador, na canoa [...] As principais iscas utilizadas são os camarões (*Macrobrachium Amazonicum*, Palaemonidae).

Figura 6 - Caniço



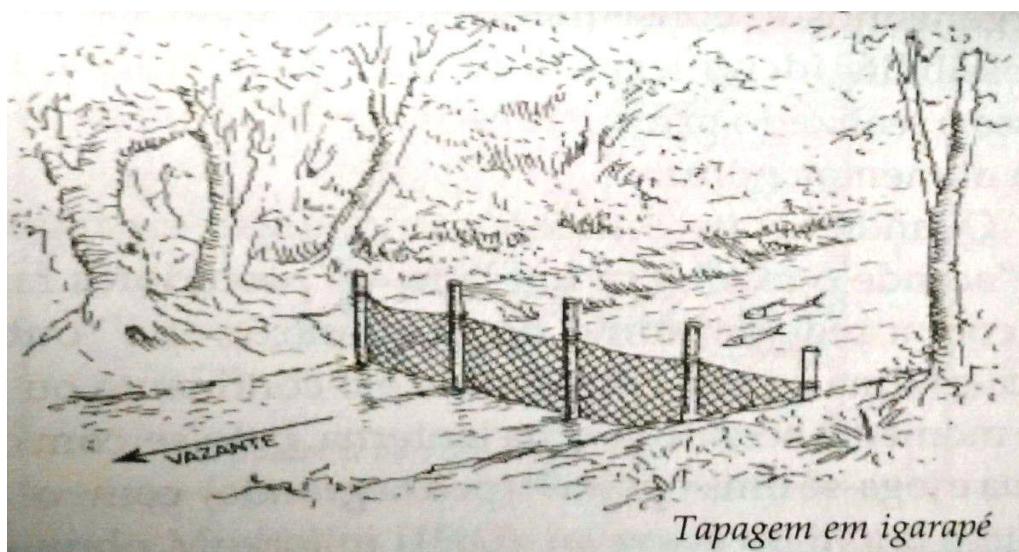
Fonte: Moraes (2007, p.36).

Nas falas dos pescadores, a “rede de bloqueio” do mapará e o “caniço” são os instrumentos de pesca, segundo eles, usados com mais frequência antes da construção da UHE. Isso se deve ao fato de diversas espécies de peixes (em especial o *mapará*) apresentarem-se em grandes quantidades na ilha de Tentém antes do barramento do rio, o que demandava instrumentos simples de captura. Outro fator que determinava o uso do caniço, por exemplo, era o nível do rio, que antes da construção da UHE era elevado e permitia que os peixes fossem capturados em locais mais próximos as casas dos pescadores. Essa mudança no nível do rio descrita pelos pescadores é o que chamamos de processo de “assoreamento” do rio, conforme relata de forma simples o *Pescador 2*: “Agora com a maré correndo menos, vários objetos ficam depositados no fundo do rio, e isso faz com que ele se torne mais seco”.

Além da “rede” e “caniço” foram citados durante as entrevistas outros saberes da pesca, intensamente utilizados antes da construção da UHE, como a “Tapagem” e o “Parí”.

A pesca de tapagem ocorre em pequenos rios e igarapés da Amazônia. Furtado (1993) cita esse tipo de pesca, que se caracteriza usualmente por atravessar com uma rede o fluxo d’água. Esse tipo de pesca pode ser classificatória, quando são usadas malhas de tamanho grande, o que proporciona a fuga dos pequenos peixes, ou predatória, quando são empregadas malhas finas que provocam a captura indiscriminada de peixes de tamanhos variados (MORAES, 2007, p.44).

Figura 7 - Tapagem

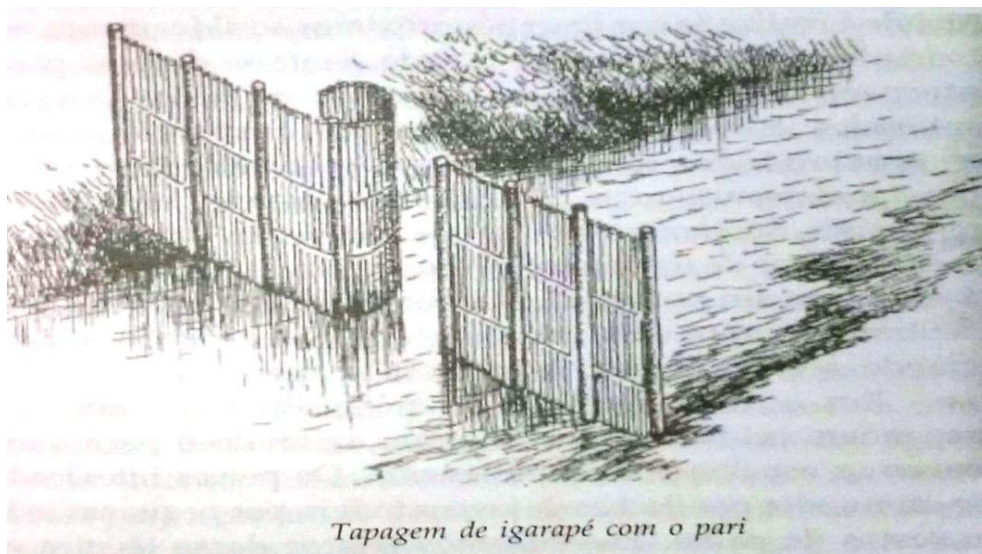


Fonte: Moraes (2007, p.44).

O “Parí”, segundo Moraes (2007), é um saber da pesca artesanal utilizado também para feitura da tapagem, a diferença é que ao invés da utilização de redes para “tapar” o igarapé ou “braço de mar”, são utilizadas talas de marajá (*pyrenoglyphis maruja*), conforme descreve abaixo:

É uma esteira feita de talas de marajá (*pyrenoglyphis maruja*). Consiste em cruzar um igarapé com essa esteira, atando-a nas varas cavadas no chão, denominadas *paritás*, para que os peixes fiquem presos na esteira. A pesca de tapagem com o pari diminuiu consideravelmente na região amazônica após as construções dos currais. Mesmo assim, ainda encontra-se em algumas partes da região. De acordo com Nery (1995), os pescadores que se dedicavam a essa pesca fechavam um igarapé ou braço de mar na sua largura. Para tanto, ficavam os varões ou moirões a fim de formar a base da parede da tapagem, deixando espaço livre no centro da parede do Parí, como se fosse um portão preso somente de um lado. O momento adequado para esse tipo de pesca ocorre durante a preamar. Nessa circunstância, o espaço no meio da parede é fechado. Os peixes, ao acompanharem a passagem das águas, ficam retidos com a vazante da maré, momento em que ocorre a despesca do parí (MORAES, 2007, p.58-59).

Figura 8 - “Parí”



Fonte: Moraes (2007, p.59).

Conforme informaram os pescadores 1 e 2, antes da construção da UHE de Tucuruí utilizava-se intensamente na ilha de Tentém saberes como a “rede de bloqueio”, “caniço”, “tapagem” e “parí” no processo de captura de peixes. Como podemos observar nas descrições e imagens, muitos instrumentos utilizados no trabalho da pesca artesanal antes da construção da UHE eram produzidos pelo

próprio pescador com matérias primas em sua maioria retiradas da natureza e, por meio trabalho, transformadas em ferramentas para o trabalho de pesca. O processo de produção desses instrumentos de pesca era feito, conforme os entrevistados, inteiramente pelos pescadores e pescadoras, que dominavam todas as etapas do processo de produção.

Dessa forma, na feitura dos instrumentos de pesca antes da construção da UHE, não havia uma *divisão técnica do trabalho*<sup>39</sup> própria do modo capitalista de produção, e sim uma *divisão social do trabalho*<sup>40</sup>, uma vez que cada pescador era capaz de executar todas as etapas do processo de produção. Na feitura da tapagem, por exemplo, embora os pescadores a fizessem em conjunto em determinadas circunstâncias, estes dominavam todas as etapas do processo de feitura. Sobre a divisão do trabalho Braverman (1987) assinala:

De um modo geral, porém, não há divisão de tarefas dentro dos ofícios. Embora homens ou mulheres possam usualmente estar relacionados com a feitura de certos produtos, via de regra não dividem as distintas operações implicadas na feitura de cada produto. Essa forma de divisão do trabalho, característica de todas as sociedades, é, se acompanhamos a terminologia de Marx, a *divisão social do trabalho* (BRAVERMAN, 1987, p. 71).

É importante frisar que esses instrumentos tradicionais eram usados antes da construção da UHE por não haver necessidade de outros, já que havia abundância de peixes de diversas espécies e de fácil acesso. Assim relata o *Pescador 3*, de 48 anos:

Até eu, que sou mais novo, tenho 48 anos, me “entendi” no meio dos peixes. O seu Eneias sabe que eu cheguei a ir nos “bloqueios” com redes e nós pegávamos grandes quantidades de peixes de forma fácil. Nessa época nós brincávamos com os peixes, víamos os peixes, até a água era muito clara. Nós brincávamos no rio com

---

<sup>39</sup> A *divisão técnica do trabalho*, que é típica do modo de produção capitalista e caracteriza-se pela fragmentação de uma especialidade produtiva em numerosas operações limitadas, de modo que o produto resulta de uma grande quantidade de operações executadas por trabalhadores especializados em cada tarefa.

<sup>40</sup> Marx, em *O Capital* (1982), diz que a *divisão social do trabalho* diz respeito ao caráter específico do trabalho humano. Um animal faz coisas de acordo com o padrão e necessidade da espécie a que pertence, enquanto a aranha é capaz de tecer e o urso de pescar, um indivíduo da espécie humana pode ser, “simultaneamente, tecelão, pescador, construtor e mil outras coisas combinadas”. A produção da vida material e o aumento da população geram relação entre os homens e divisão do trabalho. Os vários estágios da divisão do trabalho correspondem às formas de propriedade da matéria, dos instrumentos e dos produtos do trabalho verificados em cada sociedade, nos diversos momentos históricos.

filhotes de curimatã<sup>41</sup>, com cardumes de curimatã, agora só se vê curimatã quando vem do Amazonas (*Pescador 3*).

Além dos saberes usados diretamente no processo de captura de peixes há também outros relacionados à pesca, que sofreram mudanças, como é o caso das canoas a remo, que antes da construção da UHE eram usadas intensidade como meio de transporte para o processo de captura de peixes, haja vista o pescado ser de fácil acesso.

Figura 9 - Canoa a remo



Fonte: Arquivo da pesquisa (fev. 2017).

As “canoas a remo” eram usadas, antes da construção da UHE, como meio de transporte característico para o processo de captura dos peixes na ilha de Tentém, pois como já enfatizamos o pescado era de fácil acesso. Após a construção da UHE de Tucuruí e o barramento do rio, o pescado deixou de existir com frequência às margens do rio e sendo a canoa a remo um meio de transporte manual, que exige a força física do pescador, passou a entrar em desuso no processo de locomoção para captura dos peixes na ilha de Tentém. Segundo os entrevistados, a canoa a remo é usada hoje para transporte em curtas distancias, e raramente para pesca.

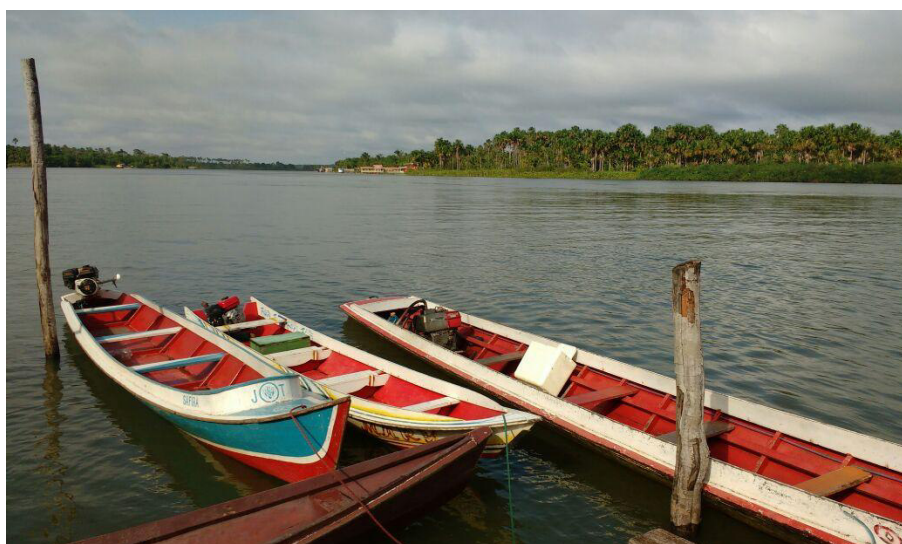
---

<sup>41</sup> Curimatã (*Prochilodus nigricans*) é um tipo de peixe que sempre está presente na lista dos preferidos para o consumo familiar. As espécies capturadas são em sua maioria Characiformes, o que reflete a preferência por peixes de “escama” em detrimento dos Siluriformes que são destinados mais para a venda do que para o consumo local em virtude dos tabus alimentares existentes na região Amazônica (SMITH, 1979; GARCEZ, 2000 apud FRAXE et al., 2007, p.178).

Nessa nova conjuntura da pesca na ilha de Tentém, na qual o pescador artesanal passou a ter que percorrer maiores distâncias em busca do pescado, as canoas a remo já não representavam meios de transporte eficientes no processo de captura de peixes. Então, pela necessidade de percorrer distâncias maiores os pescadores passam a recorrer a barcos a motor, também conhecidos como “rabetas” ou “rabudos”.

Agora precisamos de barco a motor para ir mais longe buscar o pescado, ainda usamos canoas a remo para tentar pescar aqui próximo, mas é raro [...] Você precisa ir longe para pegar os peixes que vão em cardume, por exemplo, para ir pegar o peixe que se encontra lá na “boca” do limoeiro você não consegue com canoa a remo, tem que ser barco a motor [...] E é onde tem o peixe, na baía (*Pescador 4*).

Figura 10 - Barco à motor ou “rabetas” ou “rabudo”



Fonte: Arquivo da pesquisa (fev. 2017).

Com relação ao uso de barcos a motor, o *Pescador 4*, além de enfatizar necessidade da embarcação a motor para a atividade de pesca, ainda ressalta a importância de se ter uma “geleira” para conservação dos peixes “[...] Além disso, você precisa ter uma geleira para, após pegar o pescado, gelar e conservar senão você perde o peixe”. Com isso percebemos que essa nova dinâmica que se desenhou na pesca na ilha de Tentém após a construção da UHE corroborou processos de controle dos meios de produção entre os próprios pescadores. A lógica do modo de produção capitalista conseguiu se forjar na própria dinâmica da pesca na ilha de Tentém, sendo que os pescadores que possuíam “geleiras” e/ou barcos a motor passaram a ser donos dos meios de produção, e os pescadores que não

possuíam condições financeiras de adquirir esses equipamentos, desprovidos de suas ferramentas de trabalho, passaram a vender sua força de trabalho para os donos das geleiras e barcos de pesca motorizados.

Como afirma Marx (1982, p. 484) [...] na divisão manufatureira do trabalho, o saber historicamente acumulado e as ferramentas ainda são de propriedade do trabalhador, no entanto, em razão dessa especialização tanto o saber quanto o trabalhador são afetados [...] Na grande indústria ou maquinaria, o saber e as ferramentas do trabalhador agora são de completa propriedade do capitalista, uma vez que o exercício do saber pelo trabalhador está condicionado à vontade do capitalista, e este por sua vez também é detentor dos meios de produção (a maquinaria).

Contudo, embora os pescadores artesanais que não possuem “geleiras” ou “barcos a motor” tenham passado a vender sua força de trabalho para o detentor desses meios, isso não corroborou para o processo de desqualificação profissional, uma vez que o pescador ainda continuou a dominar todas as etapas do processo de produção, mesmo submetendo-se a divisão de tarefas. Pois, segundo Braverman (1987, p. 71), o processo de trabalho e sua divisão nos elementos constituintes sempre foram e ainda são até hoje comuns a todos os ramos.

A divisão do trabalho na produção começa com a análise do processo de trabalho [...] isto é, com a separação do trabalho da produção em seus elementos constituintes. Mas isto, em si, não é o que enseja o trabalho parcelado. Tal análise ou separação, de fato, é característica em todo processo de trabalho organizado por trabalhadores para ajustar-se às suas próprias necessidades (BRAVERMAN, 1987, p. 74).

Assim, em um novo cenário de pesca na ilha de Tentém, provocado pela construção da UHE de Tucuruí, os pescadores artesanais tiveram que repensar os saberes utilizados para pesca. Muitos dos instrumentos que outrora utilizavam para desenvolver o trabalho da pesca não eram mais eficientes nesse processo. Nesse cenário, saberes como “rede de bloqueio” passaram a ser usados com menos intensidade haja vista a pouca disponibilidade do mapará na região, assim como o “caniço” que já não era tão eficaz no processo de captura pelo fato de os peixes não se apresentarem com tanta frequência às margens do rio.

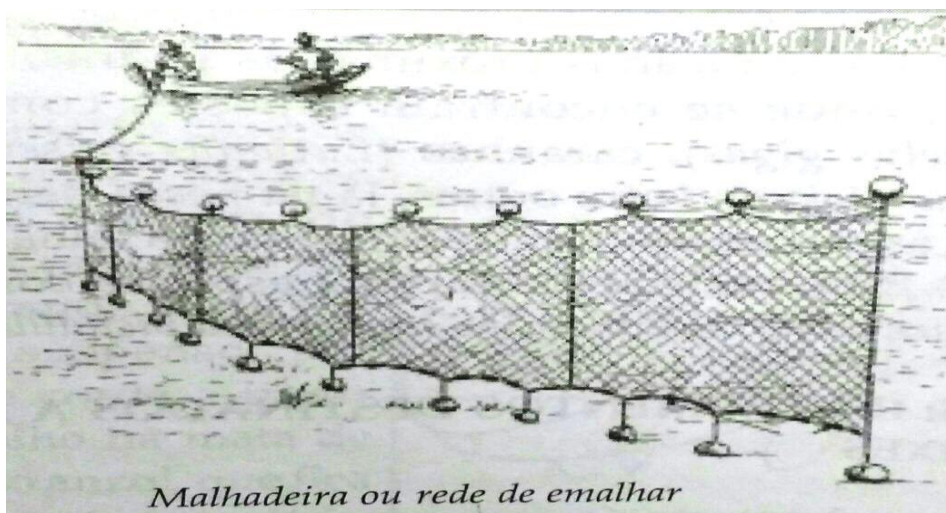
Sendo assim, nesse cenário, muitos saberes que antes eram pouco utilizados passaram a ser usados com intensidade pelos pescadores, como é o caso



da “malhadeira”, que após a construção da UHE, passou a ser usada com mais frequência pelos pescadores artesanais, por permitir a captura de diversas espécies de peixes em rios de baixa profundidade e por necessitar de apenas um pescador para seu manuseio.

A maioria das redes de emalhar são operadas como redes de deriva até mesmo para as espécies de fundo, e são colocadas na superfície em meia água ou no fundo. Esta preferência se dá devido as fortes correntes de maré nas águas costeiras (STRIDE, 1992) [...] De acordo com Furtado (1993), foi na década de 1960 que começaram a aparecer as malhadeiras ou redes de pesca na Amazônia, industrializadas com fios de plástico. Anteriormente a esse período as redes eram confeccionadas com linhas de algodão. Atualmente as redes já são comercializadas quase que prontas para entrar nas águas. O tamanho da malha e a espessura do fio são os elementos classificatórios para variadas espécies de peixes (MORAES, 2007, p.42-43).

Figura 11 - Malhadeira ou “rede de emalhar”



Fonte: Moraes (2007, p.42).

A malhadeira é um saber presente na cultura da pesca artesanal na ilha de Tentém, mas que passou a ser usada com intensidade após a construção da UHE, como relata um dos pescadores entrevistados: “Agora o modo de pescar mudou, utilizamos a todo tempo a “malhadeira”, a “espingarda com arpão” com a qual pescamos qualquer tipo de peixe” (*Pescador 2*).

Nesse caso vemos uma das mudanças na produção de saberes que impactou significativamente a identidade do pescador artesanal, a *mudança do trabalho coletivo para o trabalho individual*. Essa nova formação identitária impactou

mudanças na forma como os pescadores passaram a se relacionar, dificultando a organização dos mesmos no enfrentamento de demandas individuais e coletivas.

Em termos classistas, os trabalhadores, por meio de seu trabalho e de sua relação transformadora para com a natureza, vão forjando uma consciência da realidade em que vivem, manifestada em forma de *saberes sociais*, quer na forma de um conhecer-saber a sua realidade oprimida; quer na forma de conteúdos político-socioculturais e econômicos que lhes possibilitem a construção hegemônica (RODRIGUES, 2012, p. 55).

Segundo Rodrigues (2012) é pelo trabalho da pesca que os pescadores se organizam e se articulam uns com os outros, a fim de controlar a natureza, objetivando, na perspectiva do trabalho da pesca, uma realidade pautada pela primazia do reino da liberdade, direcionada para a emancipação humana, partindo-se do pressuposto de que “a relação ontológica do homem com a natureza nunca previu a alienação dos resultados de seu trabalho, senão a plena satisfação das necessidades humanas, imprimindo à natureza formas úteis à vida humana” (RODRIGUES, 2012, p. 55).

A “espingarda com arpão”, a qual se refere o *Pescador 2*: “Agora o modo de pescar mudou, utilizamos a todo tempo a “malhadeira”, a “espingarda com arpão” com a qual pescamos qualquer tipo de peixe”, é um instrumento artesanal criado justamente para permitir a captura de variadas espécies de peixes, principalmente nos igarapés, entre os galhos de árvores, onde é mais difícil o acesso e captura com outros instrumentos. É formada por um “arpão” acoplado a uma haste de madeira no formato de uma “espingarda”, acompanhada de ligas de látex e um gatilho para efetuar o disparo do arpão. Junto à “espingarda” é usada uma máscara feita de borracha, geralmente a borracha é proveniente de câmaras de pneus de carro, com um vidro oval encoberto pela borracha, simulando uma máscara de mergulho (Cf. Figura 12). Esses equipamentos permitem aos pescadores mergulhar nos rios e igarapés<sup>42</sup> em busca de variados tipos de peixes que são “arpuados” com este instrumento. A “espingarda” é usada quase que sempre pelos pescadores mais

---

<sup>42</sup> “Igarapé” é uma palavra indígena, de origem tupi, que significa “caminho de canoa”. E o igarapé é isso mesmo: um riacho que liga duas ilhas entre si ou uma ilha à terra firme. Por ser um canal estreito e pouco profundo, somente canoas e barcos pequenos podem navegar por ele. Fonte: Britannica Escola (Disponível em: <<http://escola.britannica.com.br/levels/fundamental/article/igarap%C3%A9/483295>>. Acesso em: 10 ago. 2017).

jovens que veem a pesca mais como uma atividade recreativa - um “esporte” - do que uma atividade de subsistência.

Pescar, hoje, é mais “esporte” do que profissão. Mesmo porque não há como você sobreviver apenas da pesca. Pois há épocas em que há peixes e outras que não, então você sobreviver apenas disso vai haver época que vai passar fome. Então pra mim, hoje, a pesca é mais por “diversão”. Então eu vou estudar e quando eu venho pra cá nós pescamos, quando dá (*Pescador 5*).

Figura 12 - “Espingarda de pesca com Arpão”



Fonte: Arquivo da pesquisa (fev. 2017).

A “espingarda com arpão”, portanto, foi um saber técnico construído para o enfrentamento da realidade em que a ilha Tentém se encontrava, com relação à disponibilidade de peixes. Segundo Barra (2015):

À medida que o homem amazônico se vê diante de fenômenos e situações particulares, ele desenvolve um conjunto de representações e significações que lhes permitam enfrentar as diversas situações que se apresentam em seu cotidiano, criando sempre novas formas de trabalho (BARRA, 2015, p.23).

Percebemos, portanto, que antes da construção da UHE havia diversidade de peixes e em grande quantidade, o que permitia que os pescadores pudessem escolher o que pescar e isso determinava os saberes a serem utilizados no trabalho da pesca. Com a construção da UHE os pescadores passaram a buscar saberes que

permitissem a captura das mais variadas espécies de peixes, como forma de enfrentamento dessas novas condições impostas pelo capital. A construção da UHE de Tucuruí impôs uma nova realidade ao pescador artesanal da ilha de Tentém, marcada pela retirada das condições materiais de sobrevivência.

O Quadro 2, abaixo, apresenta o levantamento de dados da observação e das entrevistas com pescadores artesanais da ilha de Tentém, sobre as mudanças na produção de saberes do trabalho da pesca artesanal em sua dimensão Técnica, no contexto pós-construção da UHE de Tucuruí.

Quadro 2 - Dimensão Técnica

<b>DIMENSÃO TÉCNICA DO TRABALHO DA PESCA NA ILHA DE TENTÉM, MUNICÍPIO DE CAMETÁ</b>	
<b>CATEGORIAS EMPÍRICAS</b>	<b>LEVANTAMENTO DE DADOS</b>
a) saberes que entraram em desuso ou pouco utilizados; ampliaram-se; e criação de novos saberes técnicos para pesca artesanal.	<p><b>Desuso ou pouco utilizados:</b> “rede de bloqueio”; “caniço”; “tapagem”.</p> <p><b>Ampliaram-se:</b> canoas a remo – barcos a motor.</p> <p><b>Criação de novos saberes:</b> “espingarda com arpão”</p>
b) o processo de qualificação/desqualificação profissional no trabalho da pesca artesanal.	<p><b>Não há registro de mudanças.</b> Embora os pescadores artesanais que não possuem “geleiras” ou “barcos a motor” tenham passado a vender sua força de trabalho para o detentor desses meios, isso não implicou um processo de desqualificação profissional, uma vez que o pescador ainda continuou a dominar todas as etapas do processo de produção.</p>

Fonte: Autoria própria (jul.2017).

Os dados apontam mudanças na produção dos saberes no que diz respeito ao desuso, ampliação e criação de novos saberes. Isso representa, em termos de identidade, mudanças significativas, uma vez que os saberes, como já discutimos, são elementos formadores de identidade. Sendo assim, consideramos os saberes na dimensão técnica, o que Dubar (2009, p. 14) chama de “[...] modos de identificação, variáveis no decorrer da história coletiva e da vida pessoal [...]”, o modo como os pescadores da ilha de Tentém se identificam hoje, em termos de técnicas de pesca, é diferente de como se identificavam antes da construção da UHE, dadas as mudanças acima descritas.

### **3.2 A identidade dos pescadores artesanais da ilha de Tentém, em sua materialidade produtiva, após a construção da UHE de Tucuruí**

As análises dos dados coletados voltam-se, nesta seção, para a produção, consumo e venda do pescado na ilha de Tentém, assim como atividades produtivas paralelas à pesca (criação de animais, horta familiar, coleta de frutas etc.) desenvolvidas antes e depois da construção da UHE de Tucuruí.

Com relação à produção do pescado na ilha, antes da construção da UHE, os relatos dos pescadores entrevistados evidenciaram um cenário de pesca na região marcado pela abundância e facilidade na captura de peixes. “[...] eu cheguei a ir nos “bloqueios” com redes, e nós pegávamos grandes quantidades de peixes de forma fácil. Nessa época nós brincávamos com os peixes, víamos os peixes [...] Nós brincávamos no rio com filhotes de curimatã, com cardumes de curimatã” (*Pescador 3*).

É importante frisar que, antes da construção da UHE de Tucuruí, em 1984, não existiam órgãos que fiscalizassem a preservação e conservação do pescado no Brasil. A Superintendência para o Desenvolvimento da Pesca (SUDEPE), criada na década de 1960 e extinta em 1989, preocupava-se apenas com a criação de órgãos para regulamentação de extração do pescado (MAIA, 2009, p. 7).

Esse cenário de pesca permitia que o pescador, por meio do seu trabalho, conseguisse retirar das águas a alimentação da família e o excedente era comercializado nas vendas e comércios nas ilhas, feiras da zona urbana do município e /ou comercializado com “marreteiros”, que salgavam os peixes e vendiam em outras cidades. Na ilha de Tentém, a comercialização do pescado se dava por meio do sistema de troca, uma vez que na época raramente tinha-se

acesso ao dinheiro em papel/moeda. No sistema de troca o pescador organizava o excedente da produção do pescado em “cascos”, “centos” e “paneiros”<sup>43</sup>, e não em quilos. Os pescadores trocavam os peixes, nos comércios locais, com mantimentos como feijão, arroz, charque etc. Utensílios de uso pessoal e doméstico como sabão, querosene e até mesmo roupas, calçados. “Naquele tempo só existiam os peixes para nos alimentar. Era muita miséria, não tínhamos dinheiro para comprar nem roupas, então o que fazíamos era trocar os peixes” (*Pescador 1*). “Nesse tempo não tinha dinheiro, o papai falava que ele pegava os cascos de peixe e ia nos comércios trocar com charque” (*Pescador 6*).

Vemos, portanto, no que se refere ao pescado, que a materialidade produtiva dos pescados da ilha de Tentém, antes da construção da UHE, permitia-lhes conseguir alimentação quase que unicamente à base de peixes. O que não era suficiente para suprir suas necessidades básicas como a vestimenta, calçados e complementação nutricional, e sendo assim, os pescadores recorriam à produção excedente de peixes para utilização como moeda de troca.

Com relação ao trabalho e aos processos produtivos dos pescadores, Marx (2008a) distingue as duas formas de trabalho, sendo o “concreto” que cria valor de uso, e o trabalho abstrato, isto é, a fração de tempo de trabalho social globalmente disponível numa sociedade de produtores de mercadorias, que é produtor de valor de troca. Nesse sentido, ao realizar o trabalho da pesca na produção do pescado para o consumo familiar, os pescadores realizam o trabalho “concreto”, no entanto, os pescadores tem outras necessidades básicas além da alimentação, o que os obriga a produzir excedentes para a troca. Essa produção excedente do pescado para troca, que resulta de um trabalho que cria valor de troca, é o que caracteriza o trabalho abstrato, pois segundo Marx (1999, p. 218) “o trabalho concreto é transformado em trabalho abstrato, ou seja, trabalho assalariado, alienado, **valor de troca**”. Assim, segundo Marx (1999):

---

<sup>43</sup> “casco” é o mesmo que canoa a remo, que cheia de peixes representava uma unidade de medida para trocas; “cento” é uma unidade de medida equivalente à quantidade de cem peixes; “paneiro” é conhecido como cesto amazônico por excelência, feito de talas de guarimã, guarumã ou arumã [...] é confeccionado em traçado hexagonal, formando “estrelas de Davi”. Muita coisa se faz com o guarimã, além dos tradicionais paneiros, no passado, os caboclos ribeirinhos, embalavam farinha em paneiros que eram forrados com as folhas do guarimã. Carrega-se e guarda-se nos paneiros, de roupas a alimentos, até animais são transportados em paneiros na Amazônia (BRASIL, 2017. Disponível em <https://paneiro.blogspot.com.br/2010/10/o-que-e-um-paneiro.html>. Acesso em: 14 fev. 2017).

Trabalho concreto é o fundamento ontológico do ser homem. “É atividade dirigida com o fim de criar valores-de-uso, de apropriar os elementos naturais às necessidades humanas; é a condição necessária do intercâmbio material entre o homem e a natureza; é condição natural eterna da vida humana, sem depender, portanto, de qualquer forma dessa vida, sendo antes comum a todas as suas formas sociais”. Já o trabalho abstrato, é a forma social que o trabalho concreto assume nas diferentes sociedades. Na sociedade capitalista, o trabalho concreto é transformado em trabalho abstrato, ou seja, trabalho assalariado, alienado, valor de troca. “Todo trabalho é, de um lado, dispêndio de força humana de trabalho, no sentido fisiológico, e, nessa qualidade de trabalho igual ou abstrato, cria o valor das mercadorias. Todo trabalho, por outro lado, é dispêndio de força humana de trabalho, sob forma especial, para um determinado fim, e, nessa qualidade de trabalho útil e concreto, produz valores-de-uso” (MARX, 1999, p. 218).

Com relação à materialidade produtiva das atividades paralelas à pesca artesanal, desenvolvidas por pescadores da ilha de Tentém, os pescadores informaram ser a criação de animais uma das principais atividades paralelas à pesca que ainda são desenvolvidas na ilha, seguida do plantio do açaí.

A criação ainda é a única coisa que conseguimos fazer, no caso a galinha, o porco, o pato [...] são as únicas coisas que ainda conseguimos criar. Mas as outras coisas, no caso as frutas, nós não conseguimos colher porque não tem. No caso o açaí é a única fruta que ainda tem por aqui, agora, no tempo do verão é o açaí que nos ajuda muito, as outras que eram o cacau, a andiroba, a ucuúba, esses foram quase eliminados na região. Agora aqui nessa ilha são raras as pessoas que ainda trabalham com a andiroba, antes todos aqui na ilha trabalhavam com andiroba, em um dia como esse as casas estavam cheias de azeite e gente trabalhando, agora isso acabou (*Pescador 2*).

Vemos que a criação de animais é a atividade que ainda permanece com intensidade após a construção da UHE. Em áreas de várzea, como a ilha de Tentém, as famílias criam somente animais de pequeno e médio porte como porcos, patos e galinhas. Na época da cheia fazem instalações suspensas para acomodar seus animais, que em época de seca são criados de forma extensiva. Os produtos utilizados para alimentação das aves e suínos são retirados principalmente das roças e dos quintais. Os criadores também fornecem aos seus animais os restos de alimentos não consumidos pela família.

Segundo os pescadores, a extração da borracha, o cacau, a ucuúba e a andiroba que antes da construção da UHE eram exploradas com intensidade na ilha de Tentém como complementação da renda familiar, hoje quase que desapareceram

“antes nós tínhamos cinco atividades na ilha além da pesca. Era a borracha, o cacau, a ucuuba, andiroba e o açaí. Hoje nós temos uma que foi modificada, que é o açaí, quatro foram embora” (*Pescador 2*).

A extração da borracha na ilha de Tentém, conforme informaram os pescadores, era uma fonte de renda que ajudava consideravelmente na renda familiar. Sobre a extração da borracha no município de Cametá, Sousa (2002) salienta que a necessidade de borracha para o mercado industrial que nascia no século XIX impôs à Amazônia forte exploração dos seringais nela existentes, tendo Cametá como um de seus principais fornecedores, haja vista larga presença de seringais nativos na região e a possibilidade de se obter mão-de-obra a custo muito baixo, por meio de um sistema de *aviamento*, que fortalecia comerciantes das ilhas de Cametá. Segundo Rodrigues (2012, p. 25) no *sistema de aviamento* “os pescadores forneciam produtos extraídos do interior das ilhas, como cacau, castanha-do-pará, borracha. Em troca, os comerciantes da Capital do Estado forneciam mantimentos como pagamento”.

Os produtos importados, trazidos das casas aviadoras de Belém Cametá e que se destinavam ao abastecimento das populações das ilhas, eram fornecidos por um irmão, parente, ou compatriotas, comerciante que estabelecia residência nas ilhas de Cametá, às margens de um rio, nas das áreas e coleta de borracha e de outros produtos comercializáveis [...]. Esses grandes comércios eram pontos de abastecimentos das famílias de camponeses, ribeirinhos e extratores, e pontos de coleta dos produtos de interesse dos comerciantes (SOUSA, 2002, p. 55-56).

Sendo assim, o desaparecimento da borracha como atividade paralela à pesca está relacionado à falta de procura do produto no mercado, o que demonstra como as atividades produtivas dos pescadores na ilha de Tentém historicamente condicionaram-se as necessidades do modo de produção capitalista, que intervém nas formas de trabalho e de produção dos pescadores dessa ilha.

Com relação à produção de cacau na ilha, os pescadores informaram que hoje não se produz mais pelo fato de perceberem que o cacau é uma cultura que, ao ser cultivada junto ao açaí, impede que este se desenvolva: “aonde cresce o açaizeiro parece que não combina muito com o cacau, aí acontece que o cacoeiro morre e o açaizeiro fica” (*Pescador 2*). Segundo os pescadores o cultivo do açaí não permite que desenvolva o cacau, e como o açaí é uma cultura que tem maior



facilidade de venda e maior rentabilidade, os pescadores optam pelo seu cultivo ao invés do cacau.

Vemos que os pescadores atribuem o desaparecimento da produção do cacau na ilha à incompatibilidade do cultivo simultâneo com o açaí, no entanto, há processos históricos relacionados, e a construção da UHE é um deles. A produção de cacau na ilha de Tentém de fato sofreu impactos com a construção da UHE, que afetaram as características físicas e biológicas da ilha como um todo, inclusive causando a baixa produtividade dos solos de várzea.

“[...] o tão sonhado “progresso” apregoado pela elite e pelo governo na época, causou grande impacto na vida dos pescadores. Os principais agravantes decorrentes dessa situação foram: queda na economia proporcionada pela escassez do pescado e o desaparecimento de várias espécies de peixes; diminuição acentuada dos cardumes de mapará, peixe típico e símbolo da região; baixa produtividade dos solos de várzea, implicando na queda da produção de frutos como o cacau e o açaí; poluição da água e assoreamento do rio Tocantins, o que aumentou consideravelmente as doenças (BARRA, 2013, p.25).

Como vemos, construção da UHE de Tucuruí impactou consideravelmente na produtividade dos solos de várzea, provocando uma lenta e definitiva mudança por falta de sedimentos trazidos pelo rio após a mudança dos regimes hidrológicos. Sendo assim, não apenas o cacau, mas a ucuuba, andiroba e até o próprio açaí passaram a ter baixa produtividade.

A *Virola surinamensis*, conhecida popularmente como ucuuba, é uma árvore de grande porte, com cerca de 60 m de altura, comumente encontrada em lugares alagados. A ucuuba é muito usada para extração de madeira. Além disso, a semente e a resina da casca são conhecidas por suas propriedades medicinais.

Figura 13 - Semente de ucuúba (*virola surinamensis*)



Fonte: Rede de sementes do Xingu. Disponível em:  
<<http://sementesdoxingu.org.br/site/sementes/semnenmte-2/>>. Acesso em: 14 fev. 2017.

Sobre o cultivo da andiroba, os pescadores informaram ser uma das culturas que ainda permanecem na região, mas raramente cultivada. A andiroba, ou *Carapa guianensis*, é uma planta medicinal da família das Meliáceas. Para entender o poder dela, é interessante lembrar que seus benefícios são reconhecidos oficialmente pelo Ministério da Saúde do Brasil. A andiroba é “parente” do mogno, cedro, canjerana e cinamomo. Em tupi-guarani, andi-roba quer dizer ‘gosto amargo’, uma referência às sementes da árvore. É uma espécie bastante utilizada pelas populações da Amazônia, região da qual é nativa. As cascas e sementes da andiroba fornecem compostos chamados de meliacinos. Pesquisas revelam que eles têm a capacidade de combater doenças como artrite e câncer de útero (BRASIL, 2017).

Figura 14 - Semente de andiroba (*carapa guianensis*)



Fonte: BRASIL, 2017. Disponível em: <<http://oleosparatudo.com/oleo-de-andiroba/>>. Acesso em: 14 fev. 2017.

Ainda sobre a produtividade, segundo os pescadores o cultivo do açaí<sup>44</sup> configura-se como atividade que ainda permanece como uma das principais fontes de alimento e de complementação da renda das famílias da comunidade de Tentém. “A única fruta que nos temos agora pelo tempo do verão é o açaí, que nos ajuda muito [...] uma fruta que tem facilidade pra vender” (*Pescador 2*) “Hoje em dia a gente está só sobrevivendo do açaí, a fruta que ainda está sendo desenvolvida na região tocantina, mas é só no período do verão, seis meses” (*Pescador 4*).

---

<sup>44</sup> Açaí é o fruto da palmeira conhecida como açazeiro. É uma espécie nativa das várzeas da região amazônica cujo nome científico é *Euterpe Olerácea*. “[...] O açaí é uma frutinha arredondada e muito roxa, quase preta, lembrando uma jaboticaba pequena. Tem um caroço proporcionalmente grande e pouca polpa [...] Além de ter um sabor delicioso e refrescante, é rico em lipídios e vitamina E, que ajuda a combater os radicais livres” Fonte: Portal São Francisco. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alimentos/acai>>. Acesso em 27 jun. 2017.

Figura 15 - Açaí (*euterpe olerácea*)

Fonte: Arquivo da pesquisa (fev. 2017).

O Quadro 3, abaixo, apresenta o levantamento de dados da observação e das entrevistas com pescadores artesanais da ilha de Tentém, sobre as mudanças na produção de saberes do trabalho da pesca artesanal em sua dimensão Produtiva, no contexto pós-construção da UHE de Tucuruí.

Quadro 3 - Dimensão Produtiva

<b>DIMENSÃO PRODUTIVA DO TRABALHO DA PESCA NA ILHA DE TENTÉM, MUNICÍPIO DE CAMETÁ</b>	
<b>CATEGORIAS EMPÍRICAS</b>	<b>LEVANTAMENTO DE DADOS</b>
a) produção do pescado para consumo/venda.	<p><b>Produção no período do defeso:</b> pouca produção para o consumo; e nenhuma produção para comercialização.</p> <p><b>Produção fora do período do defeso:</b> Produção moderada para o consumo; e pouca produção para comercialização feita direto nas feiras da zona urbana da cidade.</p>

<p>b) atividades produtivas paralelas à pesca (criação de animais, horta familiar, coleta de frutas etc.).</p>	<p><b>Atividades produtivas desenvolvidas habitualmente:</b> criação de animais de pequeno porte (porco, pato e galinha) e cultivo do açaí.</p> <p><b>Atividades produtivas desenvolvidas com pouca frequência:</b> produção do azeite de andiroba.</p> <p><b>Atividades produtivas extintas:</b> extração da borracha, produção do cacau e produção da ucuuba.</p>
--	---

Fonte: A autoria própria (jul.2017).

O açaí e a pesca, como percebemos, são as principais fontes de alimentação e renda dos pescadores nos dias de hoje. A extração da borracha, o cacau, e a ucuuba, conforme constatamos, já não fazem mais parte do cotidiano dos pescadores artesanais da ilha de Tentém. A construção da UHE, no que tange a materialidade produtiva dos pescadores, causou impactos consideráveis, e isso refletiu no modo de vida dos pescadores e nos saberes que estes dominavam e repassavam de geração em geração.

A produção do óleo de andiroba, por exemplo, saber que era repassado nas relações de trabalho, agora é restrito a um pequeno grupo. A identidade dos pescadores, nesse cenário em que muitos saberes entram em desuso, acaba por sofrer mudanças. O pescador artesanal da ilha de Tentém, que antes se identificava como pescador que dominava as práticas de produção de óleo de andiroba, da manteiga de ucuuba, do plantio e colheita do cacau, hoje é um pescador que vive do cultivo do açaí no período do verão, da pesca fora o período do defeso e de benefícios do governo federal.

### **3.3 A identidade dos pescadores artesanais no campo da organização dos saberes de trabalho da pesca na ilha de Tentém, município de Cametá-PA**

No estudo desta dimensão dos saberes do trabalho da pesca fizemos as análises dos saberes relacionados à organização do trabalho da pesca, isto é, às formas de organização dos pescadores artesanais da ilha de Tentém nos processos

de captura de peixes, assim como na organização da distribuição do pescado para consumo e venda.

A análise desta dimensão é relevante no sentido de entendermos como a organização dos pescadores da ilha de Tentém, para o trabalho da pesca, corrobora processos de resistência e de conformismo frente às condições de trabalho impostas pela construção da UHE.

Segundo os pescadores, a pesca feita hoje na ilha de Tentém é quase sempre de forma individual. Segundo eles, a pesca feita em grupo era a pesca com a “rede de bloqueio”, quando havia abundância do mapará na região, mas que hoje raramente sai mais de um pescador para pescar na ilha.

[...] antes na pesca da rede era um grupo de pessoas que se reuniam para pescar. Hoje é individual, cada um pesca pra si mesmo. É raro, mas às vezes quando decidimos ir pescar longe da ilha aí vão, dois, três pescadores juntos, mas é muito difícil acontecer isso (*Pescador 2*).

Temos, portanto, uma situação de distanciamento nas relações de pesca entre os pescadores da ilha de Tentém, causada pelas mudanças na produção dos saberes. A pesca da rede, como vimos, era um saber que permitia aos pescadores organizarem-se coletivamente para a realização do seu trabalho e, atuava, portanto, como um elemento estruturante dessa organização.

É importante enfatizar que essa desorganização dos pescadores no desenvolvimento do trabalho da pesca foi determinante para o enfraquecimento de outras formas de organização como a de classe, e até mesmo política, pois distanciou os pescadores das relações de trabalho e consequente da troca de experiências. Conforme aponta Damasceno (1995):

[...] os grupos humanos na sua vida real, portanto na sua práxis cotidiana, não produzem apenas os bens materiais, mas ao fazê-lo elaboram ao mesmo tempo, ideias, representações, saberes que contribuem para a reprodução e a transformação social” (DAMASCENO, 1995, p. 21).

Além disso, a desorganização da pesca na ilha de Tentém também contribuiu para o surgimento de atitudes individuais de pesca predatória e descumprimento de acordos de preservação ambiental. Segundo os pescadores, não há uma conscientização por parte de muitos pescadores no que tange a preservação do pescado na ilha.

“[...] vou lembrar um episódio que aconteceu mês de setembro. Fizeram um bloqueio grande lá pra fora, pra frente do rio, pegaram tainha que estavam ‘até o gogó’ de ovas [repleta de ovas]. Então, se eles tivessem a consciência de não pegar aquele peixe aí teríamos muitos peixes na ilha” (*Pescador 2*).

Nesse sentido é importante discorrer sobre os acordos de pesca que são criados pelos membros das comunidades para regular o uso dos recursos pesqueiros. Segundo Barra (2013):

Muitas medidas de regulamentação das atividades pesqueiras foram implementadas na Amazônia, primeiramente através da SUDEPE, criada em 1962, e extinta em 1988, e depois pelo IBAMA (FREITAS, 2002, p. 229). Desde os anos 1970, ocorrem nos Estados do Pará e do Amazonas sérios conflitos relacionados ao aproveitamento pesqueiro (HARTMANN, 2001, p. 12). Têm-se notícias da celebração dos primeiros acordos comunitários de pesca nessa mesma época, segundo dados do IBAMA (AZEVEDO, 2004, p. 57). Nesse período, os acordos de pesca eram realizados por lideranças da própria comunidade sem a necessidade de serem legalizados ou regulamentados (BARRA, 2013, p.71).

Nos acordos de pesca, segundo Barra (2013), um grupo de pescadores controla o acesso e o uso de um território pesqueiro bem definido, ou melhor, os acordos de pesca exprimem regras que regulam o uso do recurso pesqueiro, definidas por membros da comunidade ou grupos de usuários locais, incluindo medidas e sanções a serem tomadas contra infratores. A fiscalização fica também a cargo da própria comunidade, que precisa de apoio governamental para dar efetividade aos acordos de pesca. Na realidade, essa postura é mais simbólica do que efetiva e serve para legitimar ações da comunidade (BARRA, 2013, p. 74).

Na comunidade de Tentém foi criado um acordo de pesca após a construção da UHE de Tucuruí, no ano de 2003 (Cf. Anexo 1), mas segundo os pescadores não há uma conscientização sobre o cumprimento das regras.

“Nós chegamos a fazer um acordo de pesca depois que barragem foi feita, mas as regras dele nunca foram cumpridas, ele nunca foi usado [...] o Pedrinho Batista, lá na “boca do tentém” [entrada da ilha], ele tentou preservar lá na ponta, ele ainda chegou a colocar uma placa onde dizia: Colônia Z-16 de Cameté e outras coisas. Mas hoje ele até já tirou a placa de lá” (*Pescador 2*).

Vemos com isso, que a materialização do capital, por meio da construção da UHE, também impactou as relações sócioorganizacionais dos pescadores, com

relação aos acordos de pesca, uma vez que se intensificou um discurso preservacionista no sentido de atribuir culpa aos pescadores. Segundo Rodrigues (2012):

A questão que se coloca é que o capital, ao se sociometabolizar na região por meio da Hidrelétrica de Tucuruí não afetou negativamente somente os recursos pesqueiros e os processos formativos de produção-formação, mas também as relações sociais entre os pescadores, acirrando conflitos, provocando a divisão dos trabalhadores: de um lado os preservacionistas; de outro, os voltados para a captura do peixe, independentemente de diminuição ou não do pescado da região.

A construção da UHE de Tucuruí, nesse sentido, foi decisiva para essas mudanças na organização da pesca na ilha de Tentém, que não foram apenas de ordem prática, mas de consciência. Nesse sentido Marx (1984, p. 82), ao analisar as formas como os homens produzem seus meios de vida, chegou à conclusão que estes estabelecem relações sociais baseadas nas condições materiais de sua existência. E ainda, que o estudo de qualquer sociedade pressupõe como ponto de partida, as relações sociais que os homens estabelecem entre si para utilizar os meios de produção e transformar a natureza.

Na produção social da própria existência os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade; estas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. O conjunto dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política a qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. **Não é a consciência dos homens que determina a realidade; ao contrário, é a realidade social que determina a sua consciência** (MARX, 1984, p. 82-83, grifos nossos).

Os pescadores artesanais da ilha de Tentém, ao produzir as condições materiais de existência, também produzem sua consciência, seu modo de pensar e conceber o mundo, suas representações, como também a produção intelectual das leis, da moral, da religião, de uma sociedade e também do seu trabalho. Vejamos agora o Quadro 4, que mostra o levantamento dos dados relacionados à dimensão organizativa do trabalho da pesca na ilha de Tentém.

Quadro 4 - Dimensão Organizativa

<b>DIMENSÃO ORGANIZATIVA DO TRABALHO DA PESCA NA ILHA DE TENTÉM, MUNICÍPIO DE CAMETÁ</b>	
<b>CATEGORIAS EMPÍRICAS</b>	<b>LEVANTAMENTO DE DADOS</b>
a) formas de organização das práticas de pesca artesanal.	<p>A pesca é feita quase sempre de forma individual, com exceção de alguns períodos em que há o “bloqueio do mapará” [...] antes na pesca da rede era um grupo de pessoas que se reuniam para pescar. Hoje é individual, cada um pesca pra si mesmo (<i>Pescador 2</i>).</p> <p>A construção da UHE provocou uma desorganização entre os pescadores no cumprimento dos acordos de pesca. A carência de peixes na ilha contribuiu para o aparecimento de atitudes individuais de pesca predatória “Fizeram um bloqueio grande lá pra fora, pra frente do rio, pegaram tainha que estavam ‘até o gogó’ de ovas [repleta de ovas]. Então, se eles tivessem a consciência de não pegar aquele peixe aí teríamos muitos peixes na ilha” (<i>Pescador 2</i>).</p>
b) organização e distribuição do pescado para consumo/venda.	<p>Não há organização e/ou controle do pescado em termos de distribuição para consumo/venda, uma vez que a pesca na ilha é quase sempre individual. Os pescadores então, dependendo do período (defeso ou fora do defeso) e da quantidade ou tipo do pescado, decidem por si</p>



	<p>mesmos se consomem ou vendem o pescado “Às vezes eu tenho visto alguns pescadores que puxam “tucunaré”, “filhote”, ainda grandes e pegam esses peixes e vão direto pra cidade vender, mas é uma pessoa só. E eu já não faço isso, se eu puxar um peixe desses, eu vou é comer! [risos]” (<i>Pescador 2</i>).</p>
--	---

Fonte: A autoria própria (jul.2017).

O Quadro 04 apresenta, portanto, a dimensão organizativa do trabalho da pesca artesanal na ilha de Tentém, e aponta a desorganização da pesca artesanal na ilha, provocada pela construção da UHE de Tucuruí. Percebemos que os pescadores passaram a desenvolver a pesca quase sempre de forma individual, isso é marcante, pois aponta um distanciamento do pescador da troca de experiências no trabalho da pesca e produção de saberes.

Entre outros fatores de desorganização, houve, também, o descumprimento dos acordos de pesca por parte dos pescadores, o que segundo o *Pescador 2* representa uma “falta de consciência” dos pescadores da ilha na preservação das espécies no período do defeso, pois segundo ele: “se eles tivessem a consciência de não pegar aquele peixe aí teríamos muitos peixes na ilha” (*Pescador 2*).

Contudo, essa “falta de consciência” do pescador com relação à preservação do pescado, como vimos em Marx (1984), na verdade é em si uma consciência formada a partir de suas condições materiais de existência, uma vez que a construção da UHE provocou a precarização da vida dos pescadores e lhes formou essa “consciência”, já que “Não é a consciência dos homens que determina a realidade; ao contrário, é a realidade social que determina a sua consciência” (MARX, 1984, p. 82-83).

#### **3.4 A identidade dos pescadores artesanais da ilha de Tentém, município de Cametá-PA, em sua dimensão política: formação de identidade profissional e consciência de classe dos pescadores**

Para análise da formação identitária dos pescadores artesanais da ilha de Tentém, em sua dimensão política, foram consideradas duas categorias empíricas

de análise, cuja primeira é a *formação de identidade profissional* dos pescadores artesanais, para qual foi necessário, de início, uma abordagem histórica do pescador como categoria profissional de direito, que depois foi relacionada à atual situação em que essa categoria se encontra em termos de estrutura político-social. Por meio das entrevistas foi possível evidenciar as condições em que os pescadores da ilha de Tentém encontram-se com relação ao desenvolvimento da pesca artesanal enquanto profissão e se eles consideram como tal o ofício de pescador. A segunda categoria empírica de análise é a *formação de consciência de classe*, a qual foi evidenciada nas atitudes dos pescadores como forma de resistência à realidade em que se encontra hoje o pescador artesanal, ou melhor, nas formas de organização política dos pescadores para o enfrentamento das condições impostas pelo capital, materializado na construção da UHE de Tucuruí.

Para analisar a formação de uma identidade profissional do pescador artesanal da ilha de Tentém, foi realizada uma abordagem histórica da pesca artesanal no Brasil, no que diz respeito à criação de políticas públicas para o setor, e também discutimos sobre a figura do pescador artesanal como profissão ao longo da história.

Assim, cabe frisar que desde o início das políticas de regulamentação da atividade pesqueira, em que destaca-se a criação, na década de 1960, da Superintendência para o Desenvolvimento da Pesca (SUDEPE), não havia preocupação direta com a preservação e conservação dos pescados, mas apenas com a criação de órgãos para regulamentar sua extração. Nesse cenário não havia políticas públicas como o seguro defeso, por exemplo, que propusessem ao pescador condições de prover seu sustento respeitando os períodos de reprodução dos peixes (MAIA, 2009, p. 7).

O Programa Seguro Defeso (SD) surgiu logo no início dos anos 1990, na esteira dos avanços da Constituição Federal de 1988 (CF/1988). Trata-se de uma extensão do Programa Seguro-Desemprego dedicada a um trabalhador específico: o pescador com perfil artesanal. E, além de estar voltado a este pescador, o SD também se encontra focado na preservação de várias espécies do ecossistema brasileiro (CAMPOS; CHAVES, 2014, p. 7).

Apesar da diversidade de objetivos, o SD é concebido como parte integrante do Programa Seguro-Desemprego, progressivamente estruturado ao longo dos anos 1990 no Brasil. Isto porque a situação experimentada pelo pescador artesanal,

durante o período de defeso, é equiparada à de desemprego involuntário em que, por motivos alheios à sua vontade, o trabalhador encontra-se impossibilitado de subsistir por meio de seu trabalho.

Ainda na esteira dos avanços da Constituição Federal de 1988 (CF/88), com relação à criação de órgãos de regulamentação da pesca no Brasil, é importante destacar que após a extinção da SUDEPE, em 1989, foi criado o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), órgão do Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal, para onde migrou a pesca.

A Lei nº 8.287/1991 instituiu o SD como uma modalidade específica do Programa Seguro-Desemprego. O benefício do programa correspondia ao pagamento de um salário mínimo mensal, ao longo do período do defeso, e para que trabalhador fizesse jus a este benefício deveria comprovar o prévio e ininterrupto exercício da atividade de pesca por intervalo equivalente a, no mínimo, três anos. Esta comprovação se dava pelo IBAMA mediante a emissão de registro de pescador profissional, por meio do Registro Geral da Pesca (RGP) – uma certidão de exercício pesqueiro –, bem como por meio de atestado da colônia de pescadores à qual o trabalhador se vinculasse.

Em 2003, foi criada a Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca (SEAP) e neste mesmo ano foi criada a Lei nº 10.779/2003 a qual revogou a Lei nº 8.287/1991, passando a ser a norma reguladora do programa. O beneficiário continuou sendo o pescador artesanal com o perfil descrito. O benefício permaneceu como um salário mínimo, pago pelo número de meses do defeso. O acesso ao programa se alterou, mostrando-se ora mais restrito, ora mais ampliado. Em meio a isto, surgiu uma nova instituição: a Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca da Presidência da República (SEAP). Ela seria responsável pela emissão do RGP – que, juntamente com o atestado da colônia de pescadores, serviria para comprovar o exercício de atividade pesqueira, necessário para acessar o SD.

No dia 29 de junho de 2009, Dia do Pescador, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a Lei nº 11.958, criando o Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA), atendendo ao anseio histórico dos pescadores e aquicultores do país, onde, atualmente, se encontra a gestão estatal da pesca (BARRA, 2013, p. 55).

Em meio a esse cenário histórico e político de afirmação do pescador artesanal como classe trabalhadora, vemos que é após a CF/88 que a pesca

artesanal começa a ser considerada como profissão no bojo das políticas públicas para o setor pesqueiro. Na ilha de Tentém os pescadores artesanais relataram, em parte, esse recorte histórico enfatizando principalmente a criação do Seguro Defeso como uma política pública que caracterizou o pescador artesanal como um profissional.

“[...] antes existia o lavrador, aqui mesmo na ilha todos eram considerados lavradores; de 1994 pra cá quando você vai tirar documento já aparece pescador como profissão; e pra você receber o seguro tem que ter a profissão de pescador no documento senão você não recebe” (*Pescador 2*).

Sob o prisma trabalhista, o pescador artesanal pode ser entendido como uma espécie de trabalhador informal, situado no âmbito rural, laborando por conta própria, junto a mercados não regulados de bens e serviços, sem registro nas instâncias do Estado, operando com instrumentos próprios e capital reduzido, com escala mínima de produção, utilizando técnica adaptada e defasada e, também, apoiado por trabalho não remunerado, quase sempre familiar (BARBOSA, 2011).

Por sua vez, sob a ótica previdenciária, o pescador artesanal pode ser compreendido como uma modalidade de segurado especial, que labora essencialmente para a subsistência – e não para a geração de excedente direcionado ao mercado –, por meio da mútua colaboração dos membros de seu grupo familiar, com o uso apenas eventual de trabalho de terceiros, como parceiros, por exemplo (DELGADO; CARDOSO JÚNIOR, 2000).

A caracterização do perfil trabalhista e previdenciário do pescador artesanal nos permite uma análise da pesca artesanal enquanto profissão de direito. Para a análise como uma profissão de fato é importante verificar o desenvolvimento da pesca enquanto atividade que garante a sobrevivência dos pescadores artesanais.

“[...] hoje, se fosse só da pesca você não conseguiria sobreviver. A gente só consegue sobreviver porque tem o açaí no período em que abre a pesca, aí já “*encustia*” [renda extra] e dá pra se manter, porque depois da construção da hidrelétrica o pescado só dá longe daqui e a maioria dos pescadores não tem condições de manter geleiras pra ir buscar o pescado; já no passado, antes da construção da hidrelétrica você conseguia sobreviver só da pesca” (*Pescador 4*).

Vemos assim, que na ilha de Tentém, há uma contradição no que diz respeito à caracterização do pescador artesanal enquanto profissão de direito (legal) e de fato. Antes da construção da UHE de Tucuruí os pescadores artesanais tinham

a pesca como atividade que garantia o sustento das famílias, isto é, eram de fato pescadores profissionais no sentido de usarem sua profissão para manter seu sustento, embora não houvesse uma caracterização legal sobre a profissão de pescador. Após a construção da UHE em 1984 e com a CF/88 e a criação do Seguro Defeso, entre outras políticas públicas voltadas para o setor pesqueiro, o pescador artesanal passou a ser de direito (legalmente) um profissional, porém uma “profissão” que já não garante seu sustento, uma “profissão” que se resume apenas em uma descrição trabalhista e previdenciária que, por condições alheias a vontade dos pescadores, não se materializa na realidade.

Pescar, hoje, é mais “esporte” do que profissão. Mesmo porque não há como você sobreviver apenas da pesca. Pois há épocas em que há peixes e outras que não, então você sobreviver apenas disso vai haver época que vai passar fome. Então pra mim, hoje, a pesca é mais por “diversão”. Então eu vou estudar e quando eu venho pra cá nós pescamos, quando dá (*Pescador 5*).

Como percebemos na fala do *Pescador 5*, a pesca na ilha de Tentém já não é mais considerada como profissão, haja vista a impossibilidade de sobreviver apenas dessa atividade. A pesca passou a ser considerada, após a construção da UHE, uma atividade *meio* para sobrevivência dos pescadores, cujo *fim* é que o pescador seja contemplado com o seguro defeso: “e pra você receber o seguro tem que ter a profissão de pescador no documento senão você não recebe” (*Pescador 2*).

Embora os pescadores artesanais da ilha de Tentém tenham a pesca como atividade meio e/ou secundária no atual momento em que vivem, o fato de eles ainda continuarem a desenvolvê-la, mesmo com as adversidades e com as condições impostas pela construção da UHE, demonstra que esta atividade é de grande importância para eles. Apesar de a pesca não representar garantia de sobrevivência para os pescadores estes ainda procuram mecanismos para desenvolvê-la e assim resistir às condições impostas pelo capital. A mudança na produção dos saberes foi uma forma de resistência frente a essas condições, assim como a busca por educação escolar é uma forma de resistência, como podemos evidenciar na fala do *Pescador 5*: “Então eu vou estudar e quando eu venho pra cá nós pescamos, quando dá”.

A mudança na produção de saberes do trabalho da pesca artesanal, resultante do movimento contraditório existente nas formas de articulação do saber

profissional, contribui no processo de conscientização e na formação de atitude política do trabalhador. Nesse sentido, Brandão (2007, p. 84) afirma que “nada se faz entre os homens sem a consciência e o trabalho dos homens, e tudo que tem o poder de alterar a qualidade da consciência e do trabalho tem o poder de participar de sua práxis e de ser parte dela”.

A consciência, por sua vez, é aqui definida, segundo Iasi (2006), como um movimento, um fluir, no qual encontra diferentes mediações que se expressam em diferentes formas e em constante mutação, para demonstrar como a negação e o consentimento coexistem, enquanto possibilidades concretas para a classe trabalhadora no Brasil. Disso decorre a ideia de consciência de classe, que:

[...] surge inicialmente como “consciência social herdada, inercial, resultante de certa ordem social de relações que se instituíram sob a forma de valores, juízos, concepções de mundo, partilhada por aqueles que convivem numa certa época” [...]. A singularidade própria a cada consciência cristaliza-se ainda mais na peculiaridade de seus desdobramentos, no modo como ela age e reage diante da conformação social do mundo. Afinal, os seres humanos [...] não encaram o mundo apenas como uma configuração preexistente, mas como um “projeto” (IASI, 2006, p. 12).

As formas de resistência frente às condições impostas pelo modo capitalista de produção, no caso dos pescadores artesanais da ilha de Tentém, são mecanismos que se relacionam a formação política e a formação de uma consciência de classe. É a negação de uma realidade, a negação do que lhes foi negado, a *negação da negação* do ponto de vista do materialismo histórico-dialético.

Entre as formas de resistência dos pescadores artesanais frente ao que lhes foi negado, destacamos a criação das colônias de pescadores com entidades de classe, entidades representativas dos pescadores. A organização dos pescadores artesanais em colônias faz parte de uma história dos movimentos sociais no setor pesqueiro, as primeiras “organizações oficiais” foram criadas na década de 1930 e eram enquadradas nos moldes das instituições nacionais e estaduais.

Oficialmente, no Brasil e, especialmente, no estado do Pará, estes se “organizaram” a partir da criação, pelo governo federal, da CNP (Conferência Nacional dos Pescadores), da FEPA (Federação Estadual dos Pescadores) e das Colônias de Pesca, em 1930. Estas “organizações oficiais” foram criadas com objetivo de manipular e tutelar os pescadores. Isso ficava evidente pela relação entre governo central e os presidentes destas entidades - o governo nomeava os presidentes das colônias e federações que, no geral,

eram administradores alheios ao cotidiano do pescador, mas que atendiam ao perfil administrativo imposto pelo governo federal (REVISTA DA COLÔNIA DE PESCADORES Z-16, 2006, p. 17).

Assim, as primeiras colônias de pescadores não possuíam autonomia de organização e deviam obedecer as ordens e acatar decisões das instancias superiores. “[...] a história dos pescadores artesanais do Brasil mostra que, desde que surgiram as colônias de pescadores, elas estiveram sob as guardas do Estado, isto é, os órgãos governamentais submeteram os pescadores a seu controle e dominação política” (OLIVEIRA; RIBEIRO, 2005, p. 58).

Para buscar mudanças nesse cenário os movimentos sociais começaram a se intensificar em termos de organização nas décadas de 1970 e 1980. As articulações dos pescadores garantiram, na constituição federal, o direito de organização desses trabalhadores, de modo que a se fortaleceram como movimento nacionalmente constituído. No contexto nacional, a luta dos pescadores desenvolve-se a partir da criação do MONAPE (Movimento Nacional dos Pescadores<sup>45</sup>), com o objetivo de discutir com esses sujeitos suas condições de trabalhos. Além do MONAPE, destaca-se ainda um movimento de pescadores no contexto do Estado Pará, conhecido como MOPEPA (Movimento dos Pescadores do Pará), fundado por pescadores de Santarém e de outros municípios, inclusive Cametá.

A luta pela criação do movimento começou no município de Santarém, quando um grupo de pescadores, incentivados pelo CPP [Comissão Pastoral da Pesca], organizaram-se e conquistaram a colônia que, a partir de então, passou a ser dirigida por verdadeiros pescadores comprometidos com a luta (REVISTA DA COLÔNIA DE PESCADORES Z-16, 2006, p. 21).

Vemos, nesse cenário histórico, a luta política dos pescadores para organizarem-se enquanto classe trabalhadora. Esses movimentos permitiram participação e autonomia dos pescadores artesanais na organização de suas entidades representativas, como as Colônias de Pescadores.

Na ilha de Tentém, os pescadores artesanais são filiados em colônias e associações de pescadores, na Colônia de Pescadores Z-16 de Cametá são ao todo

---

<sup>45</sup> O MONAPE nasceu dos anseios de uma classe que historicamente foi excluída dos direitos constitucionais. Aliás, a história dos pescadores artesanais no Brasil sempre foi marcada por lutas e conquistas. E havia a influência do impacto organizacional efervescente da década de 1970. Esse movimento teve nascimento a partir da sensibilidade de um frei franciscano de origem alemã, Frei Alfredo que em 1970 veio morar no estado de Pernambuco, numa região onde a concentração de pescadores era grande. (REVISTA DA COLÔNIA DE PESCADORES Z-16, 2006, p. 19).

700 filiados, as associações como APAMUC, APADIC e SINAFAPAC somam 114 filiados, segundo os pescadores. Ao todo são 814 pescadores filiados em entidades representativas de um total de 1.731 habitantes que residem na ilha, ou seja, quase a metade dos moradores.

A filiação dos pescadores em colônias, associações e sindicatos é a manifestação da práxis social na dimensão política, que pressupõe “[...] organização sociopolítica real de seus membros [...]” (VÁZQUEZ, 1968, p. 200), desempenhando, nesse sentido, importante papel os saberes do trabalho da pesca, como elementos estruturantes dessa organização. Em termos empíricos, por exemplo, trabalhadores de pesca artesanal da Amazônia, envolvidos em sua realidade político-social, produzem saberes sociais em seu meio político, que são responsáveis pela implementação e fortalecimento de sua formação enquanto movimento social, enquanto organizações dos tipos “colônia”, “associações”, “sindicatos”, possuindo tais saberes uma dupla configuração: elementos estruturantes da organização e por ela também estruturados, elaborados (RODRIGUES, 2012, p. 64). Ainda segundo Rodrigues (2012):

[...] pressupomos que trabalhadores de pesca artesanal da Amazônia, envolvidos em sua realidade político-social, produzem saberes sociais dos tipos políticos, relacionais, organizacionais, conjunturais, atitudinais, por exemplo, responsáveis pela implementação e fortalecimento de sua formação enquanto movimento social — enquanto organização do tipo “Colônia” —, possuindo tais saberes uma dupla configuração: elementos estruturantes da organização e por ela também estruturados, elaborados, atuando como elementos constituidores de uma *consciência de classe para si* (RODRIGUES, 2012, p. 82).

Por fim, consideramos que a filiação dos pescadores em entidades representativas constituem mecanismos de resistência frente às condições impostas a estes trabalhadores. Sendo assim, fazer parte de uma entidade representativa demonstra a formação da consciência de pertencimento a uma classe de trabalhadores, neste caso, a classe dos pescadores artesanais.

Apresentamos, a seguir, o Quadro 5, que demonstra as mudanças na produção de saberes, dos pescadores artesanais da ilha de Tentém, em sua dimensão política.



Quadro 5 - Dimensão Política

<b>DIMENSÃO POLÍTICA DO TRABALHO DA PESCA NA ILHA DE TENTÉM, MUNICÍPIO DE CAMETÁ</b>	
<b>CATEGORIAS EMPÍRICAS</b>	<b>LEVANTAMENTO DE DADOS</b>
a) formação de identidade profissional;	<p><b>Antes da Construção da UHE:</b> O pescador artesanal desenvolvia uma atividade profissional de fato, a qual garantia sua sobrevivência por meio do trabalho da pesca, embora não houvesse uma caracterização trabalhista e previdenciária sobre a profissão de pescador.</p> <p><b>Após a Construção da UHE:</b> Pescador artesanal passa a ser uma profissão de direito, em termos de políticas públicas, no entanto deixa de ser uma profissão de fato haja vista o trabalho da pesca não ser capaz de garantir a sobrevivência do pescador levando em consideração os impactos causados pela construção da UHE.</p>
b) formação de consciência de classe.	Os pescadores artesanais da ilha de Tentém são filiados a Colônias de Pescadores, Associações e Sindicatos, o que demonstra mecanismos de resistência frente às condições impostas pela construção da UHE. Esses sujeitos demonstram consciência de pertencimento a uma classe.

Fonte: Autoria própria (jul.2017).

O quadro 05, portanto, apresenta as mudanças na produção de saberes na ilha de Tentém em sua dimensão política, apontando, em termos de formação de identidade profissional - como categoria empírica -, a práxis do pescador artesanal. Assim, evidenciamos que embora os pescadores artesanais passem a ser reconhecidos como pertencentes a uma “categoria profissional”, na ilha de Tentém os mesmos não desenvolvem, em termos práticos, o trabalho da pesca como atividade principal, criadora dos seus meios de vida, e, portanto, não como profissão.

No que diz respeito à formação de consciência de classe, como categoria empírica, os pescadores passaram a filiar-se em colônias, associar-se a sindicatos e associações de pescadores. Isso, no nosso entendimento, constituiu mecanismos reais de organização política e de formação da consciência de pertencimento a uma classe.

A construção da UHE de Tucuruí, como vimos, provocou mudanças significativas no modo de vida dos pescadores artesanais do município de Cametá do qual faz parte a ilha de Tentém. No dizer de Marx; Engels (2006, p. 29), o capital, materializado na construção da UHE de Tucuruí, vai impondo modos de sociabilidade, alastrando-se “[...] em toda a parte [...], instalando-se “[...] em toda a parte [...]”, criando “[...] relações em toda a parte”, fomentando outras relações produtivas, outros processos de construção identitária, que podem corroborar mecanismos de desenraizamento e enfraquecimento de uma cultura de trabalho que liga os trabalhadores enquanto sujeitos pertencentes a uma categoria organizativa, porque já não se percebem unificados por um trabalho em comum, o ser social pescador.

Nesse sentido, os pescadores da ilha de Tentém a partir do momento em começaram a sentir os impactos causados pela construção da barragem viram-se obrigados a buscar formas de resistência, e em meio a essa busca surgiram atitudes conscientes e inconscientes não apenas de resistência, mas de conformismo com a ordem do capital e em muitos casos os pescadores demonstraram atitudes de reprodução do modo de produção capitalista no interior da ilha.

Assim, trazemos a tabela abaixo que demonstra os registros dos elementos de identidade voltados para resistência e conformismo frente ao modo capitalista de produção, apresentados pelos pescadores artesanais da ilha de Tentém, no

decorrer das entrevistas, descritos e caracterizados levando em consideração as dimensões de análise propostas no início deste estudo.

Quadro 6 - Elementos de identidade voltados para resistência e conformismo com a ordem do capital

DIMENSÃO	ELEMENTOS DE IDENTIDADE VOLTADOS PARA RESISTÊNCIA	ELEMENTOS DE IDENTIDADE VOLTADOS PARA O CONFORMISMO
TÉCNICA	<p><b>Descrição:</b> “Agora o modo de pescar mudou, utilizamos a todo tempo a “malhadeira”, a “espingarda” para pescar no fundo, com a qual pescamos qualquer tipo de peixe” (<i>Pescador 2</i>).</p> <p><b>Caracterização:</b> Criação de novos saberes como a “espingarda com arpão” para pesca de difícil acesso após a construção da UHE.</p>	<p><b>Descrição:</b> “Hoje você não consegue mais sobreviver da pesca, antes sim. Por que muitos pescadores ‘pequenos’ não têm condições de fazer, de manter geleiras grandes pra ir buscar longe o pescado, que agora está muito longe. Antes o pescado era abundante, antes a gente conseguia viver da pesca” (<i>Pescador 4</i>).</p> <p><b>Caracterização:</b> Os pescadores que possuem Geleiras para pesca em longas distâncias passaram estabelecer relações patronais com outros pescadores, ou seja, passaram a pagar pelos serviços dos demais pescadores.</p>
PRODUTIVA	<p><b>Descrição:</b> “A única fruta que nos temos agora pelo tempo do verão é o açaí, que nos ajuda muito [...] uma fruta que tem</p>	

	<p>facilidade pra vender (<i>Pescador 2</i>)”.</p> <p><b>Caracterização:</b> Cultivo do Açaí como complemento da renda familiar.</p>	X
ORGANIZATIVA	X	<p><b>Descrição:</b> [...] antes na pesca da rede era um grupo de pessoas que se reuniam para pescar. Hoje é individual, cada um pesca pra si mesmo. É raro, mas às vezes quando decidimos ir pescar longe da ilha aí vão, dois, três pescadores juntos, mas é muito difícil acontecer isso (<i>Pescador 2</i>).</p> <p><b>Caracterização:</b> A pesca que antes era coletiva passou a ser desenvolvida, quase sempre, de forma individual, o que distanciou os pescadores das trocas de experiências no trabalho da pesca.</p>

		<p><b>Descrição:</b> “[...] vou lembrar um episódio que aconteceu mês de setembro. Fizeram um bloqueio grande lá pra fora, pra frente do rio, pegaram tainha que estavam ‘até o gogó’ de ovas [repleta de ovas]. Então, se eles tivessem a consciência de não pegar aquele peixe aí teríamos muitos peixes na ilha” (<i>Pescador 2</i>).</p> <p><b>Caracterização:</b> Os pescadores se desorganizaram com relação ao cumprimento dos acordos de pesca e apresentaram atitudes individuais de pesca predatória.</p>
POLÍTICA	<p><b>Descrição:</b> Na ilha de Tentém há 700 filiados na Colônia de Pescadores Z-16 de Cametá, 114 nas associações APAMUC, APADIC e SENPAPAC.</p> <p><b>Caracterização:</b> A filiação em colônias, associação em sindicatos e associações de pescadores constituiu mecanismos reais de organização política e de</p>	<p><b>Descrição:</b> “[...] antes existia o lavrador, aqui mesmo na ilha todos eram considerados lavradores; de 1994 pra cá quando você vai tirar documento já aparece pescador como profissão; e pra você receber o seguro tem que ter a profissão de pescador no documento senão você não recebe” (<i>Pescador 2</i>).</p> <p><b>Caracterização:</b> Os</p>

	<p>formação da consciência de pertencimento a uma classe.</p>	<p>pescadores veem a pesca hoje mais como um meio para receber o seguro defeso do que como uma profissão.</p>
	<p><b>Descrição:</b> Hoje nós estamos tendo a oportunidade de colocar nossos filhos no colégio da cidade, porque nós sabemos que hoje o futuro dos nossos filhos é eles se educarem, pois na pesca já não tem como se manter devido às condições que se encontra (<i>Pescador 2</i>).</p> <p><b>Caracterização:</b> Os pescadores veem na educação uma forma de enfrentamento das condições materiais impostas pela construção da UHE.</p>	

Autoria própria (jul.2017).

Vemos, portanto, que os pescadores artesanais da ilha de Tentém, ao terem seus modos de vida e suas condições materiais de existência afetadas pela construção da UHE, embora tenham se alinhado, inevitavelmente, à lógica do capital, em determinados aspectos, também buscaram mecanismos de resistência e enfrentamento da realidade que lhes foi imposta.

Engels (2008), ao analisar a situação da classe trabalhadora na Inglaterra, a qual vivia em condições materiais de existência semelhantes as dos pescadores aqui estudados, assinalou que “os operários ingleses não podem estar felizes com as condições em que vivem [...] a situação em que vivem esses homens não é humana.

Os operários devem, portanto, sair dessa situação que os embrutece” (Ibidem, p. 247). O autor enfatizou a necessidade de o operário inglês sair da situação degradante imposta pelo modo de produção capitalista e segundo ele o enfrentamento dessa realidade só pode ser dado pela rebelião contra a burguesia.

[...] o operário só pode salvar sua condição humana pelo ódio e pela rebelião contra a burguesia. E o modo porque protesta com a paixão mais violenta contra a tirania dos possuidores tem raízes na sua educação – ou melhor, na sua falta de educação - e na influência do ardente sangue irlandês, largamente infundido nas veias da classe operária inglesa. O operário inglês já não é mais um inglês, calculista e aferrado ao dinheiro como seus compatriotas proprietários; seus sentimentos se expressam mais plenamente – nele, a originária frieza nórdica foi compensada pela liberdade com que suas paixões se desenvolveram e o dominam. A educação intelectual, que tão fortemente estimula no burguês da Inglaterra o egoísmo, fazendo deste o eixo de sua vida e concentrando toda sua energia afetiva na cobiça, essa educação falta ao operário e, por isso, suas paixões são vigorosas e arrebatadoras como as de outros povos. A nacionalidade inglesa está anulada entre os operários (ENGELS, 2008, p. 247).

Engels faz uma crítica à burguesia da Inglaterra ao ponto de estabelecer uma distinção entre ser operário inglês e ter a nacionalidade inglesa, por considerar a nação inglesa viciada na cobiça e na paixão pelo dinheiro. Critica também a educação inglesa por considerá-la um estímulo a esses males. Engels também assinala um ponto importante sobre as formas de protestos dos operários ingleses na qual atribui a forma violenta dos protestos à falta de educação dos operários. Nas análises de Engels sobre a situação da classe trabalhadora na Inglaterra vemos que a maioria dos protestos os operários não obtiveram sucesso, isso demonstra uma falta de organização da classe operária. Sendo que apenas com o surgimento de associações e sindicatos, liderados em sua maioria por intelectuais, as manifestações passaram a causar impactos significativos. Esses fatos demonstram a necessidade da educação como forma de enfrentamento das condições de exploração impostas pelo modo de produção capitalista.

Na realidade dos pescadores artesanais da ilha de Tentém, vimos que as formas de enfrentamento se deram por meio da criação de novos saberes como a “espingarda com arpão”, assim como a produção do açaí, como complementação da renda familiar, mas creio que uma das formas mais significativas de enfrentamento da realidade imposta pela construção da UHE foi a consciência que através da educação os pescadores podem mudar sua realidade e ter meios para enfrentar as

forças que os tem desprovido das condições materiais de existência. “Hoje nos estamos tendo a oportunidade de colocar nossos filhos no colégio da cidade, porque nos sabemos que hoje o futuro dos nossos filhos é eles se educarem, pois na pesca já não tem como se manter devido às condições que se encontra” (*Pescador 2*).



#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa partiu da concepção materialista-histórica de entendimento da realidade, a partir de uma abordagem qualitativa e analítica. Por meio de observações e entrevistas coletamos dados para buscar o entendimento de como se deu a formação da identidade de pescadores artesanais da ilha de Tentém, no município de Cametá-PA, a partir das condições materiais de produção de saberes do trabalho da pesca após a construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí (UHE) e sua relação com processos de resistência e conformismo frente ao modo capitalista de produção .

Para entendermos a formação da identidade dos pescadores, enquanto classe de trabalhadores, foi de grande importância a discussão sobre a formação de trabalhadores no interior das disputas entre trabalho e capital feitas no Capítulo II, por nos permitir contextualizar com o trabalho da pesca artesanal na ilha de Tentém e assim evidenciar a formação do trabalhador “pescador artesanal”. Esse foi um dos objetivos específicos que alcançamos nesta pesquisa.

A caracterização dos processos de produção de saberes do trabalho da pesca, oriundos da disputa entre trabalho e capital, nos trouxe uma visão abrangente sobre o vasto campo de produção de saberes de pescadores artesanais. Embora a maioria dos saberes apresentados na pesquisa tenha sido por meio de ilustrações de outras pesquisas, eles representam com excelência os saberes produzidos outrora na ilha de Tentém, considerando as observações de campo e as entrevistas com pescadores. Não foram levantadas mais imagens de saberes por conta de não estarmos tratando de uma arqueologia dos saberes da pesca como objeto de pesquisa, tal qual fez Moraes (2007).

Na análise da identidade dos pescadores artesanais da ilha de Tentém, formada a partir das condições materiais de produção de saberes do trabalho da pesca no contexto pós-construção da UHE de Tucuruí-PA, tivemos achados importantes. Foi analisada inicialmente, a dimensão técnica do trabalho da pesca artesanal, onde evidenciamos a criação de novos saberes, como elementos de enfrentamento das condições impostas pela construção da UHE, a exemplo da criação engenhosa da “espingarda com arpão” para pesca de difícil acesso. Contudo, nessa dimensão também detectamos o surgimento de saberes como elementos que se alinharam à lógica do capital, como a aquisição de geleiras para

a busca do pescado em longas distâncias e conservação do mesmo, as quais, por terem alto custo, são de propriedade de poucos pescadores e sendo assim, passou a haver relações patronais entre os pescadores na ilha de Tentém, isto é, relações de compra e venda de mão de obra para operar as geleiras.

Na esfera produtiva, devido à escassez de peixes provocada pela UHE, os pescadores passaram a desenvolver com mais intensidade o cultivo do açaí, que segundo os pescadores, é uma das principais fontes de renda na ilha. A mudança nos ciclos hidrológicos e na dinâmica territorial fez com que muitas espécies de culturas, cujos frutos serviam de complemento para renda familiar, deixassem de ser cultivadas, como foi o caso do Cacau e da Ucuúba. Em termos de identidade, hoje o pescador artesanal da ilha de Tentém não se reconhece mais enquanto produtor desses meios de vida.

No campo da organização dos saberes da pesca não foi evidenciado atitudes de resistência frente ao modo capitalista de produção. Houve, contudo, a desorganização da pesca na ilha de Tentém, cujo principal indicador foi a mudança da pesca coletiva para individual, considerando que a pesca da rede, que passou a existir com menos frequência, como vimos, era um saber que permitia aos pescadores organizarem-se coletivamente. Isso fez surgir, portanto, uma situação de distanciamento nas relações de pesca entre os pescadores da ilha de Tentém, dificultando o trabalho coletivo e conseqüentemente a troca de experiências sobre o trabalho da pesca e a produção de seus saberes. Outro fator de desorganização foi o descumprimento dos acordos de pesca (pesca fora do período do defeso) e o surgimento de atitudes individuais de pesca predatória por parte dos pescadores da ilha, o que demonstra o capital forjando seu sociometabolismo na ilha.

Contudo, mesmo em meio à desordem causada pela construção da UHE, vimos que os pescadores da ilha de Tentém também mostraram atitudes em defesa dos seus direitos, como forma de resistência contra-hegemônica. As colônias de pescadores foram mecanismos de grande importância nesse processo, a luta nacional histórica dos pescadores artesanais em busca de afirmação como categoria profissional de direito conseguiu melhorias significativas para a classe pesqueira e o fato de os pescadores artesanais da ilha de Tentém manterem-se filiados em organizações dessa natureza demonstra que estes também fizeram parte desta luta histórica.

Porém, a organização em colônias de pescadores apesar de representar uma luta histórica, na realidade do pescador artesanal da ilha de Tentém, mais do que a representação de pertencimento a uma classe de trabalhadores é uma forma de conseguir o que para os pescadores hoje é vital, o Seguro Defeso. Os relatos dos pescadores foram claros com relação ao significado da pesca hoje na ilha, embora a atividade de pesca seja importante, em termos de identidade, para subsistência ela já não é entendida mais como uma profissão.

Essas ideias concorrem para uma contradição apontada durante as análises do Capítulo III, no que diz respeito à atividade de pesca em seu contexto histórico como profissão de fato e de direito. Antes da construção da UHE a pesca artesanal, na ilha de Tentém, era tida como uma profissão pelos pescadores haja vista os mesmos conseguem manter seu sustento com o que produziam, mesmo que não houvesse uma caracterização trabalhista, previdenciária e que a pesca não estivesse entre atividades com direcionamentos de políticas públicas eficientes.

Após a construção da UHE em 1984, foi promulgada a CF/88, que trouxe melhorias para o setor pesqueiro. Entre os avanços trazidos veio a caracterização profissional e previdenciária da pesca artesanal, o Seguro Defeso, entre outros. Assim os pescadores passaram ser considerados como uma categoria, ou seja, passaram a ter uma profissão de direito, contudo, vimos nas entrevistas que eles já não desenvolvem a pesca como atividade permite seu sustento, sua subsistência.

Assim, hoje, o pescador que expede seus documentos com a nomenclatura de sua profissão de “pescador artesanal”, embora tenha uma profissão de direito, não exerce de fato uma práxis da pesca artesanal, considerando que a atividade de pesca deixou de ser sua principal fonte de sobrevivência.

Por fim, ressaltamos que a pesquisa sobre a pesca artesanal na ilha de Tentém, município de Cametá, representa uma realidade de grande parte do Baixo Tocantins, em municípios como Limoeiro do Ajurú, Baião, Mocajuba, Oeiras do Pará, os quais foram atingidos pela construção da UHE de Tucuruí.

Entre os desastres causados pela construção da UHE veio o desaparecimento de peixes, mudanças nos ciclos hidrológicos, entre outros que fizeram com que a pesca já não fosse mais uma profissão que garantisse o sustento dos pescadores. Vimos nas entrevistas e nas observações realizadas durante a pesquisa o quanto a construção desse projeto afetou de forma negativa o modo de vida dos pescadores artesanais da ilha de Tentém. Os pescadores dessa ilha viram-

se obrigados a realizar mudanças nos seus modos de vida, principalmente na produção de saberes.

A construção da UHE de Tucuruí causou impactos negativos na materialidade produtiva dos pescadores artesanais da ilha de Tentém, fazendo com que os mesmos, a partir da produção de saberes, criassem mecanismos de enfrentamento dessas condições. No entanto percebemos que os pescadores, em determinadas situações, alinharam-se à lógica do capital, estabelecendo processos de mercantilização da produção e de relações patronais no interior da ilha. Podemos afirmar que a identidade do pescador artesanal da ilha de Tentém possui uma formação caracterizada pelo distanciamento do trabalho da pesca como atividade criadora de valores de uso e que garanta suas condições materiais de existência, tornando-o dependente de programas sociais do governo federal, como o seguro defeso, para custear suas necessidades vitais.

Os achados da pesquisa podem nos levar a outros problemas, considerando os impactos sofridos por estes sujeitos com a construção da UHE. É possível investigar o porquê, por exemplo, de o contingente populacional da ilha estar em constante aumento, considerando as precárias condições de realização da pesca e da subsistência dos moradores, levando em consideração, é claro, a própria dinâmica de crescimento populacional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES- MAZZOTTI, Alda Judith, GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O Método nas ciências Naturais e Sociais – Pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2ª. São Paulo: Pioneira, 2000.

ALVES, Selma Cristina Pantoja. et al. Impactos socioambientais gerados na comunidade ribeirinha de Vila Cameté pela construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí-PA. **14º Encontro de Profissionais da Química da Amazônia**, 2015. Disponível em: <http://www.14epqa.com.br/trabalhos-cientificos.asp>. Acesso em 08 ago. 2017.

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

ARANHA, Antônia Vitória S. **Relação entre conhecimento escolar e o conhecimento produzido no trabalho: dilemas da educação do adulto trabalhador**. Trabalho e Educação. Belo Horizonte: NETE/ FaE/ UFMG, n. 12, jan/jun, 2003.

BARRA, José Domingos Fernandes. **A relação trabalho e educação no contexto dos acordos de pesca em Cameté/PA: uma alternativa econômica ou uma prática de resistência?** Belém, PA, 2013.

BARRA, Jose Domingos Fernandes. O sentido do trabalho para o pescador artesanal. In: BARRA, Jose Domingos Fernandes (Org.). **Pra onde sopram os ventos? Práticas educativas dos pescadores de Cameté**. Cameté: UFPA - CUNTINS, 2015.

BARRA, Jose Domingos Fernandes; SILVA, Maria José Borges Da. A literatura dos pescadores artesanais de Cameté-PA: desafios, lutas e perspectivas. In: BARRA, Jose Domingos Fernandes (Org.). **Pra onde sopram os ventos? Práticas educativas dos pescadores de Cameté**. Cameté: UFPA - CUNTINS, 2015.

BARRA, Jose Domingos Fernandes; FURTADO, Gislane Damasceno. **Pescadores artesanais de Cameté: Formação histórica, Movimento e construção de Novos Sujeitos**. Cameté, PA, 2004.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

BRANDÃO Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 49.ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2007. [1981] (Coleção Primeiros Passos; 20)

BRASIL. **Ecoagência - Usina Hidrelétrica de Tucuruí: 25 anos de descaso e omissão**. Disponível em: [http://www.ecoagencia.com.br/inc\\_imprimir\\_noticia.php?id===AUUJIVW5mTHNIRaVXTWJVU](http://www.ecoagencia.com.br/inc_imprimir_noticia.php?id===AUUJIVW5mTHNIRaVXTWJVU)>. Acesso em: 29 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. **Instituto Brasileiro de geografia e Estatística (IBGE)**. Pará: Cametá, 2015. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=150210&search=para|cameta>. Acesso em: 31 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. **Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental (IDESP) - Estatística Municipal 2014**. Disponível em: <http://fapespa2.pa.gov.br/pdf/estatisticaMunicipal/pdf/Cametá.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. **Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA) - Boletim Estatístico da Pesca e Aquicultura - Brasil 2010**. Brasília: MPA, 2012. Disponível em <<http://www.mpa.gov.br/index.php/topicos/300-boletim-estatistico-da-pesca-e-aquicultura-2010>>. Acesso em: 12 mai. 2015.

\_\_\_\_\_. **Ministério do Desenvolvimento Social (MDS)**. (Disponível em: <<http://mds.gov.br/assuntos/bolsa-familia/o-que-e/beneficios>>. Acesso em: 10 ago. 2017).

\_\_\_\_\_. **Minsitério do Meio Ambiente (MMA) - Cametá: Acordos de Pesca — uma alternativa econômica e organizacional**. Série Sistematização, Revista II. Subprograma Projeto Demonstrativos. Brasília: MMA, 2006.

\_\_\_\_\_. **Programa de Ordenamento Territorial em Meio Ambiente (PROOTMA)**. UFPA/Cametá, 2017.

\_\_\_\_\_. **Revista da Colônia de Pescadores Z-16**. Cametá, 2006.

\_\_\_\_\_. **Secretaria Especial de Aqüicultura e Pesca (SEAP). Instrução Normativa Nº 3, de 12 de maio de 2004**. Disponível em: <[http://sinpesq.mpa.gov.br/rgp\\_cms/images/publico/CGRA/instrucao\\_normativa\\_03\\_de\\_12mai04-rgp.pdf](http://sinpesq.mpa.gov.br/rgp_cms/images/publico/CGRA/instrucao_normativa_03_de_12mai04-rgp.pdf)>. Acesso em: 29 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. **Secretaria Municipal de Educação de Cametá (SEMED)**: Divisão de Estatística Educacional e Censo Escolar, 2016.

\_\_\_\_\_. **Secretaria Nacional de Formação Política do Partido Comunista Brasileiro. Curso de Iniciação Partidária - Introdução ao Materialismo Histórico/Dialético**. Disponível em: <<http://www.pcb.org.br/portal/docs/materialismo.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2016.

BARBOSA, A. F. O conceito de trabalho informal, sua evolução histórica e o potencial analítico atual: para não jogar a criança fora junto com a água do banho. *In*: OLIVEIRA, R. V.; GOMES, D.; TARGINO, I. (Orgs.). **Marchas e contramarchas da informalidade do trabalho**: das origens às novas abordagens. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011. p. 105-159.

BRAVERMAN, H. **Trabalho capital monopolista**: a degradação do trabalho no século XX. 3.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

CAMPOS, André Gambier; CHAVES, José Valente. **Seguro Defeso: diagnóstico dos problemas enfrentados pelo programa**. Brasília: Ipea, 2014.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Tecnoprint S. A. , 1972.

COSTA, Marisa V., (2000). **Estudos culturais: para além das fronteiras disciplinares**. In:\_\_\_\_\_, (org.). Estudos culturais em educação. Porto Alegre: Editora da UFRGS. p. 13-36.

CHAVES, Maria do Perpétuo Socorro Rodrigues; LIRA, Talita de Melo. **Comunidades ribeirinhas na Amazônia: organização sociocultural e política**. Interações, Campo Grande, MS, v. 17, n. 1, p. 66-76, jan./mar. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/inter/v17n1/1518-7012-inter-17-01-0066.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2017.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 1998.

DAMASCENO, Maria Nobre. O saber social e a construção da identidade. **Contexto & Educação**, UNIJUÍ, ano 9, n. 38, p. 19-39, abr./jun. 1995.

DELGADO, G. C.; CARDOSO JÚNIOR, J. C. (Eds.). **A universalização de direitos sociais no Brasil: a previdência rural nos anos 90**. Brasília: Ipea, 2000.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. **Povos e Mares: leitura em sócio-antropologia marítima**. São Paulo: NUPAUBE-USP, 1995.

DUBAR, Claude. **A Crise das Identidades: A interpretação de uma mutação**. Trad. Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Trad. B.A. Schumann. Ed. José Paulo Netto. São Paulo: Boitempo, 2008.

ENGELS, Friedrich. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. In: ANTUNES, Ricardo (Org.) **A Dialética do trabalho – Escritos de Marx e Engels**. V.1. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, nº 79, Agosto/2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2017.

FRANCO, B. **Análise de conteúdo**. Brasília: Líber Livro, 2012.

FRANZOI, Naira Lisboa; FISCHER, Maria Clara Bueno. **Saberes do trabalho: situando o tema no campo trabalho-educação**. In: Revista Trabalhonestessario. Rio de Janeiro: NEDDATE, 2015, ano, 13, número, 20.

FRANZOI, Naira Lisboa; ZORZI, Fernanda. Saberes do trabalho e do trabalhador: reflexões no contexto do proeja. In: **Trabalho & Educação**. Belo Horizonte, v.19,

n.3, p.115-127, set./dez.2010. Disponível em:  
<<http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/trabedu/article/viewFile/618/665>>.  
Acesso em: 27 out. 2015.

FRAXE, T.J.P.; PEREIRA, H.S.; WITKOSKI, A.C. **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais**. Manaus: EDUA, 2007. 224 p.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva: um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômico-social e capitalista**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1984.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Capital humano e sociedade do conhecimento: concepção neoconservadora de qualidade na educação. In: **Revista Contexto e Educação**. Injuí, Editora Injuí, ano 9, nº 34, abr/jun, 1994.

FRIGOTTO, Gaudêncio; FRANCO, Maria Ciavatta; RAMOS, Marise (Orgs.). **Ensino médio integrado: concepções e contradições**. - São Paulo: Cortez, 2005.

FURTADO, L. G. **Pesca Artesanal: um delineamento de sua história no Pará**. Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi. Nova Série: Antropologia, Belém-PA (79) 1-50, 1981.

FURTADO, Lourdes; Leitão, W; MELLO, A.F. **Povos das Águas: realidades e perspectivas na Amazônia**. Belém-PA: Museu Paraense Emilio Goeldi, 1993.

GRAMSCI, A. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1984.

GRZYBOWSKI, Cândido. **Esboço de uma alternativa para pensar a educação no meio rural**. Contexto & Educação, UNIJUÍ, ano 1, n. 4, p. 47-59, out./dez. 1986.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Mai-Ago 2006, Vol. 22 n. 2, pp. 201-210. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n2/a10v22n2>>. Acesso em: 09 ago. 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro -11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IASI, Mauro Luis. **As metamorfoses da consciência de classe: o PT entre a negação e o consentimento**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MAIA, Maria Bernadete Reis. **Do defeso ao seguro desemprego do pescador artesanal: a inclusão do pescador nas políticas públicas de seguridade social**. Manaus, AM, 2009.



MAGALHÃES, S. B. et al. **Transformações Sociais e Territoriais no Ambiente Rural da Amazônia Oriental**. Encontro Nacional da Anppas, 6. Anais. Belém: set. 2012.

MANESCHY, Maria Cristina. **Ajuruteua, uma comunidade ameaçada**. Belém, PA, 1993.

\_\_\_\_\_. Pescadores nos manguezais: estratégias, técnicas e relações Sociais de produção na captura de caranguejo. *In*: FURTADO, Lourdes; LEITÃO, W; MELLO, A.F. (Orgs.). **Povos da Águas: realidades e perspectivas na Amazônia**. Belém-PA: Museu Paraense Emilio Goeldi, 1993.

MARQUES, Waldemar. O quantitativo e o Qualitativo na Pesquisa Educacional. **Revista Avaliação**. V. 2, nº 3(5), 1997.

MARTINS, Egídio. **Trabalho, educação e movimentos sociais: um estudo sobre o saber e a atuação política dos pescadores da Colônia Z-16, no município de Cametá-PA**. Belém, PA, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. Tradução: Luís Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. **Manifesto do Partido Comunista**. Porto Alegre: L&PM, 2006.

\_\_\_\_\_. **Textos sobre a educação e ensino**. 2. Ed. São Paulo: Moraes, 1992.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. Livro 1. v. 1 e 2.

\_\_\_\_\_. **O Capital: crítica da economia política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008a. V.1.

\_\_\_\_\_. **Teorias da mais-valia: história crítica do pensamento econômico** (Livro IV de O capital). Vol. I. São Paulo: Civilização Brasileira, 1980.

MORAES, Sérgio Cardoso de. **Uma Arqueologia dos Saberes da Pesca: Amazônia e Nordeste**. Belém: EDUFPA, 2007.

OLIVEIRA, Luís Cláudio; RIBEIRO, Jeremias Martins. **As Políticas de Educação Ambiental na Ótica das ONGs e dos Movimentos Sociais: um olhar a partir da Colônia dos Pescadores Z-16 de Cametá**. Cametá, PA, 2005

PANTOJA, Pedro Ladinilson do Rosário. **Saberes do trabalho na carpintaria naval artesanal no distrito de Carapajó - município de Cametá – PA**. Belém, PA, 2015.

PEREIRA, Edir Augusto Dias. **As encruzilhadas das territorialidades ribeirinhas: Transformações no exercício espacial do poder em comunidades ribeirinhas da Amazônia Tocantina Paraense**. Niterói, RJ, 2014.

PEREIRA, Leonel Luiz. **A trajetória socioeconômica e política do município de Imaruí-SC e o processo de migração nas últimas décadas**. Criciúma, SC, 2016.

QUEIROZ, Danielle Teixeira et al. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. **R Enferm UERJ**, Rio de Janeiro, 2007 abr/jun; 15(2):276-83. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v15n2/v15n2a19.pdf>>. Acesso em: 09 ago. 2017.

RAMOS, Marise Nogueira. O estudo de saberes profissionais na perspectiva etnográfica: contribuições teórico-metodológicas. Belo Horizonte: **Educação em Revista**, v.30, n.04, 2014, p.105-125. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/v30n4/06.pdf>. Acesso em: 21 out. 2015.

RAPOZO, Pedro Henrique C. Estado e as Políticas de Desenvolvimento na Amazônia Brasileira: as transformações socioeconômicas no mundo do trabalho da pesca. **REDD**, Araraquara, v. 2, n. 1, jul/dez 2009. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/redd/article/viewFile/2191/1799>>. Acesso em: 08 ago. 2017.

RODRIGUES, Adenil Alves. **Juventude, trabalho e educação: a formação da identidade pescadora dos jovens da Colônia de Pescadores Artesanais z- 16 de Cametá-PA**. Cametá, PA, 2016.

RODRIGUES, Doriedson do Socorro. **Saberes Sociais e luta de classes: um estudo a partir da Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 – Cametá/Pará**. Belém, PA, 2012.

\_\_\_\_\_. **Marcadores Conversacionais: Um estudo sobre os Marcadores “Parente” e “- Que tá? – Tá bom” no município de Cametá/PA**. Coleção Novo Tempo Cabano – Vol II, Cametá – Pará, 2003.

RODRIGUES, Margarita Victoria [et al.]. Gramsci e Educação. **RPD – Revista Profissão Docente**, Uberaba, v.2, n.5 , p.1 -26 ,mai/ago. 2002 – ISSN 1519-0919. Disponível em: <<http://www.revistas.uniube.br/index.php/rpd/article/viewFile/51/466>>. Acesso em 07 ago. 2017.

SANTOS, Eloisa Helena. Ciência e cultura: uma outra relação entre saber e trabalho. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, n. 7, p. 120-130, jul/dez, 2000.

SCHWARTZ, Y. 2009. Produzir saberes entre aderência e desaderência. **Educação Unisinos**, 13 (3): 264-273, setembro/dezembro 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/4959/2205>>. Acesso em: 06 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. A dimensão coletiva do trabalho e as Entidades Coletivas Relativamente Pertinentes (ECRP). In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). **Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana**. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2010a. 147-164 p.

\_\_\_\_\_. A experiência é formadora? **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 35-48, 2010b.

\_\_\_\_\_. A trama e a urdidura. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). **Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana**. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2010c. 103-109 p.

\_\_\_\_\_. Reflexão em torno de um exemplo de trabalho operário. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). **Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana**. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2010d. 37-46 p.

\_\_\_\_\_. Uso de si e competência. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). **Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana**. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2010e. 205-221 p.

SILVA, Luis Geraldo (Coord). Os pescadores na história do Brasil. Volume 1 – Colônia e Império. In: **Comissão Pastoral dos Pescadores**. Boa Vista, Recife. Pe. Vozes, 1988.

SILVA, Maria Ozanira. **Refletindo a Pesquisa Participante**. São Paulo: Cortez, 1991.

SILVA, Maria das Graças da. O reordenamento sócio-territorial na área da UHE Tucuruí. O Caso da Pesca no Baixo Tocantins (Para/Brasil). **Sociedade Brasileira de Sociologia**, 2003. Disponível em: <[http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=1164&Itemid=171](http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=1164&Itemid=171)>. Acesso em: 21 out. 2015.

SOUSA, Raimundo Valdomiro. **Campesinato na Amazônia: da subordinação à luta pelo poder**. Belém: NAEA, 2002.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa**. 4.Ed. Belém: Unama, 2001.

TIRIBA, Lia e FISCHER, Maria Clara Bueno. Saberes do trabalho associado. In CATTANI, Antonio D., LAVILLE, Jean-Louis; GAIGER, Luis Inácio e HESPANHA, Pedro. **Dicionário Internacional da Outra Economia**. Coimbra: Editora Almedina, 2009, p. 293-298. (ISBN 978-972-40- 722-6)

TRINQUET, Pierre. Trabalho e Educação: o método ergológico. **Revista Histedbr On line**. Número especial, p.93-113, agosto, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639753/7318>. Acesso em>: 03 ago. 2017.

VAZQUEZ, Adolfo Sanchez. **Filosofia da Praxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. Williams: Raymond. **Cultura e Materialismo**. Sao Paulo, Editora UNESP, 2011.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Cultura, culturas e educação**. In: Revista Brasileira de Educação, nº 23, maio-agosto, 2003, p.5-15.

ZANELLA, José Luiz. **Anotações à questão: quando a qualificação do trabalhador é uma desqualificação?** Disponível em: <http://cac.php.unioeste.br/projetos/gpps/midia/seminario1/trabalhos/Educacao/eixo6/13joseluizzanella.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2016.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - Roteiro para entrevista semiestruturada com pescadores artesanais da ilha de Tentém

1. Com a construção da UHE de Tucuruí e o barramento do rio Tocantins, ocorreu mudanças nas águas e nos peixes na ilha de Tentém?
2. Como era desenvolvida a atividade de pesca artesanal pelos pescadores da ilha de Tentém antes do término da construção da UHE de Tucuruí em 1984? Como era o processo de captura de peixes na época? Que instrumentos de pesca eram usados?
3. Atualmente como se dá o processo de captura de peixes pelos pescadores da ilha de Tentém? Que instrumentos de pesca são usados com mais frequência?
4. A pesca na comunidade se dá habitualmente de forma individual ou em grupo? Como é organizada a produção?
5. Como é organizado o consumo e a comercialização do pescado produzido na ilha de Tentém?
6. Na ilha de Tentém, são desenvolvidas atividades paralelas à pesca como forma de garantir o sustento das famílias?
7. É feito o cultivo do açaí, andiroba, ucuuba e Cacau na ilha Tentém?
8. Os pescadores da ilha de Tentém são filiados/associados a alguma entidade representativa de pescadores? Qual a importância disso para os pescadores?
9. Qual a importância da pesca artesanal para os pescadores da ilha de Tentém? E para o desenvolvimento da região?
10. Como se dá o envolvimento dos pescadores artesanais da ilha de Tentém no trabalho com a pesca? Pensam em tornar seus filhos pescadores?

## APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido

Eu, \_\_\_\_\_,  
declaro ter concordado em participar, de forma livre e espontânea, como sujeito entrevistado na Pesquisa **“SABERES DO TRABALHO E FORMAÇÃO DE IDENTIDADE DE PESCADORES ARTESANAIS NO MUNICÍPIO DE CAMETÁ-PARÁ”** sob a responsabilidade de **José Carlos Vanzeler Pompeu**, portador do **RG: 5858290** e do **CPF: 947.402.402-20**, discente do Mestrado em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura do Campus Universitário do Tocantins/Cametá, da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Declaro ter esclarecimento dos objetivos e do procedimento metodológico empregado na pesquisa, tendo conhecimento do comprometimento ético e social que a pesquisa científica proporciona. Assim como tenho clareza de que as informações que forneço, como contribuição a este estudo, não representam risco à integridade física ou moral de nenhuma pessoa.

Tenho clareza da liberdade ao direito de consentimento e de retirada de minha participação na pesquisa independente do período ou motivo e sem nenhum prejuízo à minha pessoa. Também sou ciente que não terei nenhuma despesa, bem como não receberei remuneração pelas informações prestadas nas entrevistas.

Sou ciente de que as informações que forneço, de forma oral, poderão ser usadas pelo pesquisador em sua pesquisa. Para tanto, deverá ser preservada a minha identidade como sujeito entrevistado. Fica reservada a minha concessão por escrito ao direito de sua divulgação para outras finalidades.

Assim, finalizo este termo de participação na pesquisa, como sujeito entrevistado, afirmando que concordo com a forma e conteúdo contido na presente redação que ficará redigida em duas cópias: uma para o sujeito entrevistado e a outra para o pesquisador.

Cametá / PA, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

\_\_\_\_\_  
CPF: Assinatura do participante.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador responsável.

## ANEXOS

### ANEXO 1 - Acordo de Pesca da Comunidade de Tentém

#### ACORDO DE PESCA DA COMUNIDADE DE TENTÉM

A comunidade de Tentém está localizada no Distrito de Juaba, **aonde moram cerca de 190 (cento e noventa) famílias**, com aproximadamente **1200 (mil e duzentos) pessoas, incluindo crianças e adultos**, tendo como atividade principal a pesca, agricultura e o extrativismo. Mais como não é diferente de outras comunidades esta população sente a necessidade de buscar mecanismo para desenvolver sua localidade. E a Colônia dos Pescadores Z-16 de Cametá, preocupada com o futuro das populações pesqueiras deste município, dentro de parâmetros sustentáveis e abertos as parcerias com a organizações que efetivamente atuam no sentido de melhorar a qualidade de vida e construir uma sociedade mais democrática e justa, vem discutindo com sua base pesqueira varias alternativas de sustentabilidade e uma delas é fomentar a discussão dos acordos de pesca deste município, como principal medida para a proteção das espécies, uso sustentável dos rios etc. Que após varias reuniões em conjunto com a comunidade foi concordado por todos os moradores o seguinte acordo de pesca:

- Fica proibida a pesca nos seguintes locais descritos: Aonde tem maior profundidade: - ***Boca do Tentem, Japiim, Tomé, Boi, Tentem Zinho e Tentem Meio.***
- Ficou concordado pescar com os seguintes apetrechos de pesca: ***Malhadeira Malha 06 (=60 mm) para cima, com até 30 m (Trinta Metros) de comprimento, Matapi, Pari Fino para a pesca de Camarão e Pari Grosso para a pesca de Camboa, Pesca com Anzol e a Gapuia.***
- Apetrechos que não ficou permitido a pesca: ***Malhadeira de Malha abaixo de 06 (De 50 mm para baixo), Tarrafa, Piraqueira de Espingarda e Zagaia, Puçá, Baque D'água na margem do rio (Na beira), Caçada com cachorro no mato, Piaba, Tirar Crustáceos (Conchas) e Pesca Ornamental (Capitura de filhos de peixes pequenos).***
- Esse acordo de pesca tem assinaturas dos representantes da comissão, moradores, entidades e órgãos competentes.

---

José Cecílio Rodrigues Neto – RG – CPF – Del. Sindical

---

Pedro Batista Filho – RG – CPF – Coord. Da Colônia Z-16

---

Raimundo Pinto Batista – RG – CPF – ACS

---

Leonélio Garcia de Oliveira – RG – CPF – Rep. Do Cons. Escolar

---

Elgina Medeiros Maciel – RG – CPF – Coord. Da Comunidade

---

Antônio Júlio Gonçalves Batista – RG – CPF – Rep. CPA

---

Adinamar Augusto Garcia – RG – CPF – Fiscal

---

Ronaldo José Alves Viana – RG – CPF – Fiscal

---

Marçal de Souza – RG – CPF – Fiscal

---

Miguel Arcanjo – RG – CPF – Fiscal

Cametá-PA, 31 de janeiro de 2003.



## ANEXO 2 - Requerimento 01/2017 – Contratação de Agente de Saúde

SERVIÇO PÚBLICO MUNICIPAL  
SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE  
GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE CAMETÁ/PA

Requerimento nº 01/2017

DA: COMUNIDADE DE ILHA TENTÉM.

PARA: EXMO SR. PREFEITO JOSÉ WALDOLI FILGUEIRA VALENTE

ASSUNTO: CONTRATAÇÃO

Ao cumprimentá-lo, o povo desta localidade vem através deste solicitar de V. Exa. a contratação imediata de 03 (três) agentes de saúde com a finalidade de atender as demandas das áreas que encontram-se descobertas nesta comunidades.

Informamos que atualmente possuímos apenas 01 (um) agente de saúde efetivo nesta localidade de 30% apenas das famílias, enquanto 70% estão descobertas desde 2004 quando um segundo agente de saúde desta localidade abandonou a função, e assim, deixando parte das famílias sem atendimento.

Neste contexto, senhor prefeito, a muitos anos nossas contribuições tributárias não tem nos dado retorno a este respeito. Porém, nós nos sentimos abandonados e vivemos a quem [*desassistidos*] de quando precisamos de um agente de saúde para nossas famílias.

Sendo assim, esperamos que se sensibilize com nossas situações e contrate imediatamente pelo 01(um) agente de saúde para ajudar a cobrir partes das áreas que estão descobertas.

Sem mais para o momento reiteramos votos de estimas e considerações.

Segue as assinaturas dos requerentes:

Ilha Tentém, 14 de fevereiro 2017.

## ANEXO 3 - Histórico da Comunidade Cristã de Tentém ano 2007

Nº 1 [página]

**HISTÓRICO DA COMUNIDADE CRISTÃ DE TENTÉM ANO 2007.**

QUANDO INICIOU: foi no dia 07 de Novembro de 1976. A equipe comunitária de pacuí de Cima na pessoa do Sr. Edegal Viana (já falecido). O Sr. Genésio Wanzeler. (já falecido). e da Sr<sup>a</sup> Sebastiana e da Sr<sup>a</sup> Edina e demais membros juntamente com as pessoas daqui de tentém que foram os seguintes: Nei Rodrigues Batista, Cornélio Ranieres, João Carlos, Antônio Lisboa (falecido) João Raimundo de Oliveira e Gordofredo Rodrigues Batista. Montaram uma equipe de 08 famílias onde celebravam o culto em casa particular. O 1º e o 2º culto foi celebrado na residência do Sr. Gordofredo Rodrigues Batista (já falecido). Depois a equipe arrecebeu [recebeu] um convite do Sr. Benedito dos Santos. Para que o Culto passasse a ser celebrado em sua residência aceito por todos.

Foi então que tivemos a 1º missa de fundação que foi no dia 12 de Março de 1977. Ficando lá no período de 04 anos. Neste mesmo período a equipe era dirigida por presidente:

1976 a 1977. Presidente. Nei Rodrigues Batista

1978: Presidente: Raimundo dos Santos.

Neste mesmo ano surgiu uma necessidade de professor para atender a demanda. Foi aí que a comunidade reuniu e escolheu como professores pela comunidade.

(Segue)

Nº 2 [página]

prof. Lucival Garcia e a prof<sup>a</sup> Nezita Silva Batista não tendo onde dá aula a Comunidade sedeu [cedeu] o barracão Comunitário onde trabalharam vários anos.

1949. presidente. Nei Rodrigues Batista (novamente).

Então foi colocado para essa equipe que o presidente que assumisse tinha a durabilidade [mandato] de dois anos.

1980 a 1981: presidente: João Raimundo de Oliveira (já falecido).

1982 á 1983: presidente: José Etevaldo Rodrigues Wanzeler.

Nesse ano foi criada uma das pastoral mais antiga de nossa comunidade que foi a pastoral da criança, que tinha como coordenadora a Sr<sup>a</sup> Maria Isaíra Batista Wanzeler: (já falecida) e as líderes: Maria França Gonçalves Rodrigues e Maria Elza Gonçalves Rodrigues.

Também nesse mesmo tempo tinha famílias que pagavam mensalidades. Com essas mensalidades e ajuda de muitas pessoas, foi comprado um terreno do Sr. Raimundo Agiar Rodrigues. Logo abaixo da casa do Sr Benedito dos Santos, no valor de 10.000.00 Dez Mil Cruzeiro. Aonde foi contruída a 1º casa Comunitária onde o culto passou-se a ser celebrado já na casa Comunitária.

Depois com p passado do tempo,foi dado o inicio a capela onde varias pessoas do lugar ajudaram com financia trabalho etc...

(segue)

Nº 3. [página]

Nesse 08 anos de existência tinham como principal atividades. Festa de padroeiro Catequese Batismo. Circulo Bíblico p. [pastoral] da Criança. 1984 em diante a

comunidade passou-se por uma reforma onde a comunidade deveria ser dirigida por coordenação. assumiram como coordenadores e vice:

1984 a 1985: Coordenador: Eneas Rodrigues Batista.

Vice-Coord: Sebastião Maciel Medeiros.

1986 a 1987: Coordenador: José Cecílio Rodrigues Neto.

Vice-Coord: Antônio Júlio Gonçalves Batista.

1988 a 1989: Coordenador: Nei Rodrigues Batista.

Vice-Coord: Pedro dos Santos Marques (já falecido).

1990 a 1991: Coordenador: João Raimundo de Oliveira (falecido).

1992 a 1993. Coordenador - Nei Rodrigues Batista.

1994 a 1995 - Coordenador - Enéas Rodrigues Batista.

Neste mesmo ano a comunidade atravez [*através*] dos companheiros José Cecílio Rodrigues Neto. Antônio Júlio Gonçalves Batista e Pedro dos Santos David.

Atravez [*sic passium*] de muita luta conseguiram trazer uma seção para funcionar dentro da comunidade.

1996 a 1997. Coordenador: Antônio Júlio G. Batista.

Vice-Coord: Enéas Rodrigues Batista.

1998 a 1999 – Coordenador - Nilson Pontes Carneiro.

Vice-Coord: (a) Maria Iranil Batista Wanzeler.

Nesta época de coordenação foi criada várias atividades além das quais já existia. Em 2000 houve renovação onde a comunidade passou-se a trabalhar como conselho de pastoral.

(segue)

Nº 4. [*página*]

2000 a 2001. Não tive coordenador e sim membros que foram os seguintes:

Ailson Pontes Carneiro. Lilia do Socorro Maciel. Socorro de Nazaré da Silva Batista. Benedito dos Santos Filho. Leonélio Garcia de Oliveira. Edson José Rodrigues Siqueira. Liduina do Socorro Cardoso da Silva. Raimundo Pinto dos Santos.

2001: Atuaram como membros:

Pedro Furtado Pinto. Antônio Júlio G. Batista. Leonélio Garcia de Oliveira. José Cecilio Rodrigues Neto. Elgina Maciel. Lilia do Socorro M. Maciel. Liduina do Socorro Cardoso da Silva. Maria Iranil Wanzeler de Oliveira. Maria do Carmo Maciel. Maria Edilesilda Garcia Medeiros. Diocelio Moreira Wanzeler. Jorge Miguel Batista Wanzeler. Zeladora: Isabel de Souza Medeiros (falecida).

Neste ano foram criado 4 grupos para trabalhar na evangelização e para facilitar os trabalhos e a participação que foram grupo: - Nossa Senhora das Graças. Tentém Grande de Baixo.

Grupo: Espirito Santo. Tentém-zinho de cima.

Grupo: São João. Tentém-Japim.

Grupo: Bom Jesus-Tentém-meio.

Com isso muitas pessoas participaram e a comunidade cresceu muito. Onde compramos uma caixa amplificadora para animar a celebração na comunidade. Onde cada domingo um grupo Celebrava:

2002 a 2003: Coordenadora e Tesoureira: Elgina Maciel. Secretaria e infância Missionária: Maria do Carmo Maciel.

(segue)

Nº 5. [*página*]

Pastoral Familiar CPA: Antônio Julio G. Batista.  
 Pastoral do Dizimo - José Cecílio Rodrigues Neto.  
 Pastoral da Criança - Liduina do Socorro C. da Silva.  
 Pastoral da Catequese - Maria Edilenilda Garcia Medeiros.  
 Pastoral da Liturgia - M. Ezequia: Edson José S. Rodrigues.  
 Pastoral da Crisma - Maria Iranil Wanzeler de Oliveira.  
 Pastoral da Juventude - Nei Rodrigues Batista.  
 Pastoral do Batismo - José Etevaldo Batista Wanzeler .  
 Ministro Eucarística ➤ [*José Etevaldo Batista Wanzeler*]  
 Animador da Comunidade - Leonelio Garcia de Oliveira.  
 Circulo Bíblico - Eneas Rodrigues Batista.  
 Zeladora - Isabel De Souza Medeiros (falecida).

Neste ano foi comprado o motor e gerador.

2004 a 2005. Coordenador: João Gonçalves Rodrigues.

Tesoureiro: Edson José Siqueira Rodrigues.

Secretaria e M. da Ezequia: Maria do Carmo Maciel.

Pastoral Familiar: Elgina Maciel.

Pastoral da Catequese - Lilia do Socorro Maciel.

Pastoral do Batismo - José Etevaldo Wanzeler Batista.

Pastoral do Dizimo - Antônio Júlio Gonçalves Batista.

Pastoral da Criança - Leonelio Garcia de Oliveira.

Pastoral da Crisma: Maria Iranil Wanzeler de Oliveira.

Pastoral da Juventude: Maria Edilenilda Garcia Medeiros.

Infância Missionária: Angélica Maciel.

Pastoral da Liturgia: José Cecilio Rodrigues Neto e João Gonçalves Rodrigues.

Ministro de Acolhida: Antonio Júlio Gonçalves Batista e Maria Iranil Wanzeler de Oliveira.

OBS: Mas não assumiram nem uma vez.

Ministro da Eucaristia – Leonélio Garcia de Oliveira.

OBS: Só assumiu 2005, depois que largou o trabalho.

(segue)  
 Nº 6. [*página*]

Zeladora - Ana Oliveira dos Santos.

2006 a 2007: Coordenador. M. Ezequia e Missão - Nei Rodrigues Batista.

Tesoureiro: 2006 - Pedro dos Santos David.

Tesoureiro 2007 - Manoel George Pinto Coelho.

Secretaria e P. Liturgia - Maria Edilenilda G. Medeiros.

Pastoral da Família 2006 - Elgina Maciel.

[*Pastoral do*] Batismo 2007 - Raimundo Pinto Batista.

Pastoral da Catequese - Maria do Carmo Maciel.

Pastoral da Crisma - Eneas Rodrigues Batista.

Pastoral do Dizimo - Adinamar Augusto Garcia Medeiros.

Pastoral da juventude 2006 - Lilia do Socorro Maciel.

[*Pastoral da juventude*] 2007 - Edson José S. Rodrigues.

Circulo Bíblico - [2007] Elgina Maciel.

Pastoral da Criança - Maria Alaide Batista Carvalho (evangélica).

Zeladora - Francisca Maciel.

Quantas Pastoral temos hoje: Estamos com 08 Pastoral e 1 Ministério que e o de Ezequia.

Temos também representação da entidade como colônia dos pescadores e sindicato.

Temos também o Agente de Saúde da comunidade e um prédio Escolar com 08 salas.

O que levou a formar a comunidade:

O que levou a formar a comunidade foi o jeito de ser, de celebrar e viver em comum. Foi isso que levou muitas pessoas a se enteres[s]arem a forma comunidade. Juntamente com a ajuda da CC da Pacuí de

(segue)  
Nº 7. [página]

Cima que deu muito apoio e encentivo até hoje.

Como foi escolhido o nome do santo padroeiro:

Antes existia uma i[r]mandade na casa do Sr.Nilo Wanzeler (falecido) que tinha como padroeira Nossa Senhora de Nazaré. Algumas dessas pessoas queriam que ela fosse a padroeira. Mas o padre Geraldão disse que santo de dono não servia para ser comunidade como padroeiro. Foi ai que o Sr.Alkmides Vital, mas conhecido como (Preto), deu a proposta que fosse o nome do santo Bom Jesus dos Navegantes. Porque naquele tempo tinha muitas pessoas do lugar que eram viajantes. Aceito por todos, ficou então o nome do santo como padroeiro Bom Jesus dos Navegantes.

A primeira imagem foi doado pelo Sr. Pedro Rodrigues Batista (falecido). Esta imagem não sendo do santo escolhido como padroeiro e sim de Bom Jesus do Bom-Fim. Novamente o Sr. Pedro Rodrigues Batista (falecido), fez novamente pedido da imagem. Chegando a imagem do Bom Jesus dos Navegantes. Ele entregou a comunidade e arrecebeu [*sic passium*] a 1º imagem do Bom Jesus do Bom-fim. Ficando como padroeiro até hoje de nossa comunidade.

Bom Jesus dos Navegantes. Também Maria Isaira Batista Wanzeler (falecida) sendo a coordenadora da catequese

(segue)  
Nº 8 [página]

juntamente com as outras catequista douaram a 2º imagem do Bom Jesus dos Navegantes. Também Neuzivaldo Wanzeler Garcia ofertou mais uma imagem de Bom Jesus dos Navegantes como (promessa). Hoje temos 3 imagem de Bom Jesus dos Navegantes.Temos também imagem de outros santos. Como:

uma imagem de São João Batista e uma imagem de Sagrada Família essas duas imagem foi ofertada por Elgina Maciel.

um Cruciflixo.

4 Quadro de Imagem.

Aqui vai os nomes das pessoas que iniciaram a comunidade.

Nei Rodrigues Batista.

Raimundo dos Santos.

João Raimundo de Oliveira (falecido).

José Etevaldo Rodrigues Wanzeler.

Sebastião Maciel Medeiros.

Pedro dos Santos Marques (falecido).

Benedito dos Santos.  
 Ana Oliveira dos Santos.  
 Isabel de Souza Medeiros. (falecida).  
 Nelzalia Batista Wanzeler.  
 Luzia Pinto Batista.  
 Júlia David Marques (falecida).  
 Luiza Pinto Batista.  
 Alkmides Vital Batista.

(segue)  
 Nº 9 [página]

Verinha Braga Paes.  
 Iraildes Batista Wanzeler.  
 Delfim Prestes Monteiro. (falecido)  
 Maria Elza Rodrigues Coelho.  
 Elza Rodrigues Borges.  
 Maria Isaira Batista Wanzeler (falecida)  
 Nelzita Batista de Souza.  
 Maria Liduina Batista de Oliveira.  
 Joana Borges Monteiro (falecida)  
 Deuzanira Prestes Batista.  
 José Monteiro de Souza.  
 Lucival Garcia.  
 Manoel Solustriano Wanzeler. (falecido).  
 Joaquim Prestes Batista.  
 Domingos Prestes batista.  
 Abilio de Freita David. (falecido).  
 Manoel de Jesus Carvalho.  
 José Maria Ranieres.  
 Pedro Rodrigues Batista. (falecido)  
 Eulalio Tenorio dos Santos.  
 Raimundo Pinto Batista.  
 Benedito Tenorio dos Santos.  
 Maria Batista Carvalho.  
 Manoel David Marques.  
 Valderi Siqueira.  
 Maria Eremita Pinto dos Santos.  
 Maria das Graças David Marques.  
 Neucivaldo Wanzeler Garcia.  
 Raimundo Pinto dos Santos.  
 Dioneia Caldas de Aragão.  
 Maria Isabel Pinto Coelho. (Evangélica)  
 Maria Célia dos Santos.  
 Raimunda Santa Carvalho Paes.

(segue)  
 Nº 10 [página]

Maria Osvaldina Carvalho do Carmo.  
 Venancio Paes (Evangélico)

Maria Gilda Braga Paes.  
 Flavia Tenorio dos Santos (1º Zeladora)  
 José das Mercês Cardoso.  
 João Mereles da Silva.  
 Luiza Pinto Batista.  
 Luzia Pinto Batista.  
 Leonardo Pinto Batista (falecido)  
 Antônio Cardoso.

Esta é a nossa História de nossa comunidade.  
 Tentém 19 de Junho de 2007.

Queremos levar os nomes dos conselheiros e membros que estão atuando hoje:

Coord: do Conselho M. Ezequia e P. da Missão.  
 Nei Rodrigues Batista [*assinatura*]  
 Secretaria e Pastoral da Liturgia.  
 Maria Edilenilda Garcia Medeiros [*assinatura*]  
 Tesoureiro da Comunidade.  
 Manoel Jorge Pinto Coelho [*assinatura*]  
 Pastoral da Catequese.  
 Maria do Carmo Maciel [*assinatura*]  
 Pastoral da Família e do Batismo. ACS.  
 Raimundo Pinto Batista [*assinatura*]  
 Pastoral do Circulo Bíblico.  
 Elgina Medeiros Maciel [*assinatura*]  
 Pastoral da crisma.  
 Enéas Batista Rodrigues [*assinatura*]  
 Pastoral do Dizimo.

(segue)  
 Nº 11 [*página*]

Adinamar Augusto Garcia Medeiros [*assinatura*]  
 Pastoral da Criança.

Pastoral da juventude. ECPA.  
 Edson José Rodrigues Siqueira [*assinatura*]  
 Ministro da Eucaristia.  
 Antônio Julio Gonçalves Batista [*assinatura*]  
 Zeladora.  
 Francisca Medeiros Maciel [*assinatura*]  
 Coordenador da Colônia:  
 Pedro Batista Filho [*assinatura*]  
 Representante do Sindicato.  
 José Cecilio Rodrigues Neto [*assinatura*]  
 Diretora da Escola.  
 Nezita Silva Batista [*assinatura*]

19/06/2007.

(segue)  
Nº 12 [página]

Aqui vai os pertence da comunidade.

Um terreno com 50 de frente e 100 de fundo.  
Um barracão comunitário com 19 de F. e 28 de fundo.  
Uma igreja de madeira com a frente de ovenaria [*alvenaria*].  
Um motor com gerador.  
Uma caixa de água.  
Uma caixa amplificadora e um microfone com fio.  
Um fogão de duas boca com botijão.  
Duas panela grande com alça.  
Uma e meia caixa de copo vidro.  
17 tigela de alumínio.  
16 colheres inox e 10 faca inox.  
21 prato de vidro.  
2 mesa grande e 1 pequena.  
4 caticar de porcelana 1 grande e 3 de metal.  
Uma bacia de alumínio.  
Um barco de madeira(promessa)  
4 florecente 3 de 40 e uma de 15.  
2 peça de fio elétrico 10.  
6 vaso de flores.  
1 pote com torneira.  
1 coração do dizimo.  
1 pia batismal.  
1 ambão e uma teca.  
10 toalha de mesa.  
1 bíblia grande e uma pequena.  
05 florecente nº 9  
1 Carote de 50 litro.  
1 Carcoladeira [*calculadora*] a pilha.  
1 escorredor de plástico.  
1 bule de café.  
1 deposito com tampa grande.